



BRAVI

UMA PAIXÃO SEM LIMITES

POR RAPHAEL CARNEIRO

EDITORA PLUS

editoraplus.org

BA-VI:
UMA PAIXÃO SEM LIMITES

Raphael Carneiro

outubro de 2009

SUMÁRIO

Bahia, 5

Sangue azul, vermelho e branco, 10

Mais que um time, uma religião, 32

Amor e ódio, 54

Paixão irracional, 73

Bahia de todos os santos, 90

Chupa que é de uva, 100

A esperança no campo dos sonhos, 112

Vitória, 115

Um jovem centenário, 120

Do inferno ao paraíso, 142

Súditos de sua majestade o Leão, 159

Violência organizada, 178

Apelo ao divino, 196

Senta que é de menta, 204

A esperança sul-americana, 216

Sobre esse livro, 219

Sobre a Editora Plus, 221

BAHIA



VINTE DE ABRIL DE 2008. Mais um Ba-Vi pelo Campeonato Baiano, desta vez pelo quadrangular final da competição. Seria o terceiro clássico do ano. Os outros dois haviam sido vencidos pelo Bahia e o torcedor tricolor estava confiante em mais um triunfo, mesmo a partida sendo na casa do adversário, no Estádio Manoel Barradas, o Barradão.

Os preparativos para a partida começaram cedo. Mesmo desprezando o estádio adversário o torcedor do Bahia compareceu em grande número, surpreendendo até mesmo os rubro-negros. O momento era propício a isto. O clube estava bem na disputa do Baiano, fazia a torcida relembrar as alegrias que teve durante anos e escassas desde a década de 90.

Apesar do histórico negativo no Barradão, desde 2006 o Bahia não sabia o que era perder no palco adversário. A dupla Ba-Vi dividia a liderança da fase decisiva do Baiano. Ambos tinham quatro pontos, mas o rubro-negro levava a melhor no número de gols



marcados: 6 contra 2. Aquele era o terceiro Ba-Vi da temporada e primeiro da fase final da competição. Vitorioso nos dois primeiros, o tricolor buscava manter o tabu no Barradão e chegar à terceira vitória consecutiva em clássicos depois de 14 anos.

O momento era de confiança e reencontro. Desde o acidente com a Fonte Nova, na Série C de 2007, o Bahia estava mandando seus jogos no Estádio Armando Oliveira, em Camaçari, e no Estádio Jóia da Princesa, em Feira de Santana. O clássico seria apenas a segunda partida do time em Salvador em 2008.

Por isso, o torcedor tirou sua camisa do armário e se dirigiu ao Barradão. As provocações voltaram a aparecer. Máscaras de proteção eram vistas em toda a área destinada aos tricolores. Diziam eles não querer sentir o fedor exalado por um antigo lixão que ficava próximo ao estádio. Já os religiosos, carregavam consigo seus santos e amuletos de sorte.

A Torcida Organizada Bamor, maior do clube, compareceu em número recorde. Um verdadeiro arrastão, que em tempos de violência, mostrou que o torcedor baiano ainda sabe torcer sem criar confusões. E bastou a Organizada entrar no estádio para a festa tricolor começar.

O primeiro grito de gol saiu logo aos 12 minutos. Mas, o bandeirinha fez questão de estragar a comemoração do atacante Didi marcando impedimento. Só que três minutos depois, o zagueiro Alison aproveitou um cruzamento e pôde, enfim, abrir o placar no Barradão.

A partir daí, a comemoração tricolor só fez aumentar. Aos 36 minutos, o meia Elias completou o cruzamento de Ávine e marcou o segundo gol do Bahia. O terceiro veio logo depois, com Elias cobrando escanteio e o volante Rogério aproveitando de cabeça aos 44 minutos. Já nos acréscimos, o Vitória ainda conseguiu descontar com Marco Antônio.

O intervalo veio e durante os quinze minutos de descanso, a torcida do Bahia que era minoria no estádio passou a ser maioria. Muitos rubro-negros não suportaram ver

a superioridade do rival e decidiram jogar a toalha. Não viram nem o quarto gol tricolor aos quatro minutos da segunda etapa, em um belo chute de fora da área de Rogério.

A partir daí os tricolores só queriam saber de comemorar. O “Créu” já estava na velocidade quatro. Muitos queriam o quinto gol. Os rubro-negros que resistiram até o final, só rezavam para que o vexame não fosse ainda maior. Rezavam e escutavam chacotas. Além do funk carioca, a torcida do Bahia lançou no Barradão o “Chupa que é de uva”, música de forró usada em alusão ao título da Copa da Uva, conquistado pelo Vitória em Caxias do Sul, e uma versão do “Beber, cair e levantar” que iniciava com “Vamos simhora pro Barradão...” e tem um final impublicável.

Depois dos gritos de “olé” durante a partida, até mesmo os jogadores entraram nas provocações. Ao final do jogo, todos se dirigiram ao espaço destinado à torcida do Bahia e simularam as danças. Nem mesmo o diretor de futebol, Ruy Accioly, deixou escapar mais uma oportunidade de alfinetar o rival.

– A manchete do jornal de amanhã tem que ser Vitória vira freguês do Bahia. (...) Jogamos duas partidas aqui no Barradão. A primeira dei de dois e agora, de quatro. O



placar geral é 6 a 1. O Barradão, com isso, continua a ser o “recreio dos tricolores” – brincava.

A goleada de 4 a 1 fez com que depois de anos o torcedor do Bahia pudesse recuperar o orgulho de ser tricolor, mesmo que durante um curto período. E é exatamente isto que o leitor vai encontrar nas páginas a seguir. A lembrança dos tempos de domínio do Esquadrão de Aço, as loucuras de seus torcedores, o surgimento e crescimento das torcidas organizadas, a violência provocada por elas, o apelo religioso para o sucesso do time do coração e, como não poderia deixar de ser, a maneira única como o torcedor baiano consegue criar e provocar os rivais.

SANGUE AZUL, VERMELHO E BRANCO

“Somos do povo o clamor, ninguém nos vence em vibração”. Um hino de um clube de futebol nunca esteve tão próximo de sua realidade como este. De autoria de Adroaldo Ribeiro Costa e, gravado

pela primeira vez em 1956 pela Banda do Corpo de Bombeiros, a canção representa fielmente o sentimento da torcida do Esporte Clube Bahia. Uma nação azul, vermelha e branca que não mede esforços para acompanhar, vibrar e também chorar ao lado do clube do coração.

Essa paixão começou a florescer em 1931. O País, à época, vivia um período de efervescência política. Washington Luís havia sido deposto da presidência do Brasil, com Getúlio Vargas assumindo o posto mais importante do País. A Bahia era um dos centros de oposição às forças que fizeram a Revolução de 1930. O comando do Estado foi passado às mãos de Juracy Magalhães, nomeado como interventor baiano.

– É dos ventos renovadores e efervescentes que sopravam da Revolução de 30 que nasce o Esporte Clube Bahia –, afirma o jornalista Nestor Mendes Jr. em seu livro *Esporte Clube da Felicidade: Bahia- 70 anos de glórias*.

O clube foi fundado oficialmente no dia 1º de janeiro de 1931, mas era planejado desde o final do ano anterior. Antigos integrantes da Associação Atlética da Bahia e do Club Bahiano de Tênis passaram a se reunir constantemente com a intenção de fundar

uma nova agremiação na Bahia, já que eles estavam insatisfeitos em suas respectivas equipes.

As primeiras notícias sobre a fundação deste novo clube começaram a ser divulgadas na cidade no mês de dezembro. No dia 7 daquele mês, o Diário da Bahia publicou uma nota com a intenção dos jovens dissidentes do Bahiano de Tênis e da Associação Atlética. No entanto, o texto aponta Atlético Bahiano Football Club como o nome da nova equipe.

A idéia já estava bem definida. O clube seria realmente criado, mas faltava estabelecer quais seriam suas cores. A decisão foi tomada um dia depois da nota publicada no jornal baiano. Era 8 de dezembro, a cidade festejava o dia de Nossa Senhora da Conceição quando alguns dos idealizadores do novo clube se encontraram.

Carlos Koch de Carvalho, Eugênio Walter de Oliveira, Fernando Tude de Sousa e Julio Almeida, do Bahiano de Tênis, e Waldemar de Azevedo Costa, este da Associação Atlética, discutiam a publicação no Cabaré do Jockey.

– Carlinhos Koch sugere o preto nos calções (do Bahiano) e o azul nas camisas (da Associação) para os uniformes. Em tom de brincadeira, Waldemar impugna o preto:

“Preto só no campo. Em escudo ou uniformes, sempre deu azar”. Então, sugere o branco, do Bahiano, o azul, da Associação, e o vermelho... “Bahia, Bahia, Bahia”, grita Julio Almeida – relata Nestor Mendes Jr. em seu livro .

Dois dias depois deste encontro, o jornal A Tarde também publicou uma notícia sobre a criação de um novo clube baiano. Esta nota, já mais completa que a do Diário da Bahia, revelava as cores da equipe e indicava dois possíveis nomes: Bahia Foot-Ball Club ou Sport Club Bahia.

No dia seguinte, uma reunião realizada na sede do Jockey e com a participação de mais de 70 pessoas, entre elas ex-jogadores do Bahiano e da Associação, e dirigida pelo então diretor do Diário da Bahia, Octavio Carvalho, confirmou as decisões já tomadas. O clube teria mesmo as cores da Bahia e seu uniforme seria composto por uma camisa branca, calção azul e uma faixa vermelha na cintura.

Os últimos dias do ano de 1930 serviram, então, para que fossem feitos os ajustes finais para a fundação do Sport Club Bahia. No dia 1º de janeiro do ano seguinte, uma assembléia aprovou os estatutos e elegeu por aclamação a primeira diretoria do clube, formada por Waldemar Costa (presidente), Alex Von Uslen (vice-presidente), Octávio

Carvalho (1º secretário), Júlio Almeida (2º secretário), João Barbosa (1º tesoureiro), José dos Santos Mello (2º tesoureiro), Plínio Rizério (diretor de esportes) e Aristóteles Gomes (orador).

Em seu início, a agremiação foi formada, basicamente, por jogadores da Associação Atlética e do Bahiano de Tênis. Essas duas equipes protagonizavam a maior rivalidade do Estado na época, o que reforça a tese de que o Bahia foi fundado não pela união de dirigentes, mas dos próprios jogadores. Por essa junção não ter sido feita entre as pessoas influentes das duas equipes, o tricolor não herdou a riqueza que aparentava ter, já que seus atletas eram da pequena burguesia baiana.

Se não tinha tanto poder fora de campo, dentro dele o Bahia mostrou que chegou para mudar a cara do futebol baiano. No primeiro jogo oficial, venceu o Ypiranga (seu primeiro rival) por 2 a 0. No mesmo dia, conquistou o primeiro título disputado, o Torneio Início do Campeonato Baiano de 1931. Meses depois, levantou mais um troféu. Já não mais como promessa e sim uma realidade do futebol no Estado, se tornou campeão baiano de 1931 com duas rodadas de antecedência. As conquistas em menos de um ano de fundação lhe renderam um slogan usado até os dias de hoje: “Nasceu para vencer”.

– Se a Revolução de 30 mudou a política e a sociedade, a entrada em cena do Bahia fez nascer não apenas mais um clube de futebol, mas a centelha para atizar a rivalidade com Ypiranga e Botafogo – à época, os clubes mais populares, agregando torcedores das camadas mais pobres – e, posteriormente, com o Vitória, operando uma verdadeira revolução no futebol da terra – afirma Nestor Mendes Jr., em um trecho de seu livro.

Com as surpreendentes campanhas em seus primeiros anos de existência, o Bahia passou a ganhar diversos “apelidos”. Um deles que marcou e acompanha o time até hoje é o de “Esquadrão de Aço”. A expressão foi usada pela primeira vez em 1946 pelo jornalista e primeiro orador do clube, Aristóteles Góes, em uma manchete do jornal A Tarde. A idéia veio depois de uma goleada de 7 a 2 sobre o São Paulo, o “Esquadrão da Fé”.

Com todas as conquistas dentro de campo, faltava ao clube um hino que identificasse seu torcedor, tido como apaixonado desde os primeiros anos. Foi então que, em 1944, Adroaldo Ribeiro Costa foi procurado no Clube Fantoques por quatro tricolores. Amado Bahia Monteiro, Osvaldo Gentil, Valdemar Menezes e Francisco Chagas queriam fundar a ‘torcida uniformizada tricolor’ e precisavam de um canto. O pedido foi atendido já no dia seguinte.

– Aquilo foi fácil. Foi um simples traduzir o que eu sentia. Repare que a letra reflete os sentimentos da torcida, àquele tempo um núcleo aguerrido que iria se transformar no que é hoje: um clamor do povo – relembra o compositor em entrevista ao jornal A Tarde em dezembro de 1958.

Apesar da expressão da letra e da representação do sentimento da torcida, o hino não vingou. A letra ficou guardada de 1944 até 1956, quando o organizador da campanha ‘Por 10 mil sócios, nenhum a menos’, João Palma Neto, recorreu ao mesmo Adroaldo na tentativa de um hino para o clube. Revelada a existência do antigo, o maestro Agenor Gomes fez a instrumentação, a banda do Corpo de Bombeiros ensaiou e a canção foi enfim gravada nos estúdios da Rádio Cultura.

O hino foi mais uma estratégia para a popularização do clube. Essa ação, de levar o Bahia às classes mais populares, se iniciou em 1954, quando depois de eleger-se vereador, sendo o membro da Câmara Municipal mais votado da capital baiana, Osório Villas Boas assumiu a presidência do Esporte Clube Bahia, dividindo a história do Esporte Clube Bahia em duas partes:

– Até 1954 e de lá até os dias atuais. Até 1954, era o Bahia dirigido por uma aristocracia, sobreviviva às custas de uma meia dúzia de “coronéis”, gente de dinheiro, e gente, no entanto, à qual o clube deve muito. Em 1954, quando passei a dirigir o valoroso “esquadrão de aço”, uma das minhas primeiras preocupações foi a de popularizá-lo, usando, é claro, o potencial já existente –, gaba-se Osório Vilas Boas, no livro Futebol: paixão & catimba, resultado de entrevista aos jornalistas Newton Calmon e Carlos Casaes.

O dirigente revela que passou a dar entrevistas às emissoras de rádio mais frequentemente, aparecia nas páginas dos jornais quase todos os dias e, o principal, levou o elenco do Bahia para realizar treinos coletivos e amistosos no subúrbio e nos municípios do interior do Estado.

Essa preocupação em ampliar o número de torcedores foi logo entendida como uma forma de Osório aumentar seu prestígio político. No entanto, ele lembra que foi eleito pela primeira vez em 1950, quando era apenas um torcedor comum do Bahia. Mas, reconhece a ajuda da torcida tricolor para a reeleição quatro anos depois. Para ele, o mais importante era mudar o perfil do torcedor.



– Percebi que quando um homem do povo se dizia torcedor do Bahia, o apaixonado por outro time qualquer (Ipiranga, Botafogo, etc.) indagava: ‘Como é que um “cara” como você gosta de um clube de granfinos?’ A verdade é que um carregador, um “boy”, um ascensorista, um funcionário da Limpeza Pública, etc., torcia era para o Botafogo, o Ipiranga. Os mais aquinhoados dividiam-se entre o Bahia e o Vitória –, explica em sua entrevista.

A popularização, que começou com ações de marketing, terminou de forma bem-sucedida dentro de campo. Uma prova de que Osório Vilas Boas havia sido exitoso na tentativa de popularizar o clube veio em 1957, quando a equipe retornou de uma excursão à Europa.

O Bahia saiu de Salvador sendo motivo de chacota pela imprensa local. O sócio que iria financiar a viagem desistiu de última hora. Foi o governo do Estado, através do Banco de Fomento, com o aval do governador Antônio Balbino, que financiou a viagem, com a promessa do ressarcimento em 90 dias.

A excursão foi marcada por confusões e desencontros. O agenciador dos amistosos acabou se mostrando um verdadeiro vigarista. A delegação teve de se virar sozinha para recuperar o dinheiro emprestado pelo governador Balbino e voltar ao Brasil com lucro. Com as vitórias dentro de campo, o dinheiro apareceu e o clube pôde enfim retornar. Não sem antes a acusação de contrabando no aeroporto de Recife. Já em Salvador, uma demonstração de carinho que marcou a vida daqueles que participaram da aventura.

– E como se não bastasse, havia povo – mas povo mesmo, multidão – no aeroporto. As manifestações de aplausos ao Bahia constituíram-se num acontecimento inédito. Duraram das cinco horas da tarde, quando o avião chegou, até uma hora da manhã do dia seguinte, na Praça da Sé. Não esqueço que, durante o percurso festivo, passamos pela casa do Waldemar Costa, na Barra, e pelo Palácio da Aclamação, onde nos saudou o governador Antônio Balbino. Na Praça da Sé o que houve foi um verdadeiro Carnaval. Diante daquele espetáculo quem mais poderia dizer que o Bahia era um clube só de elite? Quem bancaria idiota bastante para não imaginar que seu crescimento seria – como foi – espantoso? – indaga Osório Vilas Boas.

A demonstração popular surpreendeu os jogadores e a imprensa local. O ex-jogador do Bahia Marito se disse emocionado com as ruas lotadas. Já o Diário de Notícias não poupou adjetivos ao descrever o acontecimento:

– Mais que um triunfo do prestígio, muito mais ainda que uma autêntica vitória da popularidade, foi de verdadeira consagração a efervescente e entusiástica recepção que o Bahia recebeu ontem em nossa capital, ao regressar de sua exitosa excursão ao Velho Mundo. Centenas de milhares de pessoas, desde as primeiras horas da tarde, se concentravam no centro da cidade, cada qual mais excitada na expectativa de encontrar um transporte para o Aeroporto de Ipitanga, onde às 16 horas deveria desembarcar a delegação tricolor. Da Praça da Sé até a sede do Bahia o burburinho era tremendo. O povo, já àquela altura invadido pelo contágio emocional de receber o clube do seu coração de regresso à pátria, vibrava loucamente, tomado de uma euforia que, em palavras, não poderia ser absolutamente descrita. Nunca víamos, em dia útil, uma concentração popular tão grande no centro da cidade, com a massa tricolor a entoar uníssonos o hino do Bahia – descreve a publicação.

Se em 57 as ruas de Salvador viraram um verdadeiro Carnaval por causa do regresso do Bahia da Europa, dois anos depois, ou melhor, três, a festa seria ainda maior. Uma

verdadeira comprovação do crescimento rápido e surpreendente do número de torcedores do clube.

No primeiro campeonato nacional disputado no País, a Taça Brasil, o Bahia fez história. Depois de derrotar o Vasco da Gama nas semifinais da competição, foi jogar a final histórica contra o Santos, considerado o melhor time do mundo à época com titulares como Zito, Jair, Coutinho, Pepe e o rei Pelé.

Foram necessários três jogos para se definir o primeiro campeão brasileiro. No interior de São Paulo, o Bahia consegue vencer por 3 a 2, de virada. Na volta, em Salvador, necessitava apenas de um empate para levantar o troféu. No entanto, o time baiano não resistiu à magia de Pelé e foi derrotado por 2 a 0. Pelo regulamento da competição, foi realizado um terceiro e decisivo jogo. Apesar de decidir a Taça Brasil de 1959, a partida foi realizada em 29 de março de 1960, no Estádio Mário Filho, o Maracanã, no Rio de Janeiro.

O jogo foi realizado no mesmo dia do aniversário de Salvador. Mas os festejos pela data comemorativa tiveram de ser adiados por algumas horas. Enquanto a capital baiana comemorava seus 411 anos, maior parte da população estava com os ouvidos aten-

tos ao radinho. E foi através dele que ouviram o Santos abrir o placar aos 27 minutos do primeiro tempo com um gol de Coutinho. A tristeza, no entanto, demorou pouco. Dez minutos depois, Vicente empatou para o Bahia em cobrança de falta.

Assim como no primeiro confronto da final, a virada baiana saiu no segundo tempo. Aos 45 segundos de jogo, Biriba aproveita uma cobrança de escanteio e cabeceia para o gol. O zagueiro Getúlio salva em cima da linha, mas atento ao rebote, Léo marca. A consagração e a confirmação da raça tricolor vieram aos 36 minutos da etapa final, quando Alencar fechou o placar: Bahia 3x1 Santos.

O Esporte Clube Bahia se tornava assim o primeiro clube a conquistar um título nacional e, conseqüentemente, a primeira equipe a representar o Brasil na Taça Libertadores da América. O feito mereceu elogios nos jornais de todo o País. Em Salvador, não poderia ser diferente. Assim como havia acontecido dois anos antes, a torcida tricolor voltou a invadir as ruas de Salvador.

– Encerradas as transmissões das emissoras de rádio, o povo saiu às ruas num verdadeiro Carnaval. O Bahia entra em festa por todo o mês de abril, cujo ponto alto é o sábado, dia 2, quando, mais uma vez, uma multidão abarrota as dependências do

Aeroporto de Santo Amaro de Ipitanga para esperar a chegada dos heróis do primeiro campeonato brasileiro de clubes, depois de abortada a idéia de fazer dois jogos amistosos em Belo Horizonte. Às 13h30, quando se abriu a porta do PP-LER do Lóide Aéreo, foi uma apoteose. Os jogadores foram carregados nos braços até os “jeeps” cedidos pela Petrobras para o desfile. Às 15 horas a banda do Corpo de Bombeiros abriu o desfile, puxando centenas de automóveis e ônibus. Paradas em Itapuã, onde moravam Biriba e Léo, nas sedes do Botafogo – que hasteou a bandeira do Bahia – e do Ypiranga, no Palácio da Aclamação, no Campo Grande, para a homenagem do governador Juracy Magalhães, na Praça Municipal, para a saudação do prefeito Heitor Dias, na Praça da Sé, ponto final do delírio da torcida tricolor – relata o autor de Esporte Clube da Felicidade: Bahia- 70 anos de glórias .

A conquista do título da Taça Brasil deu ao Bahia maior respeito nacional. O time passou a ser estimado em todos os cantos do País. Ainda mais que, depois da conquista inédita, o tricolor sagrou-se por duas vezes vice-campeão da competição. Em 1961 e 1963, o destino reservou duas finais contra o mesmo Santos. Nessas duas ocasiões prevaleceu o poder ofensivo de Coutinho, Pelé e Pepe.

A força do início da década de 60 foi aos poucos dando espaço ao crescimento de mais um rival: o Esporte Clube Vitória. Apesar disso, o Bahia mantinha a supremacia dentro e fora de campo. Tanto é que logo após a Copa do Mundo de 1970, quando a seleção brasileira conquistou o tricampeonato mundial, o cartunista Lage lembrava que os baianos tinham um consolo com o final da competição mundial. De acordo com ele, pelo menos 85% da população da Bahia poderia manter a euforia da Copa do México com os gritos de “Bahia! Bahia! Bahia”.

O então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) – que hoje corresponde à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) –, João Havelange, afirmou em entrevista à Tribuna da Bahia que o futebol baiano vivia uma crise há duas décadas. Para Havelange, o Bahia fazia com que o esporte do Estado não fosse relegado a segundo plano pela entidade nacional.

Mesmo com todos os problemas, o Vitória começou a esboçar um crescimento. E foi aí que Osório Vilas Boas afirma ter entrado em cena novamente. No livro Futebol: paixão e catimba, o dirigente conta que antes de um Ba-Vi de 1972, no percurso do bairro da Barra até a Pituba, contou dez bandeiras rubro-negras contra apenas quatro tricolores.

– O espetáculo que então assisti me doeu, doeu muito, uma tristeza enorme, tristeza que depois me impeliu à luta e eu voltei com toda a garra possível. Vi o quadro de modo realista: o Bahia estava por baixo, quase acabado, o Vitória dominando a Federação e já se infiltrando na CBD – relembra.

Foi aí que, mesmo com a posição contrária de amigos e familiares, Osório decidiu retornar ao comando do Bahia. No mesmo ano foi eleito por unanimidade presidente do Conselho Deliberativo do clube. Apesar de o Vitória ter conquistado o título em 72, o tricolor mudou completamente o quadro do futebol baiano naquela década.

A partir do ano seguinte, o clube iniciou uma série inédita e, até hoje, inalcançável de títulos consecutivos. A torcida comemorou as conquistas de 73, 74, 75, 76, 77, 78 e 79. Foram sete títulos estaduais conquistados pelo Esporte Clube Bahia de forma ininterrupta. Hexacampeonato que devolveu o prestígio ao time e a alegria à maioria da população baiana.

Nesse período o tricolor já era mais do que conhecido como o time do povão. Uma clara demonstração do amor das classes menos favorecidos pelo azul, vermelho e branco vem com uma publicidade da DM-9 veiculada em 1981. No anúncio do grupo imobili-

liário Ciplan estava escrito em letras garrafais: “Quando o Bahia ganha, a obra adianta. Quando perde, atrasa”. Logo abaixo, o complemento: “Obrigado Bahia. Este ano vamos entregar todas as nossas obras antes do prazo”.

Se as conquistas estaduais já eram motivo de comemoração entre empregados e patrões, imagine um novo título nacional. E foi exatamente isto que aconteceu no Campeonato Brasileiro de 1988. A decisão só foi realizada no ano seguinte, mas a conquista baiana foi recheada de demonstrações de paixão pela torcida.

A “Nação Tricolor”, como passou a ser chamada, recebeu de presente do cartunista Ziraldo o mascote do “Super-Homem Tricolor”, que se mostrou um verdadeiro pé- quente. Na campanha do bicampeonato, o Bahia foi o líder de arrecadação na Copa União. Já na média de público ficou atrás apenas do Flamengo. Eram 25 mil e 329 tricoulores a cada partida no Estádio Octávio Mangabeira, a Fonte Nova.

Uma das partidas que contribuiu para este número foi a semifinal do Brasileiro. No dia 12 de fevereiro de 1989, quando o Bahia derrotou o Fluminense do Rio de Janeiro por 2 a 1, 110 mil e 438 torcedores pagaram ingressos para assistir ao jogo. No entanto,

mais de 130 mil pessoas estiveram presentes ao estádio. Recorde de público da antiga Fonte Nova.

Foi com a força da torcida que o time chegou à decisão contra o Internacional. No primeiro jogo, em Salvador, os gaúchos saíram na frente com um gol de Leomir aos 19 minutos do primeiro tempo. Mas, o time formado basicamente com pratas-da-casa mostrou seu verdadeiro valor. A geração de Bobô, Osmar e Charles partiu para cima. O empate veio com Bobô aos 36 minutos da etapa inicial. No segundo tempo, o meia voltou a marcar, logo aos cinco minutos. Foi este o gol da virada, da vitória na partida e, conseqüentemente do título nacional.

Ao final do jogo, o placar da Fonte Nova deixava claro que os baianos não iriam deixar escapar o título no Rio Grande do Sul. Abaixo do resultado do jogo (Bahia 2x1 Inter), a provocação: “Churrasco à baiana”.

Na partida de volta, muita catimba e provocação. Apesar de toda a pressão, com direito a macumba na porta do vestiário tricolor, o zero não saiu do placar. O empate ao final dos 90 minutos garantiu, em solo gaúcho, o bicampeonato brasileiro do Esporte Clube Bahia.

Mais uma vez a Nação Tricolor invadiu as ruas para comemorar a conquista. Toda a festa foi narrada em seus detalhes pelo jornalista Nestor Mendes Jr.:

– Na quarta-feira, na chegada a Salvador, uma apoteose. Foi carnaval no Aeroporto 2 de Julho nesse 22 de fevereiro de 1989. Uma multidão calculada em 30 mil pessoas foi receber os bicampeões brasileiros. Delegações chegavam, em ônibus, de todo o interior da Bahia. Os trios Dodô e Osmar e Realce animavam a torcida. Centenas de bandeiras e faixas pintam de azul, vermelho e branco o Dois de Julho. Às 13h35, quando o Boeing aterrissa, da cabine da tripulação surge uma bandeira tricolor. Era a senha para começar a loucura. Quando a porta do avião é aberta, desce um sorridente Evaristo de Macedo e depois, um a um, os heróis do Beira Rio. Um enorme congestionamento pára a Avenida Dorival Caymmi. Já passavam das 16h e a caravana não tinha passado de Itapuã. A noite caía e o Carnaval já tomava conta da cidade. Em todos os lugares, o povo nas ruas. Em Amaralina, a saudação das baianas. No Farol, festa. Interditada entre a Vitória e a Chile, a Avenida Sete parecia preparar-se para os blocos e afoxés. No Campo Grande, mais folia. O trio Top 69 fazia balançar o chão da Praça Castro Alves, que explodiu quando tocou o Hino do Bahia na chegada dos heróis. O expediente dos funcionários municipais só durou até o meio-dia, enquanto nas empresas privadas, sem direito a ponto facultativo, muita gente não foi trabalhar. Não era feriado nem



dia santo, mas naquele 22 de fevereiro, Salvador parou. Todo mundo sabe quando a festa começou, mas ninguém lembra quando ela acabou.

Até mesmo grandes nomes do jornalismo nacional se renderam à paixão do torcedor tricolor. Juca Kfoury, que assume publicamente uma simpatia pelo Bahia depois desta conquista, assim escreveu na Revista Placar:

– ...E campeão talvez porque nenhuma outra legião de seguidores mereça há tanto tempo esse título. A nação tricolor fez da paixão pelo Bahia uma profissão de fé que transforma a Fonte Nova no templo mais carinhoso do futebol brasileiro – declarou o jornalista.

E foram muitos os torcedores que, em todo esse período, se destacaram na Fonte Nova. A legião de seguidores se renova a cada ano. Como já virou praxe no Estado, o Bahia não é apenas um time, mas

uma religião. E dentre os fiéis torcedores, alguns se destacaram nas arquibancadas, mesmo sem fazer parte de nenhuma torcida organizada.

A primeira liderança foi Martins Benjamin. Seu Ben, como era conhecido o motorneiro da Linha Circular, marinheiro e funcionário da Alfândega viu o Bahia ser fundado em 1931. Acompanhou de perto os primeiros anos do clube e comandou durante muito tempo a festa da torcida tricolor. Com o surgimento da Fonte Nova, nos anos 50, foi a vez de João Gualberto da Silva assumir o posto, sendo substituído por Pernambuco.

Mas foi em 1968 que surgiu o mais famoso e folclórico líder tricolor. Com uma camisa tricolor com o número 69 nas costas, Lourival Lima dos Santos, nascido em 1945, se immortalizou na Fonte Nova. Talvez muitas pessoas não o conheçam pelo nome de batismo. No entanto, basta revelar o apelido de Lourinho para os tricolores se lembrarem da buzina de gás comprimido e dos diversos “trabalhos” a favor do clube do coração.

Assim é a torcida do Bahia, alegre, espontânea, apaixonada. Apesar do declínio do time em campo nos últimos anos, causado em grande parte pelo modelo administrativo e pelo fortalecimento do rival, o Vitória, com a construção do estádio próprio, o

Barradão, o tricolor não tem abandonado sua maior paixão. Um relacionamento quase que impossível de ser explicado.

– Acontece, que o Bahia é mais do que um patrimônio do esporte do nosso Estado. É, como são outros grandes clubes, um patrimônio nacional, especialmente daqueles torcedores que vão à praia domingo, deliciar-se ao sol até as 13 horas – com suas namoradas ou com suas famílias, não importa – e correm para casa a tempo de almoçar (ou não almoçar), preocupados em não perder a partida em que intervirá o seu querido “esquadrão de aço”. Muitos desses torcedores moram em Periperi, Plataforma ou Paripe. Apinham-se nos trens ou ônibus e para quê? Para aplaudir o seu clube, desfraldando bandeiras ou gritando ou, simplesmente, sorrindo face a cada boa jogada, diante de cada gol. E, em certos casos, – o que não é comum no que diz respeito ao Bahia – sofrer com a derrota inevitável, imaginando mil-e-uma razões para explicá-la. Compreendo porque agem assim. Eu também sou louco pelo futebol e, em especial, pelo Bahia – tenta explicar o ex-presidente Osório Vilas Boas.

Muitos outros tentaram entender ou, simplesmente, explicar a torcida do Bahia. As tentativas foram em vão. Mas, há 37 anos, em 1971, o ícone da crônica esportiva baiana, França Teixeira, deu seu depoimento sobre a paixão tricolor. Opinião que se

mostra atual até os dias de hoje e serve como alerta para alguns e dá mais forças e esperança para outros.

– O Bahia é eterno. Chego à conclusão que mito não é Osório, não é Saad, não é ninguém. Força no Bahia é sua gente, o seu povo. Torcida que levanta cadáver, que arromba peito, que fura barreiras. Torcida que anula e faz gol. Que bota e tira jogadores, técnico, presidente, conselheiro, o escambau a quatro, torcida que marca pênalti. E desmarca também...

MAIS QUE UM TIME, UMA RELIGIÃO

Falar que o Bahia é apenas um time de futebol soa como uma ofensa para seus milhões de torcedores. Convencionou-se dizer que a paixão pelas cores azul, vermelho e branco extrapola os campos de futebol. Para muitos, os tricolores não seguem apenas um time, mas unidos formam uma religião que surpreendeu o Brasil mostrando sua força no pior momento da história do clube.

Em 2007, quando o Bahia disputou pela segunda vez consecutiva a Série C do Campeonato Brasileiro, até então última divisão do futebol nacional, os torcedores deram exemplo de paixão. Naquele ano, foi do Bahia a melhor média de público entre todas as três divisões nacionais. Com uma média de 40.410 torcedores por jogo, segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), os baianos superaram até mesmo o Flamengo, equipe considerada de maior torcida do País, que levou ao Maracanã 39.221 torcedores por jogo na Série A do Brasileiro.

Também em termos numéricos, uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, em novembro de 2007, apontou o baiano como o torcedor mais fiel do Brasil. Entre tricolores e rubro-negros, o torcedor do Bahia ficou com o título nacional. Enquanto 23% dos corintianos e 30% dos flamenguistas afirmaram ter o campo de futebol como preferência para um programa, 36% dos torcedores do Bahia expressaram a mesma opinião.

- Como é que um time jogando a 3ª Divisão (em 2006) contra o Ananindeua, com todo respeito, consegue colocar mais de 50 mil pessoas? – disse, admirado o volante Preto

Casagrande, ex-jogador do Bahia, na edição do dia 15 de janeiro de 2008 do jornal A Tarde.

Se os números muitas vezes são frios, a torcida faz questão de esquentá-los com demonstrações inquestionáveis. Uma delas aconteceu em 2006, logo depois de o clube fracassar na tentativa de retornar à 2ª Divisão do Brasileiro. Depois de uma vergonhosa goleada para o Ferroviário por 7 a 2, mais de dez mil tricolores foram às ruas. Era uma sexta-feira, 24 de novembro, quando aqueles apaixonados fizeram uma grande passeata do Campo Grande à Praça da Sé. Colorindo com as cores do clube e clamando por mudanças na Avenida Sete de Setembro, conhecida nacionalmente por ser palco tradicional do Carnaval de Salvador.

A emoção do momento e a demonstração de amor dos torcedores repercutiram nacionalmente. Mas, foi no jornal baiano Tribuna da Bahia que o diretor de redação, Paulo Roberto Sampaio, deixou de lado os melindres que cercam muitos jornalistas esportivos e não hesitou em declarar seu amor ao Bahia e a surpresa com a reação da torcida.

– Ver a Avenida Sete tomada de irmãos tricolores a cantar com orgulho esse hino que é quase uma oração, me fez ter a certeza de que o Bahia é maior que tudo e que todos. (...) A força que a torcida mostrou nesta sexta-feira colorindo de azul, vermelho e branco o asfalto da avenida me fez ter toda essa certeza. Mas, meu Deus, se não tiver de ser assim e for por conta de algum pecado meu, que eu tenha de continuar sofrendo a cada domingo na Fonte, vendo meu Bahia humilhado, me leve logo, mas não deixe meu Bahia morrer – escreveu em um editorial publicado no jornal.

Ao longo da história, além de apelidado de clube do povão, o Bahia ficou conhecido por conquistas sofridas. “Com o Bahia tem de ser assim, sempre sofrido, no último minuto”. Essa é uma das frases mais repetidas por seus torcedores. Talvez, tenha sido por isso que o clube se tornou tão apaixonante para esses fanáticos.

Um exemplo dessa emoção até o final também foi na disputa da Série C, mas em 2007. O clube estava ameaçado de não se classificar para o octogonal final da competição. Precisava vencer o Fast Club, na Fonte Nova, e torcer por um tropeço do Rio Branco, que jogava em casa contra o ABC.

Na Amazônia, tudo deu certo. O Rio Branco chegou até a desperdiçar uma penalidade máxima. Mas, na Fonte Nova, o Bahia não fazia sua parte. Oportunidades desperdiçadas uma atrás da outra. Até que aos 50 minutos do segundo tempo, o atacante Charles, que havia entrado pouco antes, aproveitou um cruzamento, fez o gol e garantiu a classificação do tricolor.

No dia seguinte, os jornais destacaram mais uma vez a mística da camisa tricolor. Manchetes classificavam o feito como milagroso. Como exemplo a da Tribuna da Bahia, “Para Deus e o Bahia nada é impossível”. Já no texto sobre a partida, o jornal destacou o amor do torcedor.

– Pulos, gritos, lágrimas, tudo fazia parte de um sentimento só: o Bahia. A festa da torcida, mesmo ao final do jogo, deixou claro que torcer pelo Bahia não é uma simples paixão. É religião.

Sentimento que pode levar o torcedor a cometer atitudes impensadas. Como o que aconteceu no jogo de estréia da seleção brasileira na Copa América de 1989, realizada no Brasil.



Na ocasião, o Bahia era o então campeão brasileiro. O título, conquistado em cima do Internacional, no Estádio Beira Rio, dava a sensação ao torcedor de que o time era o mais importante do País. Por isso, os tricolores exigiam a convocação do atacante Charles para defender as cores do Brasil na competição.

O pedido foi atendido, Charles convocado, mas no voo para Salvador, a comissão técnica decidiu cortá-lo da delegação. Não deu outra. O clima na cidade foi de total revolta. O então presidente do Bahia, Paulo Maracajá, decidiu ir à concentração brasileira, em um hotel da capital baiana, e levou de lá o atacante para disputar uma partida pelo Campeonato Baiano.

A insatisfação foi transmitida pelos torcedores no primeiro jogo na competição, que foi realizado na Fonte Nova. O hino nacional foi vaiado, uma bandeira do Brasil queimada e a torcida passou para o lado adversário. A atitude fez, inclusive, com que o atacante Bebeto

declarasse ter vergonha de ser baiano. Mas, para Maracajá, essa foi mais uma demonstração de amor da torcida do Bahia.

– Isso foi um desabafo natural do torcedor porque o Bahia tinha sido campeão brasileiro e Charles artilheiro. A torcida do Bahia se sentiu chateada, ofendida, mas foi um gesto de indignação. É claro que o hino nacional brasileiro e a bandeira são intocáveis. Só em um momento de paixão para a pessoa fazer isso – ameniza.

Paixão demonstrada coletivamente e, também, individualmente. A torcida do Bahia se caracterizou por ter personagens folclóricos nas arquibancadas. Tricolores que marcaram época e serviam como amuleto para os outros torcedores.

– O Bahia teve três figuras folclóricas: Jones, que foi o primeiro, Lourinho e agora Binha. São três torcedores símbolos do Bahia. Todos eles tiveram fatos marcantes, todos eles procuraram ajudar e todos eles foram importantes para o Bahia – comenta o atual conselheiro do clube, Paulo Maracajá.

Destes três torcedores, o que ficou mais conhecido e marcado pelos tricolores foi, sem dúvida, Lourinho. Lourival Lima dos Santos, atualmente com 63 anos, fazia a alegria daqueles que sentavam próximos à torcida Fiel na Fonte Nova. Ficou conhecido por se dizer pai-de-santo e fazer diversos trabalhos para beneficiar o time do coração. Além disso, sua buzina de ar comprimido ecoou durante anos e hoje, muitos sentem falta do barulho.

Depois de anos acompanhando o Bahia em todos os cantos do País, Lourinho decidiu se afastar do clube desde a década de 90. O motivo, segundo dizem, por problemas de saúde. Primeiro, uma cirurgia para a instalação de uma ponte de safena. Depois, um derrame cerebral que deixou seqüelas em seu corpo.

A Fonte Nova já não tem mais a presença de um de seus torcedores símbolos, mas seu destino não ficou bem esclarecido.

- Lourinho está em Belém do Pará morando com um filho que é sargento da Marinha
- afirma convicto Alvinho Barriga Mole, torcedor símbolo do Vitória que diz ser grande amigo do torcedor do Bahia.

Já o ex-presidente do Esporte Clube Bahia, Paulo Maracajá, que teve relação mais próxima com Lourinho, contratando-o inclusive para ser seu funcionário na Assembléia Legislativa da Bahia, tem outra versão.

– Não. Lourinho está morando no Piauí, em Teresina. Ele se aposentou e foi viver lá com sua mulher. Inclusive, quando eu fui lá no Piauí para assistir um jogo do Bahia, estive lá com ele, na casa dele – afirma Maracajá.

O destino pode não ser tão claro assim, mas uma coisa é certa: o amor pelo Bahia. Segundo o ex-presidente do clube, Lourinho continua apaixonado pelo azul, vermelho e branco. Sem poder tocar sua buzina nas arquibancadas da Fonte Nova, agora acompanha de longe a odisséia do Bahia. A televisão e o rádio substituíram os antigos companheiros de estádio.

Um desses amigos era um dos maiores rivais em dia de clássico. Alvinho Barriga Mole conta que os dois viviam juntos. Sorrindo, lembra uma disputa que tiveram em uma promoção realizada pelo radialista França Teixeira.

– Eu e Lourinho fomos à Fonte Nova para ver qual a buzina que tocava mais alto. A minha tocou mais alto e eu fui a Manaus. A buzina de Lourinho ficou rouca e a minha estourou. Fui para Manaus – relembra.

Companheiro de aventuras fora do estádio, pede espaço para tentar desfazer uma injustiça com o tricolor.

– Rapaz, muitos andavam dizendo que Lourinho é bicha, mas não é nada disso. Não é não rapaz. Eu tenho uma fazenda em Feira de Santana e toda micareta ele ia pra lá e direto em minha fazenda. Comia lá, dormia lá. Agora, ele pega tudo quanto é tipo de mulher – revela Alvinho.

A amizade entre os dois era tamanha, que Lourinho fazia loucuras para estar perto do amigo.

– Na semana que ele foi operado do coração, meu filho tinha sofrido um acidente e Lourinho estava aqui no Rio Vermelho tomando cerveja. As enfermeiras diziam: “Lou-

rinho pelo amor de Deus, você foi operado”. E ele disse que tinha ido ver meu filho. Era uma figura comigo. Agora, na Fonte Nova, quando era Ba-Vi, a gente brigava. Eu de um lado e ele do outro, mas quando saía, a gente se encontrava para comer água – diz Alvinho.

Depois que Lourinho deixou o Estado, o Bahia passou certo período sem qualquer referência individual nas arquibancadas. Até que o famoso Binha de São Caetano roubou a cena.

Vestido da cabeça aos pés com as cores do Bahia, Binha ocupou o espaço deixado por Lourinho. O novo ícone também assistia aos jogos na Fonte Nova na torcida Fiel. A diferença é que a antiga buzina foi trocada por uma enorme bandeira do Bahia autografada por jogadores que já vestiram a camisa do clube.

O uniforme de Binha é sempre o mesmo em qualquer dia da semana em qualquer lugar da cidade. Tênis, meia por cima da calça do Bahia, camisa do clube, uma touca tricolor e a bandeira na mão. Assim, ele acompanha a equipe por todo o Brasil e faz tudo que precisa fazer em Salvador.

A fama dele é tamanha que em 2008, no jogo contra o CRB, em Maceió, pela disputa da Série B, torcedores locais o paravam para tirar foto. Era pouco mais das dez horas da manhã, quando Binha estava correndo com o uniforme de sempre pela areia da praia. Os torcedores do Bahia que já estavam no local não agüentaram vê-lo e iniciaram uma grande festa. Os alagoanos olhavam meio sem entender o que aquele “maluco” estava fazendo.

Maluquice para uns, paixão para ele. Enquanto muitos o criticam e o chamam de lunático, Binha prefere manter o foco sempre no Bahia.

– Quem não gosta de mim não torce para o Bahia. Sou torcedor do Bahia e faço tudo para o time. Se um dia eu ganhasse na Mega-Sena iria dar todo o dinheiro para ajudar meu Bahia – repete a todo instante que é perguntado o que faria para melhorar o clube.

A paixão de Binha foi, inclusive, reconhecida pela diretoria do Bahia. No lançamento do uniforme da equipe para a temporada de 2008, ele foi o escolhido para representar a torcida e ganhou, em primeira mão, a camisa que estava sendo lançada naquele momento.

No entanto, a relação de Binha e a diretoria do clube é criticada por muitos torcedores. Como viaja para quase todos os jogos do Bahia fora de Salvador e, na maioria das vezes, fica hospedado no mesmo hotel dos jogadores, surgiu o boato de que é o clube que banca as loucuras do torcedor. Os dois lados negam o fato, mas não de forma convincente.

Dentro do clube, ele tem liberdade para transitar nos diversos ambientes do Centro de Treinamentos do Fazendão. A permissividade da diretoria fez com que no início da temporada de 2007, Binha criasse uma situação de saia justa.

O técnico Arturzinho iria fazer a primeira reunião com os jogadores antes do início da pré-temporada. A imprensa foi liberada para fotografar e filmar os primeiros minutos do encontro. Mas, quando o assunto iria ficar sério, todos foram convidados para sair do auditório.

O que não aconteceu com Binha. Com a autorização da diretoria, o torcedor permaneceu no local e não se conteve na frente dos diretores, comissão técnica e jogadores.

– Falei para Arturzinho que eu não gostava dele porque ele tinha colocado o Bahia na Justiça. Eu teria de torcer pelo bem dele porque ele era o técnico do clube, mas que por mim o contratado não seria ele – relembra Binha.

O ocorrido gerou uma grande repercussão na época. Setores da imprensa criticaram a postura da diretoria, que depois do fato tentou limitar a presença de Binha dentro do clube.

E é exatamente para evitar este tipo de situação, que Rômulo Bahia prefere não ter ligação nenhuma com os dirigentes da equipe. Também apaixonado pelo Bahia, Rômulo não tem a mesma fama de Lourinho ou Binha, apesar de ter convivido por um longo período com o primeiro, que morava em um bairro próximo ao seu e sentavam juntos na Fonte Nova.

Desconhecido por grande parte da torcida, mas bem famoso no bairro da Boca da Mata, onde mora. Apesar das inúmeras ruas do local, saber onde fica a casa dele não é nada trabalhoso. Basta perguntar à primeira pessoa na rua onde Rômulo, o torcedor do Bahia, mora.

– Aquele que tem a casa toda enfeitada de Bahia? Ah, é fácil, basta virar ali e descer a ladeira até você encontrar uma casa toda tricolor – respondem os vizinhos de Rômulo.

Realmente eles têm razão. Encontrar a casa de Rômulo é uma das atividades mais fáceis na Boca da Mata. Logo na entrada a paixão dele é exposta. A frente da residência é pintada nas cores do Bahia. O poste de energia elétrica segue a mesma linha. Assim como uma faixa com o nome de Esporte Clube Bahia colocada acima da porta.

Entrar na casa dele é como entrar em um museu tricolor. Tudo tem as cores, fotos ou o escudo do clube. O botijão de gás, o fogão e a geladeira ganharam nova pintura. O revestimento da casa não foi feito com argamassa e tinta, mas sim com fotos, pôsters e reportagens de jornais e revistas sobre o Esporte Clube Bahia. O interior todo é tematizado.

Camisas estão por toda a parte. O sofá é revestido com a bandeira do clube. O mesmo acontece com a cama. Nem mesmo o papa João Paulo II e Jesus Cristo escaparam da onda tricolor. A foto do primeiro foi decorada com um escudo, enquanto a imagem do segundo foi pintada de azul, vermelho e branco.

– É a emoção, porque o Bahia é o clube do povo e eu sou o povo também. Não sou da elite, eu sou do povo, então é o clube do povão – justifica.

Apaixonado pelo Bahia, Rômulo diz ter tido a sorte de levar o nome do clube no seu próprio nome. Encontrado na rua quando pequeno, com pai e mãe desconhecidos, Rômulo viveu entre Salvador e Feira de Santana durante sua infância. Nos primeiros anos de vida, morou em um orfanato particular no bairro do Rio Vermelho. Aos dez anos, foi transferido para a Escola de Menores de Feira de Santana. Lá, foi batizado e fez a primeira comunhão.

– Meu sobrenome veio porque a gente que é criado pelo governo, que nasce sem pai nem mãe, o governo é quem escolhe para dar o sobrenome ou de Bahia ou Salvador, porque tem de ter o nome do Estado ou da capital. Para minha felicidade e alegria, colocaram o meu de Bahia – conta.

Rômulo diz que sequer foi procurado para saber o que achava do nome escolhido.



– Quando chamaram Rômulo Bahia, eu fiquei parado, sem entender nada, nem sabia que era eu – lembra.

No entanto, segundo ele, nem sempre o Bahia foi sua paixão. Como morou em Feira durante a infância e o início da adolescência, Rômulo diz que começou a gostar de futebol ouvindo pelo rádio os jogos dos times cariocas. Por isso, antes de se dizer apaixonado pelo tricolor, o Vasco da Gama ocupava seu coração.

– Depois caiu uma paixão pelo Bahia, porque eu gosto de torcer para time que ganha tudo. O Vitória só tomando pau, aí foi que veio minha paixão, em um Ba-Vi, em 70, quando o Bahia foi campeão por vários anos seguidos. Eu já estava de volta a Salvador e tudo por aqui era Bahia. Só se via camisa do Bahia nas ruas, aí me apaixonei – revela.

A ligação com o clube aumentou depois que um amigo lhe deu um livro com a história do Bahia. O material era guardado debaixo da

cama do pai desse amigo, curiosamente, torcedor do Vitória. De acordo com Rômulo, foram mais de dois meses para organizar o livro, feito em espiral e com muitas folhas soltas.

Após conhecer melhor os primeiros anos e as primeiras conquistas do Bahia, Rômulo decidiu se dedicar de vez a seu novo amor. O relacionamento é tamanho que ele diz que não conseguiria ser fiel a uma namorada torcedora do Vitória.

– Eu ia chegar na cara dela e falar: “Eu nunca vou ser fiel com você igual eu sou com meu Bahia”. Na vida a gente troca de tudo, até de mulher, menos o clube. Então jamais eu jurarei fidelidade a ela. Já uma torcedora do Bahia, dificilmente eu trairia. Mas a do Vitória, era ela saindo e eu já estava pegando outra. É porque eu não consolo sofrimento – diz rindo.

E não é só a mulher que ficaria para segundo plano. Rômulo fala que ama mais o Bahia do que os dois filhos (um menino de 14 anos e uma menina de 11 anos) que tem com esposas diferentes. Segundo ele, o time já existia antes de os dois nascerem. Mas, isso seria por que eles são torcedores do Vitória?

– Não, está maluco? O menino até queria ser Vitória, mas eu disse: “Olhe, se você for Vitória, vai morar com sua mãe. More com sua mãe, mas aqui, rubro-negro na minha casa não”. Aí ele preferiu ser Santos. Pode torcer para qualquer outro time, até o Íbis, menos o Vitória. – afirma.

Em todo o período acompanhando o Bahia, Rômulo prefere guardar somente os melhores momentos da equipe. Um deles foi quando ele tinha sido transferido para a Escola de Menores de Brotas e estava trabalhando como gandula na Fonte Nova. Entre outras peripécias, como dormir embaixo das placas de publicidade, ele lembra com alegria de um Ba-Vi.

– O goleiro do Bahia era Ronaldo Passos. Estava o a o, eu tava pegando a bola e Ronaldo Passos achou que eu tava segurando o jogo, achando que eu era Vitória. Ele me deu uma “porra” no pé do ouvido, mas eu fiquei na minha, quieto. Quando saiu o gol do Bahia, eu gritei, pulei, mas a torcida do Vitória que estava atrás de mim não gostou não. Meteram de tudo, laranja, casca de amendoim. “Seu gandula vou te pegar. Seu gandula veado” – fala rindo.

Há outro clássico também que Rômulo gosta de relembrar, mas neste ele não estava na Fonte Nova como gandula, e sim como torcedor. Foi o Ba-Vi da conquista do bicampeonato estadual em 1994, com o gol de Raudnei empatando a partida aos 46 minutos do segundo tempo.

– Estava 1 a 0 para o Vitória e, perto do final do jogo, com a torcida deles comemorando, eu e um colega decidimos sair para não ver aquilo. Fomos embora tristes, quase chorando. Mas, quando a gente estava descendo a escada da Lapa, eu vejo um neguinho gritando “gool”. Eu disse “Porra, 2 a 0 Vitória. Mas, eu vou lá perguntar”. Disse a ele: “Vem cá véi, de quem foi o gol?”. Ele respondeu: “Gol do Bahia porra”. Aí não teve jeito, voltei correndo para a Fonte Nova – relembra.

No entanto, existe outro momento que Rômulo classifica como inesquecível. Foi a conquista do título do Campeonato Brasileiro de 1988. Naquela temporada, ele acompanhou todos os jogos do Bahia em Salvador. Não deixou de ir à Fonte Nova em nenhuma partida. Quando o dinheiro apertava, pulava o muro do estádio ou contava com a ajuda de um conhecido que era porteiro da Fonte Nova. No entanto, quando nada disso resolvia, esperava o famoso xaréu, que é quando os portões do estádio são abertos

para o público ir embora, normalmente nos últimos quinze minutos de cada partida, e permite-se a entrada de quem está do lado de fora.

As imagens das duas partidas finais contra o Internacional de Porto Alegre estão até hoje vivas na memória de Rômulo. O mesmo acontece com a comemoração após a confirmação do título.

– Já fiz muitas loucuras pelo Bahia. Uma delas foi para comemorar o campeonato de 88. Saímos da Sede de Praia do Bahia (no bairro da Boca do Rio) até a Praça Castro Alves andando. Na época não senti nada, nem percebi que tinha andado aquilo tudo. Hoje vejo que é uma paletada da porra – reconhece.

Por causa da conquista do bicampeonato brasileiro e do bem que ele proporcionou ao torcedor do Bahia, Maracajá, presidente do clube na ocasião, acredita que ficará marcado para sempre com os torcedores.

– Os maiores títulos do Bahia foram o de 88 e o de 59. O presidente em 59 era Osório e em 88 eu. Isso está no coração de todo torcedor do Bahia. Quem ama o Bahia adorou ver o Bahia campeão brasileiro. Nunca irão esquecer as duas conquistas – opina o conselheiro.

Mesmo reconhecendo que nem todos os torcedores têm o mesmo amor que ele, Rômulo classifica a torcida do Bahia como única em todo o País.

– Nós temos que ganhar todos os tipos de Oscar. Somos a mais fiel que tem. O Corinthians leva o slogan, mas a torcida mais fiel que existe é a do Bahia. Torcedor do Bahia já diz “não importa a divisão, sou Bahia de coração”. Você vai deixar de visitar um parente seu por que está doente? Mesma coisa, só porque o time está mal você não vai lá. No casamento o padre diz: “na alegria, na tristeza, na saúde, na doença, na riqueza e na pobreza?”. É a mesma coisa com o clube – resume.

AMOR E ÓDIO

Quando decidiu retornar à presidência do Bahia em 1972, após a cena das bandeiras na orla de Salvador, Osório Vilas Boas tinha em mente a recuperação do prestígio do Bahia. Feito alcançado com a inédita seqüência de sete títulos estaduais conquistados pelo clube. Mas, além de reerguer o time nos gramados, Osório teve participação indireta e fundamental para o fortalecimento da torcida tricolor.

Grande defensor da popularização da equipe na década de 50, o dirigente pode ser considerado um dos responsáveis pelo surgimento das torcidas organizadas do Bahia. Afinal, somente durante a conquista do hexacampeonato estadual, duas tradicionais e respeitadas torcidas foram criadas.

A primeira delas, hoje a mais antiga do clube em atividade, a Torcida Organizada Povão, foi fundada em 1976, exatamente no meio da saga tricolor, por jovens do bairro do Barbalho. Dois anos depois, mais especificamente em 12 de agosto de 1978, estudantes do Colégio Marista decidiram se unir e fundaram a Torcida Organizada Bamor.

– Entre eles, Zé Povinho, Wilson Medeiros, que devido a sua vida particular se afastaram da torcida. Em 1988, eu já freqüentava a Bamor com meu tio e minha avó, inclusive, minha avó faleceu na Fonte Nova em 2001, em um jogo contra o Grêmio. Eu comprei minha primeira camisa, na época era a segunda geração da Bamor, formada por Cláudio e Luís Fernandes. A Bamor é formada por quatro gerações, a minha é a segunda e já existem a terceira e a quarta. Em 1993, Cláudio, me chamou para ser relações públicas da torcida, que ainda não era registrada, só existia mesmo no estádio não havia estatuto, não tinha nada – conta o empresário Jorge Alberto Santana, presidente da torcida há 13 anos.

Nesse período em que existia apenas nas arquibancadas, a Bamor se tornou a maior torcida do Bahia. A festa nos estádios já era uma marca registrada da torcida. Para muitos, a profissionalização e organização seriam mais um passo rumo ao crescimento e modernização. Mas, não assim que aconteceu.

Convocado para cuidar da parte administrativa da Bamor, Jorge então passou a elaborar um estatuto para que a torcida pudesse finalmente ser registrada e reconhecida judicialmente. Os planos eram permitir a associação de grande número dos torcedo-

res, convocar eleições e formar uma diretoria e um conselho fiscal renovável dentro de um período pré-estabelecido.

O problema foi que a diretoria da época não concordou com as eleições. A idéia era de o presidente continuar sendo indicado e não eleito pelos sócios. Segundo Jorge Santana, mesmo apoiando os diretores de então, ele decidiu manter o pensamento de democratizar a torcida.

Com essa disputa, a Bamor passou por uma séria crise em 1995. A eleição aconteceu e, contrariados, alguns diretores decidiram se afastar da torcida, causando uma divisão entre os próprios integrantes.

– Passamos quase um ano nessa briga, mas conseguimos registrar o estatuto, patentear a marca da torcida, tudo de forma legal. Então, desde 1996 nós somos uma torcida registrada, e nosso estatuto está adequado ao Código Civil Brasileiro. Antigamente, realizávamos eleições de dois em dois anos, mas decidi mudar e optamos por colocar a escolha anualmente – comenta Jorge.

Nessa cisão, quando a torcida passou a ser chamada de Bamor I e Bamor II pelos próprios torcedores do Bahia, a organizada saiu perdendo. Até então, a Bamor possuía

mais de 80 bandeiras. Grande parte deste material está hoje nas mãos dos antigos diretores que se afastaram. Além deste problema com a divisão das bandeiras, a torcida ficou prejudicada também com um incêndio em seu depósito na Fonte Nova. Diversos instrumentos e materiais foram queimados, inclusive um bandeirão de 25x12 metros.

A continuidade e o seguimento, que permitiram à Bamor o crescimento e o fortalecimento entre os torcedores, não foram aproveitados pela Povão. Fundada antes mesmo da Bamor, a torcida ficou desativada durante praticamente oito anos, de 1985 a 1993.

– Quando eu cheguei na Fonte Nova em 93, eu estava um pouco afastado e retornei, aí eu vi a Povão. Você sabe que o Vitória em 93 foi vice-campeão brasileiro, não é? E aquilo me deixou um pouco instigado, porque as torcidas do Bahia estavam muito decadentes, inclusive a Povão e a Bamor, que estava fraquíssima – comenta Rosalvo Castro, um dos participantes do grupo de fundação e atual presidente da torcida.

A solução encontrada por ele foi de, então, tentar reerguer a organizada.

– Eu chamei meu irmão, um dos fundadores da Povão, que é o André Vicente, para reativar a torcida. Nós reativamos, procuramos alguns patrocínios, fizemos, à época,

inicialmente dezoito bandeiras e fizemos duas faixas oficiais e aí retomamos a torcida. Até hoje a gente está tocando o barco, não deixou cair a peteca não – relata.

Neste período em que buscou a recuperação da torcida, Rosalvo conseguiu reunir um considerável número de materiais para a Povão. Além dos diversos instrumentos de percussão, a torcida tem hoje 50 bandeiras, o que é considerado o maior arsenal das torcidas organizadas da Bahia.

A Bamor e a Povão têm sido, praticamente irmãs nas arquibancadas. Tanto Jorge Santana quanto Rosalvo Castro confirmam que a relação entre as duas é a melhor possível, apesar das diferenças existentes. Uma delas é de como as duas torcidas denominam e tratam suas subdivisões.

Com o crescimento, as duas decidiram desmembrar o comando com a criação de líderes nos bairros. Na Povão, a divisão recebe o nome de Comando. Segundo Rosalvo Castro, a torcida conta hoje com 14 destes Comandos cadastrados. Já na Bamor, essa divisão é chamada de Distrito. De acordo com o presidente, a torcida conta atualmente com mais de 30 Distritos nos bairros de Salvador, interior do Estado, Rio de Janeiro

e São Paulo. Mas, a ação, que era para facilitar a comunicação entre a diretoria e seus integrantes, não surtiu o efeito ideal.

– Nós subdividimos em bairros para poder organizar, mas infelizmente o efeito foi contrário. Muitos bairros, não todos, cresceram demais e passaram a não obedecer à ideologia da Bamor. Só para você ter uma idéia, existem bairros que apóiam torcidas contrárias às que a gente apóia nos outros estados, só para bater de frente com a diretoria e criar rachas com os outros bairros. Estamos lutando para acabar com isso. Já expulsamos muitos integrantes e alguns bairros foram extintos por causa dessa falta de organização – afirma Jorge Santana.

Mesmo com a dificuldade em controlar todos os associados, a Bamor consegue realizar alguns trabalhos voltados para o lado social. Além de campanhas esporádicas, como a arrecadação de alimentos e roupas, a torcida conta com um projeto permanente de apoio a crianças carentes no bairro do Engenho Velho de Brotas. Entre outras atividades educativas, os “meninos da Bamor”, como são chamados, recebem aula de percussão, com instrumentos cedidos pelos torcedores.



A união entre a Povão e a Bamor, que permite às duas a organização de caravanas para acompanhar o Bahia fora do Estado, é a mesma na hora de lamentar a ausência da Fonte Nova. O estádio está interditado desde o dia 25 de novembro de 2007. Naquele dia, o Bahia enfrentou o Vila Nova pela penúltima rodada do quadrangular final da Série C do Campeonato Brasileiro. Quando a torcida comemorava o retorno à Série B, após dois anos no porão do futebol nacional, uma parte da arquibancada superior caiu e sete pessoas morreram com a queda. Dentre elas, quatro integrantes da Bamor.

Desde então, o governo do Estado decidiu interditar a Fonte Nova, que será reformada visando a Copa de 2014. Com a interdição do estádio, o governador Jaques Wagner prometeu a reforma e ampliação do Estádio Governador Roberto Santos, popularmente conhecido como Estádio Metropolitano de Pituiaçu, por ficar na aérea do parque ambiental que leva este nome.

A promessa da conclusão das obras em seis meses não foi cumprida. Por outro lado, a direção do Bahia não chegou a um acordo

para o clube mandar seus jogos no Barradão, estádio de propriedade do rival Vitória. Com isto, a equipe teve de mandar seus jogos no interior. Camaçari e Feira de Santana foram as cidades escolhidas, sendo a segunda, a casa do tricolor na disputa da Série B do Campeonato Brasileiro.

– O Bahia sem estádio está um pouco complicado. Porque na Fonte Nova, nós tínhamos uma sala onde guardávamos nossos materiais, é um estádio central, nós sempre tínhamos uma reunião, uma concentração muito grande antes do jogo, ali na Kombi do Reggae. Mas, tudo isso se dissolveu um pouco com essa questão. Existia também, agora não existe mais, a relação com o estádio, a Fonte Nova, que era um ponto de encontro de 30 anos, onde aqueles torcedores não iam só ver o Bahia, mas, também, iam ver os amigos – afirma Rosalvo Castro.

Além da descentralização, há também o custo elevado para acompanhar o Bahia no Estádio Jóia da Princesa, em Feira de Santana, distante 110 quilômetros de Salvador.

– Nossa torcida é torcida de gente que não tem muito dinheiro, que não tem condições de ficar pagando R\$30 de caravana, isso com o ingresso sendo vendido a R\$10, mais o refrigerante e a cervejinha. Tem gente que vai com o dinheiro certo, que não

come nem bebe nada lá. Ainda mais dia de terça-feira, que você quando volta pra cá não tem ônibus. Ou você tem de rachar táxi ou arranjar carona ou até mesmo ir andando. Sendo que no outro dia muita gente estuda, muita gente trabalha – opina Matheus Pereira, puxador dos cantos da Bamor e conhecido como Xita pela torcida.

Na Fonte Nova, as torcidas organizadas do Bahia sempre serviram como um guia para a maioria dos torcedores. Não só pela festa, mas por ser uma espécie de localização para os menos acostumados ao estádio. O ponto de encontro na Fonte Nova era sempre guiado pela localização das torcidas organizadas. Os torcedores de primeira viagem, turistas ou apenas curiosos, que despertaram o interesse por um jogo do Bahia, eram orientados pelas faixas colocadas ao redor da arquibancada.

As pessoas de maior idade, os torcedores mais antigos, e aqueles que gostavam de assistir os jogos na sombra e sentados, tinham lugar cativo ao lado da Torcida Fiel, atrás do banco de reservas do Bahia e abaixo das cabines de rádio. No anel superior, na mesma direção da Fiel e também na sombra, mas com maior agitação, ficava a Povão, a mais antiga torcida organizada do Bahia ainda em atividade. De lá, uma vista exclusiva para o Parque Aquático da Vila Olímpica e privilegiada visão do Dique do Tororó, cartão postal de Salvador.

Essas duas torcidas organizadas ficavam praticamente lado a lado com a área destinada aos torcedores do Vitória em dia de clássico. O espaço que não era benquisto nos Ba-Vis, era o único na Fonte Nova que não era “domínio” de uma torcida organizada. Pelo menos até os últimos anos da antiga Fonte Nova, quando a Torcida Uniformizada Terror Tricolor foi criada e passou a ter cadeira cativa atrás do gol da Ladeira da Fonte, substituindo a Jovem Disposição Tricolor, e com uma única vista frontal para o Dique do Tororó.

A localização privilegiada para o cartão postal rendeu, inclusive, a foto que os integrantes da Terror Tricolor mais se orgulham. O jogo contra o Vila Nova, que marcou o acesso do time à 2ª Divisão, foi a estréia do maior bandeirão de torcida organizada da Bahia.

A imagem da Fonte Nova lotada, com milhares de pessoas do lado de fora, os orixás do Dique do Tororó e o imenso bandeirão da Terror Tricolor é presença garantida nos computadores de grande parte dos torcedores. Ainda mais que a foto pode ser considerada uma relíquia, já que essa foi a primeira e a única vez que a cena pôde ser vista. Aquele foi o último jogo na Fonte Nova.

Apesar da visão turística da Terror Tricolor, o local de maior privilégio da Fonte Nova era na linha divisória do meio de campo, exatamente em frente às cabines de imprensa e às câmeras de televisão. Era aquele o lugar mais conhecido da Fonte Nova e o destino da maioria dos torcedores do Bahia.

– Vou ficar do lado da Bamor.

Essa era a resposta mais ouvida quando se perguntava onde o torcedor tricolor iria assistir o jogo. A Bamor é a maior torcida do Bahia atualmente e a responsável pela festa tricolor nos estádios. Os jovens, maioria de seus componentes, sequer se importavam de ficar em frente ao sol, nos jogos realizados à tarde. Queriam mesmo era fazer balançar o anel superior da Fonte Nova. Vibração considerada normal pelos técnicos e percebida através da iluminação dos refletores no gramado.

A parte de baixo da Bamor há um bom tempo não era freqüentada por nenhuma torcida organizada. Os torcedores que costumavam assistir aos jogos no local se orientavam com a simples expressão “embaixo da Bamor”. O espaço, no entanto, já foi destinado a outras organizadas, como a Tricoloucos, que não durou muito, mas ficou famosa pela bandeira que cobria todo o anel inferior da arquibancada.

Apesar da foto postal do jogo de despedida da Fonte Nova, a Terror Tricolor não é bem vista pelas outras torcidas organizadas do Bahia. Criada há três anos, fruto de uma dissidência da Povão, do Comando da Saúde, a Terror Tricolor, apesar do espetáculo nas arquibancadas da Fonte Nova, não conseguiu um bom relacionamento com a Bamor e a própria Povão.

Os pensamentos, a ideologia – como os próprios torcedores gostam de chamar -, são diferentes. Além disso, a escolha das torcidas aliadas em outros estados não agradou às mais antigas, principalmente à Bamor. Para os integrantes da maior organizada do Bahia, o fato das aliadas da Terror Tricolor serem rivais das aliadas da Bamor e, conseqüentemente, rivais da Bamor, soou como uma provocação.

Essa pequena diferença fez com que diversos conflitos fossem registrados durante a disputa da Série B do Brasileiro em 2008. As duas torcidas acusam a outra de se unir com suas aliadas para tomar faixas, camisas e agredir aqueles que estão em minoria.

Se a relação já não era boa, ficou pior ainda depois de uma atitude da torcida no dia 20 de agosto de 2008. Era uma quarta-feira, o técnico do Bahia, então Arturzinho, comandava o coletivo no campo principal do Fazendão quando aproximadamente 50

torcedores invadiram o Centro de Treinamentos do clube soltando rojões em direção aos jogadores.

Em poucos minutos uma grande confusão se formou no centro do gramado. Jogadores e integrantes da Terror Tricolor, levados até ao Fazendão em um ônibus, entraram em conflito. A situação só foi controlada com a chegada de viaturas da Polícia Militar. O Bahia prestou queixa. O Ministério Público decidiu agir e, dois meses depois, puniu a torcida com o afastamento de seis meses dos estádios de futebol em competições organizadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e pela Federação Bahiana de Futebol (FBF).

Apesar da punição, a primeira neste caráter no Estado, a atitude da Terror Tricolor ainda gera questionamentos em muitos torcedores do Bahia.

– O conhecimento que vem chegando a mim, é que eles estavam indo constantemente nestes três anos de fundação dessa torcida, tentando barganhar alguma coisa do Bahia. Essa era uma prática que eles queriam implantar dentro da Povão quando era nosso nono comando e eu não aceitava. Para eles, o Bahia tinha a obrigação de dar passagens aéreas e ingressos, quando eu era contra. E eu não faço nenhum tipo



de chantagem nesse sentido, de ir lá protestar, de ir lá cobrar para depois sentar pra conversar – diz o presidente da Povão.

O que seria só uma pressão à diretoria, segundo Rosalvo Castro, acabou passando dos limites.

– A Terror teve essa prática, eu não posso confirmar, mas eu acho que o objetivo foi esse, barganhar alguma coisa. Só que chegou a um ponto que a coisa desandou para o outro lado, que o objetivo central foi totalmente fracassado – revela Rosalvo Castro.

A ação também causou surpresa nos integrantes da Bamor.

– Eu achei muito estranha! Porque como é que você faz uma invasão no Fazendão e na hora o presidente está presente, o diretor de futebol está presente, além dos outros três diretores e nenhum deles nem ao menos é hostilizado e esses pseudo-torcedores vão para agredir jogadores? Isso tudo foi muito estranho para a Bamor – diz o presidente da torcida, Jorge Santana.

O questionamento de Jorge se deve ao fato de praticamente todas as torcidas organizadas do Bahia serem oposição à atual administração do clube. O principal alvo dos opositoristas não é nem o presidente do Bahia, Petrônio Barradas, mas o conselheiro do time e do Tribunal de Contas dos Municípios, Paulo Virgílio Maracajá Pereira, apontado como o mentor do grupo que controla o clube.

Para ele, no entanto, a oposição é feita por apenas um pequeno grupo de pessoas.

– A torcida, de um modo geral, me trata muito bem. São alguns setores de oposição que não gostam de mim e eu respeito isso. Eles fazem críticas e eu como democrata aceito todas as críticas que não sejam ofensivas à minha honra. Aceito normalmente as críticas porque sou um homem público – defende.

A oposição feita pelas torcidas é tamanha, que os presidentes afirmam não ter qualquer tipo de relacionamento com a diretoria do Bahia.

– Absolutamente nada. Nós estabelecemos isso a partir do momento que o Bahia caiu para a 3ª Divisão. Antes mesmo de cair para a 3ª Divisão nós já tínhamos rompido com esse grupo que está aí, que é o presidente Maracajá e Petrônio Barradas. Não recebemos nenhum tipo de ajuda do Bahia. Nós mantemos a torcida inteiramente in-

dependente. Sem relação, sem vínculo nenhum. A única reunião que tivemos com esse pessoal aí foi quando houve a invasão do Fazendão. Nós fomos lá para fazer um apelo para que houvesse eleições diretas. Depois disso nenhum contato – comenta o líder da Povão.

A invasão a que ele se refere foi no mês de junho, dois meses antes da ação da Terror Tricolor. Além da Povão e da Bamor, outros grupos e opositores mais influentes planejaram uma forma de pressionar a diretoria para deixar o clube. A idéia era tomar o Fazendão.

– Foi uma coisa programada pela oposição, onde participaram eu, Jorge da Bamor, Ademir Ismerim e outros segmentos de oposição. Só que a Bamor se projetou, até mesmo antecipou a gente, foi lá e fez a coisa até sem um aviso prévio. Mas depois nos ligou e nós apoiamos. Foi uma coisa mesmo de protesto. Sem violência, uma coisa arquitetada para mostrar aos dirigentes do Bahia a insatisfação – comenta Rosalvo.

O objetivo inicial, que era a renúncia do presidente, logo foi modificado para a convocação de eleições diretas no final de 2008. Mas, depois de um dia inteiro de ocupação e de muita conversa, o acordo foi firmado para que as eleições diretas fossem

realizadas em 2011, a diretoria se comprometeu ainda em reformular e divulgar o Estatuto do clube no site oficial, além de uma cota de mil ingressos destinada às torcidas organizadas, o que gerou dúvida sobre o caráter da invasão.

– Muitos falam sem saber de nada. Os mil ingressos são destinados às torcidas organizadas, mas de forma onerosa. Nós queremos comprar, porque nem vender os ingressos eles estavam vendendo para a gente em retaliação aos protestos que vínhamos fazendo. Hoje nós temos uma cota. Todo jogo, mesmo sendo em Feira de Santana, a gente vai lá na Boca do Rio e compra 400, 500 ingressos do nosso bolso sem nenhuma ajuda deles. Não dependemos deles pra nada – afirma o presidente da Bamor.

Mas, nem sempre foi assim. A separação entre diretoria e torcidas organizadas não é tão antiga no Bahia. Durante a década de 90, eram comuns reuniões entre a diretoria e representantes das torcidas organizadas. À época, o Bahia já passava por uma séria crise financeira e via nesses encontros com os torcedores uma forma de buscar soluções para os problemas do clube.

De acordo com Rosalvo Castro, na gestão de Antônio Pithon na presidência do time, o diretor de marketing do Bahia, José Oscar Santiago, questionou maneiras de ajudar

as torcidas. O Bahia havia acabado de fechar um contrato de patrocínio com a Hyundai e o presidente da Povão não perdeu tempo.

– Eu dei uma idéia para ele. Na época tinha a Povão, a Bamor I e II, tinha a Esquadra Tricolor e a Fiel. Tinham cinco torcidas. E eu sugeri o seguinte: já que você quer colaborar com a torcida, nós não achamos justo o Bahia dar nada à torcida organizada, nós sempre fomos contra, principalmente cota de ingressos. O que nós fizemos: você consegue junto com a Hyundai amarrar o contrato de patrocínio, o que você conseguir para o Bahia, você vai designar dentro desse contrato uma verba dada pela Hyundai para as torcidas. Como: cota de ingressos, seriam 60 ingressos para cada torcida, seriam bandeiras, faixas e, quando fosse possível, o Bahia fosse jogar fora, a Hyundai sortear entre as cinco torcidas, duas torcidas para que fossem acompanhar o Bahia em outro Estado – relembra.

Com uma cláusula no contrato destinando a verba às torcidas, o clube conseguiu cumprir o acordo em dia nos primeiros meses. No entanto, a crise financeira não foi controlada e a diretoria não viu alternativa senão cortar os benefícios para poder manter o Bahia em dia com suas obrigações. Rosalvo Castro lembra que até hoje a torcida tem uma verba de aproximadamente R\$ 120 mil que não foi repassada.

A parceria só voltou à ativa com o sucessor de Antônio Pithon na presidência do Esporte Clube Bahia, Marcelo Guimarães. Nesse período, o patrocinador do Bahia deixou de ser a Hyundai e passou a ser a Fiat, também montadora de veículos. O apoio continuou sendo feito através de cota de ingressos, bandeiras e até mesmo algumas viagens dadas pela empresa italiana. A diferença foi que apenas três torcidas passaram a receber o apoio. Como a Esquadra Tricolor já havia sido dissolvida e a Bamor resolvido o problema da divisão, a Fiel, a Povão e a Bamor, agora uma só, continuaram sendo beneficiadas.

Só que o patrocínio não durou muito. O Bahia não conseguiu realizar grandes campanhas dentro de campo e as torcidas organizadas passaram a fazer oposição à diretoria do clube. Com isso, os benefícios foram cortados e, atualmente, os presidentes das três maiores torcidas organizadas da equipe afirmam que não recebem qualquer tipo de ajuda para acompanhar os jogos.

– O clube não pode financiar a torcida organizada porque ele tira da torcida organizada o poder de reivindicar melhoras para o clube. Você perde a independência quando recebe alguma coisa daquela diretoria. Quando é uma coisa de patrocinador, que não é dado pelo clube, eu acho correto, porque a torcida também precisa sobreviver.

Agora, você fica lá pegando ingressos, pegando passagem de avião, pegando outros benefícios, isso é errado, porque compromete o relacionamento de independência e isso é prejudicial para o clube – comenta Rosalvo Castro.

PAIXÃO IRRACIONAL

Tarde de sábado, 6 de setembro de 2008. Adelmare dos Santos Júnior, de 20 anos, se arrumava para assistir a mais um jogo de seu time do coração. O Bahia estava em São Paulo onde iria enfrentar o Grêmio Barueri, ainda com chances de sair naquele ano da Série B do Campeonato Brasileiro. Com alguns amigos da Torcida Organizada Bamor, esperava a partida começar nas proximidades da Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia, no bairro de Nazaré.

Quando se preparava para se dirigir a um bar da região, onde assistiria o jogo, o grupo de tricolores foi surpreendido. Integrantes da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI), do Vitória, chegaram subitamente em um carro. Identificados apenas como Bethoven, Fernando e Chico, desceram do veículo para iniciar mais uma briga entre as



duas torcidas. No meio da confusão, um dos torcedores do Vitória sacou uma arma e disparou. O tiro acertou o pescoço de Adelmare.

A agressão foi noticiada quase um mês depois pelo jornal Correio da Bahia, hoje apenas Correio. No dia 2 de outubro, a publicação estampava o seguinte título na página 38, na editoria de Esporte: “Guerra que não tem fim”. Um box intitulado “Selvageria em cores” resumia o conteúdo da matéria.

– Azul, vermelho e branco ou preto e vermelho. Cuidado ao se vestir com as cores do seu clube do coração. A briga entre criminosos infiltrados em torcidas organizadas de Bahia e Vitória faz mais uma vítima que corre o risco de ficar paraplégica .

Por ironia, o crime foi cometido quase em frente ao Ministério Público da Bahia. Lá, os promotores Nivaldo Aquino e José Renato lutam há anos para combater a violência nos estádios. A ameaça de extinguir todas as torcidas organizadas do Estado não é mais novi-

dade. Mesmo assim, as brigas continuam e têm as imediações do órgão estadual como seu principal palco.

– Nós moramos em uma cidade tão bela e os torcedores se preocupam com dois times tão ruins. Daqui a uns dias nós estaremos iguais a São Paulo – disse o padraço da vítima, Dorival Pereira Maciel, ao Correio.

Os torcedores que praticaram o ato de violência confessaram o crime. O caso foi registrado, e investigado, pela 1ª Delegacia de Polícia da Bahia, localizada na Ladeira dos Barris. No entanto, este foi apenas um episódio dos inúmeros que acontecem por toda a cidade, mesmo em dias que Bahia e Vitória não jogam, e que não chegam ao conhecimento público.

Um exemplo disso foi o roubo de materiais de percussão da Bamor também em uma tarde de sábado, no dia 13 de setembro. De acordo com os integrantes da torcida, algumas crianças que fazem parte do projeto social estavam à espera de membros da torcida em um ponto de ônibus da Avenida Bonocô quando os assaltantes, que estavam em dois carros, vestidos com a camisa da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, do Vitória, roubaram os instrumentos.

Como dentro dos estádios o policiamento e a fiscalização estão cada vez mais eficazes, as brigas entre as duas torcidas estão se tornando comuns nos bairros. As subdivisões, criadas para facilitar a comunicação entre a diretoria e os torcedores, acabam sendo as culpadas pela falta de controle.

– Os Distritos foram criados para centralizar e organizar as pessoas por bairro, para de lá irem juntos e se unirem nos estádios, sem precisar sair de um único ponto todos os associados. O que é que aconteceu? O cara que torce pelo Vitória no bairro vê um distrito lá que é grande, aí ele cria o chamado Comando, que é como eles chamam as divisões deles. Aí começam a guerrear nos bairros e de lá seguem para os estádios. Muitas vezes em um clássico acontecem brigas nos bairros que a gente só fica sabendo três, quatro dias depois – revela Jorge Santana.

Por causa de os confrontos se originarem nos bairros, entre os chamados Distritos e Comandos, muitos acreditam que as torcidas organizadas servem como uma espécie de álibi para justificar as brigas entre supostas gangues de bairro.

– E para não ter uma briga sem motivo, eles pegam e entram na torcida. Tem gente que entra na torcida por auto-afirmação. Outros entram na torcida e nem torcem para

o time. Tem menino que entra na Bamor e de repente muda para Os Imbatíveis – lamenta Matheus Pereira.

Por outro lado, o presidente da Povão acredita que essas justificativas sirvam apenas para mascarar um problema ainda maior. Segundo ele, as brigas de bairros existem sim, mas os líderes das torcidas precisam assumir a responsabilidade por estes atos.

– Eles são omissos e participativos diretamente nisso, porque eles incentivam, eles dão ingressos para esse pessoal, eles facilitam o acesso ao estádio. Eles patrocinam. Eles convocam esse pessoal para a reunião, então existe uma ligação. Esse pessoal de bairro tem o suporte da torcida organizada. Quando ele chega na sede da torcida organizada, ele é da torcida organizada. Então não é só mais de bairro. Se você vai na Fazenda Grande e João mora na Fazenda Grande, ele chega na sede da torcida lá no Garcia, um exemplo, ele compra material, ele conversa, ele diz o que é que ele está fazendo lá no bairro. Então quem está no comando da torcida está sabendo tudo que está acontecendo na Fazenda Grande, logo ele é co-participador dessa ação da violência – opina Rosalvo Castro.

Para ele, os presidentes das torcidas organizadas precisam entender que servem de exemplo para os demais integrantes e assumir esse papel de importância.

– As pessoas que dirigem as torcidas organizadas, tanto de Bahia quanto de Vitória, as que se dizem mais importantes, as maiores, elas não são pessoas transparentes no comportamento. Elas são omissas. A verdade é essa. Elas incentivam, de uma maneira indireta que jovens que são Bahia e jovens que são Vitória se confrontem. Eu sou contra isso. Se depender de ser a maior, eu prefiro acabar. Pra ser desse termo, de chegar em um bairro e vê jovens usando drogas, se digladiando. Eu acho que o camarada precisa ter uma adolescência dentro da torcida, gostando do time, como eu tive. Eu tive 16, 15 anos, 14 anos, vendo o Bahia e sem prejudicar o meu futuro.

Apesar das constantes denúncias de uso de drogas em algumas torcidas organizadas, os integrantes fazem questão de negar. Como é o caso da Bamor, onde o presidente afirma não haver qualquer vínculo com facções criminosas, mas faz um alerta.

– Se os diretores que estão à frente da torcida deixarem o comando agora na mão dos outros que tem por aí, corre um sério risco de virar uma facção criminosa, porque nós repelimos o tráfico de drogas dentro da torcida, já que o assédio dos traficantes

é muito grande para colocar pessoas pra vender as drogas. O papel que a gente faz é totalmente diferente de uma facção criminosa. A gente não apóia violência, em nosso site também não divulgamos nada com relação a isso. Da nossa comunidade no Orkut foram expulsos quase sete mil usuários por fazerem apologia à violência. Não permitimos que ninguém faça apologia à violência – explica Jorge Santana.

Por ser a maior torcida organizada do Bahia e do Estado, a Bamor é a mais criticada quando o assunto é violência. Mas, a diretoria afirma que muitas brigas são provocadas por pessoas que apenas usam o uniforme da torcida e não têm qualquer vínculo com a mesma. Isso porque as camisas são vendidas em uma loja própria da Bamor sem nenhuma restrição. O problema é que esses torcedores que compram o material só por admirar a torcida, acabam tornando-se vítimas da violência.

– Esses caras dos Imbatíveis, eles não consideram não. Mulher com a camisa da Bamor eles tomam a camisa, pode ser criança, pode ser coroa, velho, pode ser o que for. Tem muito torcedor do Bahia que compra a camisa da Bamor. Só por isso, por estar usando e eles passarem, eles tomam. Inclusive aqui no centro mesmo, passa criança, passa mulher, passa coroa. Nossa ideologia é essa, não agir. A gente não age, a gente reage – revela Matheus Pereira.

O puxador das músicas da torcida na arquibancada faz outras revelações sobre a violência nos estádios e defende, mais uma vez, a Bamor. Segundo ele, as brigas começaram com o surgimento de Os Imbatíveis.

– O pessoal da Bamor, aqui mais antigo, ia pra Ba-Vi, acabava e ia beber com o pessoal da Leões da Fiel. Nunca existiu nada, sempre pacífico. Aí começou, Torcida Jovem do Vitória, uma torcida que surgiu, e começou a brigar, depois surgiu Os Imbatíveis, com a ideologia de brigar com todo mundo. Toda essa violência só começou de dez anos para cá – lembra.

O presidente da Povão afirma que também já foi vítima de supostos integrantes da torcida do Vitória.

– Nós tínhamos até um relacionamento com essa torcida aí, mas ultimamente está havendo agressões por parte deles. Entendo que nós somos rivais, não inimigos. Mas, eles querem tomar material, quando a gente chega no Barradão. Ao invés de eles estarem no lugar da torcida, eles vêm pra cima da gente. No último Ba-Vi que teve no Barradão nós fomos com 50 pessoas, houve até um revide nosso, porque ninguém vai apanhar, e ficou até feio pra eles, porque eles estavam com uns 200 e nós estávamos

com 50 homens e a gente colocou eles para correr. Precisou a polícia conter a gente pra eles puderem correr. Então, isso aí está tomando uma proporção que daqui a pouco generaliza. Porque eu com 45 anos não vou querer ser agredido por um moleque de 16 anos, certo? Eu acho que está na hora da polícia ou do Ministério Público tomarem uma posição com relação a isso – diz revoltado Rosalvo Castro.

Apesar de o presidente da Bamor, Jorge Santana, afirmar que a violência na Bahia começou com a fundação de Os Imbatíveis, hoje tida como uma das torcidas mais violentas do Nordeste, a “guerra” entre os dois lados só estourou em 2006 e com uma atitude de supostos integrantes da torcida do Bahia.

Depois de uma partida entre Vitória e Cruzeiro, realizada no dia 12 de abril, no Barradão, pela Copa do Brasil daquele ano, os integrantes da TUI, Hermílio Ribeiro Júnior e Raiuga Eugênio de Souza, sofreram uma emboscada no bairro de Pernambués. Os dois foram esfaqueados por integrantes da Bamor, que levaram consigo uma bandeira da TUI (roubo que entre as organizadas tem valor de troféu) e um rádio.

Mesmo ferido, Eugênio conseguiu fugir dos agressores. Júnior, ficou internado por dez dias no Hospital Roberto Santos, não resistiu aos ferimentos e faleceu, sendo en-

terrado no dia 23 de abril no cemitério da Quinta dos Lázaros. Com a agressão e a morte do torcedor rubro-negro confirmada, iniciou-se uma disputa, principalmente pela internet, entre as torcidas.

Fotologs e sites de relacionamentos passaram a ser usados para reivindicar a autoria do crime e para promessas de vinganças. Um dos exemplos foi o fotolog do 12º Comando da TUI, onde a morte de Hermílio foi comentada com frequência. Além do tom provocativo, os textos tinham outra coisa em comum: os erros gramaticais.

– Aaaaah mané não mexe comigo q a chapa eskenta agora tu vai chorar no inferno o bonde eh neurotico sem kô eh noix porra bamor 9º dst o terror do hermilio (sic) – escreveu um suposto integrante da Bamor.

A resposta vinha logo abaixo:

– Vou pegar um por um rebanho de desgraça começou a verdadeira guerra tah ligadu,e naum pesse que e bricadeira naum falow,vou na casa de um por um e vou matar todos! (sic).

A partir daí, as ameaças pela internet só fizeram aumentar. Flogs, sites de relacionamento, fotologs, tudo era usado para demonstrar superioridade e intimidar os torcedores rivais. Passou a ser comum fotos de integrantes da Bamor e da TUI com armas em punho e com camisas, faixas e bandeiras das torcidas adversárias, apresentadas sempre como prêmio e em tom de deboche.

Com o discurso de que não tinham como fiscalizar o que supostos integrantes estavam fazendo na rede mundial de computadores, os líderes das torcidas organizadas sequer buscavam maneiras para evitar os conflitos. Até mesmo estudantes marcavam, através desses sites, brigas em plena luz do dia.

O Ministério Público passou a agir com mais eficácia. Na semana que antecedia cada clássico Ba-Vi, reuniões com os líderes das principais torcidas organizadas, representantes dos clubes, da Federação Bahiana de Futebol (FBF) e da imprensa eram realizadas. Verdadeiras estratégias de guerra foram elaboradas para evitar que a vingança prometida por integrantes de Os Imbatíveis viesse mesmo a acontecer.

Mas, todo o cuidado não conseguiu evitar a tragédia do dia 11 de fevereiro de 2007. Quase um ano depois da primeira morte registrada no Estado por briga de torcidas

organizadas, o Ba-Vi realizado no Barradão, pelo Campeonato Baiano daquele ano, entrou para a história. Não pelo resultado em campo, mas pelas duas vidas que foram tiradas de maneira estupidamente violenta.

Minutos antes de a bola rolar, o presidente da FBF, Ednaldo Rodrigues, representantes do Ministério Público, da Polícia Militar e das torcidas Bamor e Os Imbatíveis realizaram um ato em prol da paz no centro do gramado. Atitude digna de elogios, já que buscava recuperar o clima de cordialidade existente entre as torcidas de Bahia e Vitória.

Manifestação que foi ofuscada pela covardia praticada por integrantes das duas torcidas. Pouco antes do ato em campo, quando chegava ao Barradão, a Bamor provocou um verdadeiro arrastão na frente do Estádio. Na confusão, o pedreiro Luiz Carlos Vítor Pereira, de 41 anos, foi agredido com um soco no rosto, bateu a cabeça ao cair e não resistiu aos ferimentos.

De acordo com o pedreiro Jorge Heleno de Jesus Santos, de 23 anos, que acompanhava a vítima no momento da agressão, ele sequer era integrante da TUI. Casado e

pai de uma menina, então com quatro anos de idade, Pereira era o responsável pela renda da casa, já que sua mulher é deficiente física e não tem condições de trabalhar.

Mesmo com a morte do torcedor do Vitória, confirmada quase uma hora depois, o ato em prol da paz e o jogo foram realizados tranqüilamente. Dentro do estádio, mais confusão. Bombas foram arremessadas em direção ao espaço destinado para a torcida do Bahia. Apesar das explosões, nenhum torcedor tricolor ficou ferido.

Não contentes com o ato, que não deixou nenhum ferido, quatro integrantes de Os Imbatíveis seguiram o ônibus da Bamor ao final da partida em um Palio vermelho. O destino da caravana da torcida era a região do Iguatemi. Mas, por comodidade, três torcedores pediram para descer do veículo antes do ponto final, na BR-324, próximo ao supermercado Makro, região onde moravam.

Foi nesse momento que os homens que ocupavam o Palio decidiram agir. Antes esperaram as viaturas que faziam a escolta do ônibus da Bamor se afastarem. Sem o perigo da força policial, os quatro desceram do carro e ameaçaram os torcedores do Bahia de morte. Dois deles conseguiram fugir, mas o aposentado Pedro Sales Silva, de 43 anos, não teve a mesma sorte. Um problema na perna impediu que ele corresse.

A vingança da TUI foi concretizada depois de pouco mais de três horas do arrastão da Bamor. Mesmo não sendo integrante da torcida do Bahia, como os dois outros amigos que o acompanhavam, o aposentado foi apedrejado até a morte. Também casado, Sales tinha dois filhos. Um menino, então com 17 anos, e uma menina de nove anos.

O único jornal da capital baiana a divulgar as duas mortes no dia seguinte ao clássico foi a Tribuna da Bahia. “Empate em campo, sangue e morte marcam o Ba-Vi”, dizia a manchete da edição do dia 12 de fevereiro de 2007, quando se pensava ainda que um dos óbitos tivesse sido por ataque cardíaco. Mas, no dia seguinte, com a confirmação dos homicídios, o jornal fez uma alusão ao placar da partida em campo: “1 a 1 também no Ba-Vi da barbárie”.

– De nada adiantaram as reuniões, os pactos, as ações politicamente corretas junto aos torcedores. Tudo fachada, tudo mentira. Entre eles, algumas autênticas gangues armadas com bombas caseiras, armas, paus e porretes, alguns disfarçados em mestros de bandeiras, a troca de ameaças, juras de morte e marcação de confrontos para duelos com o objetivo de tirar a vida do “inimigo”, quando do outro lado deveria estar apenas um torcedor que ama o futebol, o seu time do coração, e que tem nos jogos, a ida aos estádios apenas como uma opção de lazer – diz um trecho de uma reportagem

da Tribuna da Bahia, do dia 12 de fevereiro de 2007, sob o título de “Crônica de uma tragédia anunciada”.

Realmente anunciada. Bastava um pouco de atenção à Internet, principal meio de propagação das mensagens de violência entre os torcedores:

– No dia 7 de fevereiro, um torcedor usando o apelido de sangaotob2dst (TOB é a sigla para a Torcida Organizada Bamor e o 2dst é o 2º Distrito, divisão da torcida) desafiou: “aei a bamor vai invadir o 2º como sempre presente e claro bombas na cara dos tuigays e nos mané”...Outro torcedor, identificado pelo apelido de barromeu bamor prevê a tragédia que se aproximava no final de semana: “Dia 11 vem ai invasão ao lixão mais uma vez 15 buzu dessa ves caseira e muitos rojão. Será que morre outro deles? Dessa vez acabamos com essa torcida de merda que já não existe e a bamor mane a maior do norte nordeste se prepara tuigayzada o dia ta chegando – completa a reportagem citando um fotolog como o local das ameaças.

Pouco depois do ocorrido, na madrugada seguinte ao jogo, um torcedor usou o site de relacionamentos do Orkut para comemorar o feito. Em uma comunidade denominada TUI x Bamor, o suposto integrante da torcida do Bahia afirmou:

– ô ô ô Morreu mais um em salvador. Aew galera + um pra nossa coleção...tuigay espancado ate a morte...é nois powa...sem esquecer a destruição que o 4dst feis desgraça...Deu de Machado nos tuigay e um esta enternado...+ pra lá do que pra cá...é a bamor Mané...”(sic).

Enquanto os responsáveis pela tragédia utilizavam a internet para comemorar e demonstrar uma suposta superioridade, os familiares das vítimas sofriam com a perda do parente. Por coincidência, os dois torcedores foram enterrados no mesmo cemitério, quase no mesmo horário. A imprensa, que chegou à Quinta dos Lázaros sabendo apenas do sepultamento de Luiz Carlos Pereira, se surpreendeu com a revolta e a dor dos familiares de Pedro Sales.

A diferença entre um enterro e o outro foi pequena. Menos de dez minutos separaram o adeus ao pedreiro do adeus ao aposentado. Se torciam por times rivais, os dois acabaram unidos pela violência de suas torcidas. Assassinados brutalmente sem qualquer motivo. Deixando em suas famílias a certeza da impunidade aos autores do crime, apesar de os dois homicídios terem sido investigados pela polícia.

Recriminada pela sociedade, a guerra entre as duas torcidas continuou assustando os verdadeiros torcedores. A cada clássico, novas provocações são trocadas através da Internet. O Ministério Público e a Polícia Militar passaram a fazer operações mais rigorosas. No entanto, a atenção e o cuidado, que muitas vezes envolveram cavalarias e até mesmo o uso de helicópteros, ficaram restritos aos dias de jogo entre Bahia e Vitória.

As sugestões para diminuir os problemas são muitas. A cada problema, novos especialistas aparecem. Mas, apesar de todas as reuniões realizadas entre os órgãos públicos e os representantes das torcidas organizadas, poucas são as sugestões aproveitadas efetivamente.

– A impunidade se torna uma coisa latente. Morreu um menino de 18 anos do lado de uma torcida, morreu um torcedor do lado da outra e infelizmente ninguém faz nada. Quando se tem a punição, o exemplo fica bem claro. Então eu acho que com exemplos e um serviço de inteligência infiltrado nas torcidas, pra ver quem é que realmente faz torcida com lisura. Eu acho que tem de ser isso. Porque eu faço torcida com lisura. Eu não trabalho com nada irregular. Tem torcida hoje que você encontra drogas, pelo Brasil, você encontra crime organizado, você encontra notas falsas que nêgo trabalha, passagens clonadas e outras e outras coisas mais. Então é um caso de polícia e qual é o

papel da polícia? Investigar, se infiltrar e limpar o que acontece nas torcidas organizadas – resume Rosalvo Castro.

BAHIA DE TODOS OS SANTOS

O futebol e a religião sempre caminharam lado a lado quando o assunto é o Esporte Clube Bahia. Entre crentes, descrentes e aqueles que não acreditam e nem deixam de acreditar, os tricolores mantêm uma relação direta com o divino. Os títulos quase que impossíveis, as viradas históricas e toda a mística que cercam o clube fazem com que alguns feitos ganhem contornos de milagres.

Enquanto Antônio Franco de Oliveira que foi roupeiro e torcedor do Botafogo, mais conhecido como Neném Prancha e famoso em todo o Brasil por suas frases de efeito sobre o futebol, afirmava que “se macumba ganhasse jogo, o Campeonato Baiano sempre terminaria empatado”, os tricolores preferem acreditar que um pedido bem feito sempre será atendido.



Foi assim que antes da final do título brasileiro de 88, Lourinho repetiu o ritual que o destacou na torcida do Bahia. Dias antes da partida decisiva, preparou alguns bonecos, amarrou as mãos e os pés e vedou os olhos. A única diferença na mandinga era que a vítima não era o tradicional rival, o Vitória, mas sim o Internacional de Porto Alegre.

Foram 11 bonecos “preparados” pelo pai-de-santo tricolor. Desde o goleiro Taffarel até o ponta Edu. Todos estavam “amarrados”. Acreditassem ou não.

– Ele fez lá no boneco, mas a mim não. Estou aqui bem disposto, bem feliz de mais uma vez participar da final e acho que chegou a hora de o Inter ser campeão. E nada de mão amarrada – afirmou rindo Taffarel em entrevista à Rede Globo já no gramado da Fonte Nova.

Coincidência ou não, o Bahia venceu aquela partida de virada, com dois gols do ídolo Bobô. Depois de desfazerem da mandinga

baiana, os gaúchos tentaram preparar um troco na partida de volta, a que definiu o campeão nacional daquela temporada. Um ebó foi preparado e depositado na entrada do vestiário tricolor no Estádio Beira Rio.

Mais acostumados com este tipo de ritual, os baianos não se abalaram.

– Realmente isso aconteceu mesmo. Mas não teve problema nenhum. Tanto foi que eu e outros companheiros que estavam comigo lá, tiraram aquilo tudo, varremos o local e entramos sem problema nenhum no vestiário – minimiza Paulo Maracajá.

E não houve problema algum mesmo. O Bahia jogava pelo empate para conquistar o bicampeonato nacional. Conseguiu segurar o o a o em solo gaúcho e, mesmo com a tentativa dos adversários apelando para o lado religioso, sagrou-se campeão brasileiro.

Muitos torcedores acreditam que na briga com os santos, Lourinho levou a melhor. Mais experiente no assunto, o baiano teria moral maior ao fazer seus trabalhos e não foi páreo para os gaúchos, considerados pelos tricolores como inexperientes no assunto, embora o Rio Grande do Sul lidere o ranking nacional de pessoas que se dizem adeptas da umbanda, segundo o Censo 2000.

No entanto, quem conviveu por muitos anos com Lourinho afirma que as crenças não tinham nada a ver com o lado religioso.

– Lourinho fazia aquilo ali somente para ganhar dinheiro de Osório (Osório Vilas Boas, ex-presidente do Bahia) e de Paulo Maracajá. Negócio de ebó é só de brincadeira mesmo – garante Alvinho Barriga Mole, torcedor do Vitória e grande amigo do tricolor.

Opinião que é compartilhada por Rômulo Bahia. Com a convivência de anos seguidos com Lourinho nas arquibancadas da Fonte Nova, o torcedor tricolor diz que o companheiro de torcida recebia do clube para fazer os famosos trabalhos.

– A intenção dele era o dinheiro, tudo bem que se o pessoal do Bahia contratou ele para fazer isso, ele tem o direito de receber. Mas ele deveria colocar o amor pelo clube e falar assim: “Não, não vou cobrar nada. Você me dá só o material que precisar. Estou fazendo isso pelo amor ao meu clube” – comenta Rômulo.

Segundo ele, foi exatamente por causa desse dinheiro que Lourinho decidiu deixar a Bahia.

– O clube tinha uma dívida com ele, que não pagou e ele se retou, não fez mais nada e foi embora – revela.

No entanto, além de garantir que Lourinho deixou o Estado depois que se aposentou e por causa de um problema de saúde, o ex-presidente e atual conselheiro Paulo Maracajá desmente que o clube tenha contratado o torcedor para servir como pai-de-santo oficial do Bahia.

– Isso aí não é verdade. Ele fazia tudo aqui espontaneamente, sem ligação nenhuma com a gente – argumenta Maracajá.

O dirigente revela, inclusive, não acreditar nessa relação espiritual. Segundo ele, como bom baiano que é, respeita todos os tipos de religião, mas não engrossa o coro daqueles que seguem à risca as crenças.

Quem também não acredita muito nos ebós é Rômulo Bahia. Ele prefere se ater à tradição que se criou no clube de pedir proteção e agradecer somente a Senhor do Bonfim, de quem é devoto.

– O único santo que dá certo para o Bahia é o Senhor do Bonfim. Macumba não dá certo. Se macumba desse certo, a macumba do Vitória dava um bocado de título a eles. A gente que é Bahia, a gente é Senhor do Bonfim em todas as horas, tanto na glória quanto na tristeza. Nós que somos tricolores, nós só falamos em Senhor do Bonfim. A gente não fala em outro santo a não ser Senhor do Bonfim – diz.

– Para ele, o ritual promovido por Lourinho poderia até ajudar o Bahia, mas não era garantia de vitória para o tricolor. Rômulo fala que só de uma forma acreditaria que as crendices do famoso torcedor davam resultado.

Para todo mundo ver que é verdade, Lourinho tinha que fazer os bonecos e colocar o Vitória sozinho no campo e se ainda desse o Bahia campeão, aí eu dizia que é o feitiço. Botasse o Vitória para jogar e o Vitória jogasse bola para fora com o gol aberto e o juiz acabasse, desse os 90 minutos e o Bahia campeão, aí eu acreditava. Furar um boneco para atingir um jogador do Vitória, até que era bom. Mas seria melhor se furasse o próprio jogador – brinca.

Acreditando ou não, muitos tricolores procuram meios de ajudar o time dentro de campo. Por outro lado, os torcedores do Vitória fazem exatamente o contrário. Dando

força à declaração de Neném Prancha, tricolores e rubro-negros fazem uma verdadeira batalha religiosa para tentar ajudar seus clubes.

Exemplo disso foi de um fotógrafo de um jornal baiano que pediu para não ser identificado temendo retaliações. Torcedor fanático do Vitória, ele não suportou a idéia de poder ver o Bahia de volta à Série A do Campeonato Brasileiro em 2004. Na época, o tricolor precisava de uma vitória diante do Brasiliense, na Fonte Nova, para garantir o retorno à elite do futebol nacional.

Foi aí então que o fotógrafo não pensou duas vezes. Seguindo a linha de Lourinho, ele preparou alguns bonecos para tentar impedir o triunfo tricolor dentro de campo.

– Levei dois bonecos cheios de alfinete, um era o goleiro, pra ele não pegar a bola, e o outro era o zagueiro, pra dar pênalti, e um balaiozinho. Levei arruda, levei um monte de coisa lá – revela.

Para não ser percebido por ninguém, o fotógrafo chegou mais cedo ao estádio e depositou todo o material em uma das áreas da Fonte Nova, debaixo da trave. Somente depois de o trabalho no local certo, uma emissora de televisão flagrou os bonecos.

– Um colega viu, foi filmar e com isso o juiz percebeu e foi lá tirar. Dei um tempo e coloquei de novo no mesmo lugar. Se alguém tivesse me visto, diria logo que foi outra pessoa que me pediu para colocar ali – fala.

Coincidência ou não, o Bahia não fez uma boa partida naquele dia. A zaga não esteve bem e o goleiro falhou em dois dos três gols do Brasiliense na vitória por 3 a 2, na única derrota do tricolor em casa na 2ª Divisão daquele ano. Apesar do tropeço da equipe, o fotógrafo garante que a derrota não aconteceu por causa de seu trabalho.

– O Bahia se atrapalhou com as próprias pernas dele. O Bahia não tinha que subir mesmo. Se fosse para subir, não tinha trabalho – acredita.

Segundo ele, logo após a partida, levou três jogadores do clube para casa. Eles estavam com medo de sair pelo vestiário e pediram ajuda ao amigo. No caminho, o fotógrafo diz que conversou com os jogadores, ouviu deles que alguns do elenco pensavam apenas em dinheiro, e afirmou que os atletas precisavam ter feito a parte deles dentro de campo.

– Por outro lado, eu fiz a minha – brinca.

Mas, se muitos pensam que esse fotógrafo, torcedor do Vitória, procura apenas atrapalhar os caminhos do clube, estão enganados. Pelo menos é o que ele garante. De acordo com ele, em 2007, quando o rubro-negro disputou pelo segundo ano consecutivo a Série C do Campeonato Brasileiro, o trabalho foi feito para ajudar o time.

– Pedi a Deus e rezei muito. Ainda falei para Arturzinho que ele ia subir o Bahia, que ele tava no caminho certo, que só era ele parar de ficar falando, que ele estava falando demais. Disse a ele também que ia ter dificuldades no Bahia, que teve, e a permanência dele não iria ser concretizada, e não foi – assegura.

Mesmo aqueles que não acreditam na ajuda religiosa, têm suas próprias superstições e procuram mantê-las para não quebrar a corrente. Afinal, quantos torcedores não têm a meia ou cueca da sorte? Quantos se preocupam em repetir a roupa do último triunfo? Ou então, quem não tem aquele amigo tachado de “pé-frio” já que toda vez que vai ao estádio o time perde?

Existem também os que se preocupam em repetir o mesmo local para assistir a partida em todos os jogos. Essa cena é a mais comum nas arquibancadas da Fonte Nova. E quando isto não acontece, os mais metódicos se revoltam.

Foi exatamente o que aconteceu no quadrangular final da Série C do Brasileiro de 2007. O Bahia estava em busca de uma das quatro vagas para voltar à 2ª Divisão. A Bamor decidiu que deveria descer para o anel inferior do estádio, assim ficaria mais perto do campo e a pressão nos jogadores adversários seria maior. Pois foi o que aconteceu na partida contra o Bragantino.

Meia hora antes da partida, os torcedores já estavam posicionados no novo espaço. Foi quando o motorista Luiz Fernando chegou à Fonte Nova e se viu impossibilitado de ocupar seu tradicional lugar.

– E agora, o que vou fazer? Sempre sentei no 11º degrau na linha do meio de campo e sempre deu certo. Como vou sentar agora com todo mundo aí? Já estou vendo que não vai dar certo esse jogo – afirmou na hora.

Realmente, o Bahia não conseguiu a vitória naquela noite. A Bamor decidiu retornar ao anel superior. E Luiz Fernando pôde acompanhar todo o final da Série C e o retorno do Bahia à Série B no 11º degrau em frente à linha do meio de campo.



CHUPA QUE É DE UVA

Antes acostumada a comemorar títulos e ter os torcedores do Vitória como motivo de todo tipo de chacota, a torcida do Bahia vive situação diferente há quase duas décadas. Os problemas enfrentados pelo clube dentro e fora de campo e o crescimento do rival fizeram com que os tricolores deixassem de ser os criadores das gozações para ser o alvo principal delas.

Mas, mesmo sem conquistar um título sequer há sete anos, a torcida do Bahia não abaixa a cabeça diante dos rivais. Usando como argumento os dois títulos nacionais e a larga vantagem em conquistas estaduais, os tricolores sempre acham uma maneira de remediar a situação e tirar um sarro dos rubro-negros.

– Torcedor do Vitória tem aquela dor de cotovelo que não engessa. A dor dele é mais do passado. Eles não aceitam o passado de maneira alguma, isso porque é um time sem história – provoca Rômulo Bahia.

Para ele, as duas estrelas ostentadas acima do escudo do clube são o maior motivo de alegria. Segundo Rômulo, o fato de o Vitória não ter nenhuma conquista nacional cria uma grande separação entre a dupla Ba-Vi.

– Se eu fosse torcedor do Vitória, eu jamais ia discutir com um título importante que o Bahia tem. Eu não discuto com são-paulino porque eu não tenho Libertadores nem Mundial. Se eu fosse torcedor do Vitória, eu teria vergonha – justifica.

E quando está em discussão com um torcedor rubro-negro e ele argumenta que o título brasileiro ficou no passado e, quem vive de passado é museu, Rômulo guarda uma resposta na ponta da língua.

– Quando o Bahia foi campeão em 88, tinha aquele ditado “eu torço para o Vitória, mas sou baiano”. Então eles todos estavam lá também, têm um pouquinho de Bahia. E por que eles falam hoje? Quando estavam na festa foi o presente, então eles estão no passado também. O Vitória faz parte da história do Bahia – rebate.

Para reforçar a tese de que todos precisam de uma história, Rômulo utiliza o exemplo de quem está a procura de emprego. Ele lembra que a primeira coisa que o candidato tem de oferecer é seu currículo. E nessa linha, solta mais uma provocação aos rubro-negros.

– Sabe por que o torcedor do Vitória não acha emprego? Porque não tem currículo. O currículo do Vitória é Campeonato Baiano e dois do Nordeste – alfineta.

Além do título brasileiro, o torcedor do Bahia faz questão de provocar os rivais com outra questão. Para eles os vices-campeonatos estaduais do Vitória, na época em que o Bahia detinha a hegemonia estadual, e os vices nas Séries A, B e C do Brasileiro transformaram o clube no chamado “Vicetória”.

– O Bahia tem um slogan que diz assim “Nasci para Vencer” e o slogan do outro é “Para vice ser”. É, porque o Bahia nasceu para vencer e o Vitória para vice ser, porque era sempre o vice do Bahia – diz Rômulo.

O coro é reforçado por Binha de São Caetano.

– Nós temos dois títulos brasileiros, disputamos a Libertadores e somos reconhecidos em todo o Brasil. Agora eles, têm mais de cem anos de vida e não têm nada. O verdadeiro “centenada” – brinca o tricolor.

Quando o assunto são os títulos conquistados, mesmo com a carência nos últimos anos, o torcedor do Bahia ainda consegue sair por cima. Mas, quando a conversa caminha para o lado do campo de jogo, o que acontece na maioria das vezes, as provocações são substituídas por desculpas.

Sem um estádio próprio, o Bahia viu o rival construir e utilizar o Estádio do Barradão como meio para conquistar a hegemonia estadual. A situação dos tricolores piorou no final de 2007, com a tragédia da Fonte Nova. Para os rubro-negros, além de estarem sem títulos na última década, os torcedores do Bahia passaram a ser também sem-teto.

No entanto, nem com todos os fatos apontando contra, os tricolores saíram na pior. Aproveitaram o fato de o Barradão ter sido construído ao lado do antigo aterro sanitário de Salvador e logo apelidaram o local de “Lixão”. A cada Ba-Vi, novas fantasias eram criadas para minimizar a importância do estádio.

O mais comum era se ver torcedores do Bahia com máscaras de proteção respiratória. Diziam eles estar se protegendo do fedor exalado pelo lixo. A presença de urubus na região também não era deixada de lado.

– O Barradão é o único estádio do mundo que tem cobertura natural. Os urubus fazem a sombra no estádio todo – alfineta Binha de São Caetano.

Mas, desde que a prefeitura de Salvador retirou o aterro sanitário do bairro de Canabrava, as provocações neste sentindo diminuíram. O apelido, no entanto, não mudou. A cada conquista ou vitória no Barradão, os torcedores do Bahia simulam uma volta olímpica no estádio e provocam:

– Vamos dar a volta no lixo, vamos dar a volta no lixo.

O problema foi que as conquistas e vitórias ficaram cada vez mais escassas no Barradão. Aí, sem aterro sanitário por perto e com o estádio transformado em um verdadeiro alcapão, foram os torcedores do Vitória que passaram a tirar proveito da propriedade. Com isso, o discurso dos tricolores teve de ser alterado mais uma vez.

– Se um dia eu for governador da Bahia, vou fazer estádio em tudo que é lugar e dar para um torcedor do Vitória. Eles só vivem do estádio, só falando disso, mas esquecem que não têm torcida. Os torcedores não vão apoiar o time, não têm cacife para isso. Eles ficam dizendo que são torcida de elite, só vão para o Barradão quando o time está bem. Então não torcem para time nenhum – resmungo Rômulo Bahia.

Por falar no Barradão, foi lá que no Campeonato Baiano de 2008 o torcedor do Bahia compensou toda sua vontade de provocar os rivais. Depois de muitas derrotas na casa do rival, a equipe defendia uma invencibilidade de quase dois anos em terreno inimigo, no clássico realizado no dia 20 de abril. Além disso, estava bem na disputa do quadrangular final da competição, próximo de quebrar o jejum de sete anos sem o título baiano.

Com o estádio lotado, o Bahia foi superior durante os 90 minutos e aplicou uma goleada de 4 a 1. O domínio tricolor era tão grande na partida que, no intervalo, quando o jogo estava 3 a 1, muitos torcedores do Vitória começaram a deixar o Barradão.

Na época, a “Dança do Créu”, funk carioca que se tornou mania em todo o País, tinha virado moda nos estádios. A cada clássico pelo Brasil, os torcedores do time vence-

dor iniciavam o refrão que ficou famoso pela repetição do créu em cinco “velocidades” diferentes.

No Ba-Vi não foi diferente. Com a vantagem no placar, a torcida do Bahia iniciou a coreografia. Até mesmo os jogadores entraram na onda e em suas comemorações dançavam dentro de campo. A provocação ganhou força e, no dia seguinte, o jornal Correio da Bahia pôs mais fogo na disputa.

– Bahia dança o ‘créu’ no Barradão – estampava a manchete da capa da publicação, do dia 21 de abril de 2008, com uma foto grande com cinco jogadores do clube simulando a dança do funk carioca.

Além da “Dança do Créu”, a partida teve outra trilha sonora. Na época, a banda de forró Aviões do Forró tinha acabado de lançar sua música de trabalho para o São João, “Chupa que é de uva”. O refrão é a simples repetição do título da letra. Fácil de ser aprendido e simples de ser decorado.

Mais uma vez, a torcida do Bahia não perdeu tempo. Logo foi feita uma relação entre o título da Copa da Uva, torneio organizado por uma multinacional, conquistado pelo Vitória e que serve como motivo de chacota entre tricolores, e a letra da música. Não

demorou muito para que durante aquele Ba-Vi, todo o setor destinado à torcida do Bahia estivesse cantando o refrão.

Só que a alegria não durou muito. Na semana seguinte, foi realizado o segundo Ba-Vi do quadrangular final do Campeonato Baiano. A partida foi em Feira de Santana, mando de campo do Bahia na ocasião. Mordidos pela goleada do Barradão e pela provocação sofrida, jogadores e torcedores do Vitória encararam o jogo com um grande final.

E o troco foi dado. Não somente em campo, com o triunfo por 3 a 0, mas também nas arquibancadas. Depois que a banda Aviões do Forró lançou o “Chupa que é de uva”, a banda Cavaleiros do Forró fez uma resposta intitulada “Senta que é de menta”. Assim como na música, a réplica também foi dada pelo lado vermelho e preto das arquibancadas do Estádio Jóia da Princesa.

Com ou sem o apoio de músicas famosas, uma das grandes responsáveis pelas provocações da torcida do Bahia nas arquibancadas é a Bamor. Para alegrar o estádio e comandar as músicas e coreografias, a torcida organizada conta com dois puxadores, Bruno e Matheus Pereira.

Com apenas 17 anos, Matheus assumiu o posto, um dos mais importantes da torcida, em 2008. Em quatro anos fazendo parte da Bamor, ele conquistou a confiança dos diretores e membros mais antigos. Além disso, destacou-se pela animação nas arquibancadas e por lembrar com facilidade da maioria das músicas.

– Fui crescendo na torcida. Nos jogos o pessoal via que eu sabia as letras e começou a pedir para ir puxar quando Bruno estava mais cansado – lembra Matheus, que entre os integrantes da Bamor é conhecido como Xita.

Para ele, não há sensação melhor do que ver o Bahia bem em campo e os torcedores correspondendo na arquibancada.

– É muito bom. Dá emoção quando você vê que puxa um grito e todo mundo canta junto. Eu fico é com raiva quando todo mundo fica calado. Agora, quando todo mundo canta você chega se arrepiar – comenta.

Matheus diz que ele e Bruno se revezam durante as partidas à frente da torcida. Não há tempo exato para cada um comandar a Bamor. No entanto, Xita garante que não há qualquer briga por um querer aparecer mais do que o outro.

Quanto às músicas, os dois combinam antes dos jogos quais serão as mais usadas naquele dia. As letras dessas canções são feitas pela própria dupla ou então pelo MC que pertence à Bamor. Há também músicas enviadas por torcedores que não fazem parte da torcida organizada.

– Quando vem assim letra de alguém de fora, nós fazemos votação dentro da torcida mesmo para saber a opinião da galera. Se todo mundo gostar acrescentamos no repertório, mas também têm muitas que dão errado, que ninguém gosta – revela.

Apesar de concordar que muitas dessas músicas podem incitar a violência, Matheus acredita que as brigas de torcidas não acontecem somente por causa das letras mais violentas. Mesmo assim, ele se diz feliz com a mudança no comportamento das torcidas brasileiras, que passaram a exaltar e empurrar mais o time ao invés de denegrir os torcedores rivais.

– Está sendo uma mudança positiva, entendeu? A gente prega o quê? A torcida Bamor, muita gente acha que a gente aqui prega a violência. Não. Mas também não tem como controlar dez mil pessoas, entendeu? Vem muita influência do Sudeste pra cá.

Mas o que a gente prega mesmo é apoiar o nosso time. Qual o nosso lema? “Ninguém nos vence em vibração”. Só daí você já pode entender a nossa ideologia – defende.

Além das músicas criadas pela própria torcida, Matheus revela que existe uma troca de composições entre as torcidas brasileiras. Ele afirma que entre grande parte das organizadas aliadas há uma permuta de músicas. A diferença é que em cada Estado as composições ganham características próprias.

A opinião é a mesma do presidente da torcida. Para Jorge Santana, as composições da Bamor estão cada vez mais voltadas ao Bahia. Ele lembra também que com o comportamento modificado entre as torcidas organizadas brasileiras, as famílias voltaram aos estádios com maior tranquilidade.

Quanto à circulação das músicas, ele acredita que a troca foi possível também por causa da televisão. Com as emissoras dando maior espaço aos torcedores e colocando as letras durante os jogos, até mesmo torcedores comuns puderam criar versões baseando-se nas letras de outras torcidas.

– Às vezes fazemos um canto aqui e ele vai parar no Rio Grande do Sul, do mesmo jeito que uma música feita no Rio de Janeiro vem pra cá. Por isso que existem as

torcidas aliadas. São trocas de informações. Hoje posso dizer pra você, sem vergonha nenhuma, que algumas coisas que a Bamor faz vêm de fora, até de torcidas de clubes rivais. Isso é uma coisa normal e natural – fala.

Apesar das composições feitas e do esforço de todas as torcidas organizadas do Bahia, os torcedores sentiram a falta de um estádio em Salvador para poder popularizar as canções. O presidente da Bamor lamentou que o clube ficou sem a Fonte Nova durante todo o ano de 2008 e teve de mandar seus jogos, da Série B do Brasileiro, no Estádio Jóia da Princesa, em Feira de Santana.

Assim como Jorge Santana, Matheus Pereira também creditou a distância para ver os jogos do Bahia como o maior adversário da torcida durante a temporada de 2008. Os dois acreditam que com a reinauguração do Estádio Metropolitano de Pituaçu, os torcedores poderão voltar a fazer a festa tradicional da Bamor.

– A gente tem criado várias músicas de incentivo ao Bahia. O que está pegando para nós é que não temos mais a Fonte Nova. Vamos pra Feira e dá cinco mil pessoas de público sendo que umas 800 são integrantes da Bamor. Então você não consegue fazer aquela festa bonita, com coreografias, cantos, uniformização. O que fazíamos na

Fonte fica difícil de fazer no Jóia. Mas com Pituaçu pronto teremos muitas novidades e a torcida do Bahia, em geral, vai voltar a ter aquele orgulho e emoção que sempre teve na Fonte Nova quando a Bamor empurrava o Bahia – promete Jorge Santana.

A ESPERANÇA NO CAMPO DOS SONHOS

O torcedor do Bahia viveu uma experiência inédita durante todo o ano de 2008. Com o Estádio da Fonte Nova interditado desde a tragédia no final de 2007, ele passou um ano inteiro sem poder acompanhar o seu time de perto. As médias de público de anos anteriores ficaram apenas na memória. A distância para Feira de Santana, a 105 quilômetros de Salvador, onde a equipe jogou durante toda a Série B, foi maior do que o amor demonstrado até então e motivo de elogio por todo o País.

Mas, além da distância, o time voltou a decepcionar em campo. Nada de grandes jogadores, nada de partidas disputadas, muito menos de títulos. Restou ao torcedor durante toda a temporada, continuar exaltando os títulos conquistados no passado e sonhar com dias melhores para a equipe.

Foi, literalmente, um ano de provação para o torcedor tricolor. Os recordes de público de 2007 ficaram somente na lembrança. Problemas financeiros culminaram com sumiços de jogador e, até mesmo, greve dos funcionários da lavanderia e cozinha. Motivado de chacota pelo rival, ele não se deixou abater. Muito pelo contrário, reuniu mais forças para criar uma onda a favor da mudança dentro do clube.

A revolta começou a ir para as ruas ainda em 2006, na passeata que reuniu milhares de torcedores na Avenida Sete de Setembro. Com o passar dos anos, aquele torcedor que era considerado acomodado foi se transformando. Grupos de oposição começaram a surgir. Consciência Tricolor, Unidade Tricolor, Revolução Tricolor são alguns dos mais atuantes e que desejam a mesma coisa: mudança.

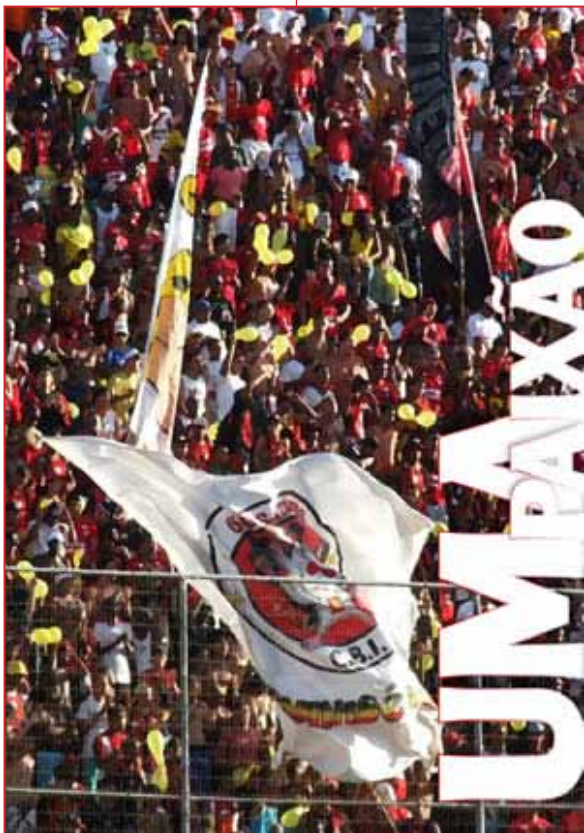
Mesmo sem a certeza de que com suas atitudes, como carreatas e protestos, eles conseguirão efetivamente influenciar na vida do Esporte Clube Bahia, os tricolores não perdem a esperança. Estão sempre ao lado da equipe, mesmo que não compareçam como de costume aos estádios.

Em toda a trajetória, o sofrimento se tornou uma palavra cada vez mais comum na vida dos tricolores. Foi assim nas principais conquistas da equipe e tem sido assim

ano após ano. Uma relação, como diz um texto que circula pela Internet, difícil de se entender.

– Quem não é Bahia deve pensar, como deve ser torcer para o Bahia? Destino, religião, doença. Vontade de sofrer e ser alegre. Vontade de chorar, quando se ri. Ou rir, quando se chora. É uma explosão que contagia. É uma emoção que não se explica. É estar sempre presente na incerteza. Só quem é sabe...

VITÓRIA



A SEMANA DE 20 A 26 DE ABRIL DE 2008 NÃO FOI NADA AGRA-DÁVEL PARA OS TORCEDORES DO VITÓRIA. O clube havia acabado de perder o terceiro Ba-Vi consecutivo da temporada. Para piorar, a última derrota havia sido em pleno Barradão com uma goleada de 4 a 1. A supremacia rival até o momento no quadrangular final do Campeonato Baiano era regida ao som do “Beber, cair e levantar”, “Créu” e “Chupa que é de uva”.

Foram sete longos dias para o torcedor rubro-negro tendo que ouvir as provocações sem poder revidar. A espera pelo segundo clássico da fase decisiva do estadual, no domingo seguinte, pareceu uma eternidade. Situação estranha para os apaixonados mais novos, que não estavam acostumados com a superioridade tricolor, comum até a década de 90.

Mas, aqueles torcedores que acompanham o Vitória há mais tempo, que sofreram bastante com as provocações dos rivais e deram a volta por cima nas últimas duas décadas estavam confiantes em



mais uma virada rubro-negra. Por isso não jogaram a toalha e decidiram acompanhar de perto o quarto Ba-Vi do ano.

No momento, o Bahia era o líder do quadrangular com sete pontos conquistados, três a mais que o Vitória. Uma quarta derrota consecutiva para o maior rival seria como entregar de bandeja o título baiano. Para não correr este risco, a torcida rubro-negra decidiu apoiar o time de todas as formas. Velas vermelhas e pretas foram acesas. Rezas, pedidos, promessas, tudo era justificável.

Nem mesmo a distância foi capaz de afastar o torcedor. Como a Fonte Nova estava interdita desde a tragédia no dia 25 de dezembro de 2007, quando o Bahia ainda jogava pela Série C do Brasileiro, o jogo foi realizado no Estádio Jóia da Princesa, em Feira de Santana.

As torcidas organizadas se uniram e realizaram caravanas. Saíram com antecedência de Salvador, exigência da Polícia Militar, e passaram por diversas vistorias para evitar qualquer tipo de con-

fronto no interior do Estado. A Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, maior do clube, foi quem tomou a frente e comandou as arquibancadas do estádio de Feira de Santana.

Empolgada com a campanha do time, a torcida do Bahia era maioria absoluta no Jóia da Princesa. E foi ela quem começou vibrando, quando Rogério aproveitou uma cobrança de falta e colocou a bola para os fundos da rede. Só que a decisão do bandeirinha de anular o gol, marcando impedimento, mudou completamente os rumos da partida.

Para os mais supersticiosos, aquele era um sinal de que o vexame ocorrido no domingo anterior iria se repetir. Afinal, na goleada por 4 a 1, no Barradão, o Bahia também saiu na frente nos primeiros minutos do jogo e teve seu gol anulado. Só que, diferentemente do clássico realizado em Salvador, o tricolor não conseguiu marcar em seguida ao gol invalidado.

A partida ficou equilibrada. Os jogadores do Vitória pareciam estar disputando uma final de Copa do Mundo. Assim como os torcedores eles se sentiram revoltados com todas as provocações do rival.

– Aqui também tem homens – repetiu durante toda a semana o volante Renan, que estreou naquele Ba-Vi e se tornou um dos líderes do time.

O Bahia parecia desequilibrado. O zagueiro Alison errou aos 38 minutos e forçou uma falta perigosa do volante Marcone, que acabou sendo expulso aos 38 minutos do primeiro tempo. Com vantagem numérica, foi o Vitória quem abriu o placar com o meia Ramon nos acréscimos do primeiro tempo.

O Vitória continuou melhor na segunda etapa. Aos 24 minutos Alison voltou a falhar e o atacante Marquinhos, ainda uma promessa, invadiu a área do Bahia e marcou o segundo gol. Nesse momento a torcida do Vitória já explodia de alegria. A resposta tão esperada às provocações tricolores já era ouvida na arquibancada. Para rebater o “Chupa que é de uva”, os rubro-negros recorreram também ao forró e a plenos pulmões cantaram o “Senta que é de menta”.

O triunfo foi confirmado aos 43 minutos quando Ricardinho chutou cruzado e fechou o placar em 3 a 0. Essa foi a senha para a torcida do Vitória explodir nas arquibancadas. Permissão também para os jogadores extravasarem e repetirem a provocação feita na semana anterior pelos adversários.

Assim como fez na década de 90, o Vitória deu a volta por cima e sagrou-se campeão baiano de 2008. E é exatamente isto que o leitor vai encontrar nas páginas a seguir. A lembrança dos tempos sofridos para o Leão da Barra e seu soerguimento, as loucuras de seus torcedores, o surgimento e crescimento das torcidas organizadas, a violência provocada por elas, o apelo religioso para o sucesso do time do coração e, como não poderia deixar de ser, a maneira única como o torcedor baiano consegue criar e provocar os rivais.

UM JOVEM CENTENÁRIO

Com mais de cem anos de fundação, o Esporte Clube Vitória pode se orgulhar de ser um dos times mais antigos do Brasil. Apesar do centenário de existência, completado em 1999, o rubro-negro baiano despertou, definitivamente, para o futebol apenas na década de 90. Desde então, vem fazendo bonito nos gramados, principalmente o do Estádio Manoel Barradas, o Barradão, de sua propriedade, e crescendo a cada dia no cenário nacional. O futebol, hoje, é o carro-chefe da equipe vermelha e preta. Mas, nem sempre foi assim.



Tanto que o clube foi fundado com o objetivo de praticar outro esporte. No final do século XIX, o cricket dominava a preferência dos jovens baianos. Mas, a prática da modalidade era vedada pelos imigrantes da Inglaterra, que formavam a colônia inglesa em Salvador. Os brasileiros eram proibidos de participar dos jogos e recebiam apenas a “grata” missão de apanhar as bolas, tarefa parecida com a dos gandulas atuais.

Essa discriminação e o trabalho considerado de menor valor feriram o orgulho dos jovens burgueses moradores do Corredor da Vitória. Representantes da alta sociedade baiana, eles não queriam se submeter aos caprichos dos ingleses. Insatisfeitos, dezenove destes jovens resolveram se unir e fundar uma agremiação que permitisse aos baianos a prática do cricket.

Foi assim que em 13 de maio de 1899 nasceu o Club de Cricket Victória. Seus fundadores foram os amigos Adolfo Irineu dos Santos, Alberto Teixeira, Antonio Giz Almeida, Antonio Peixoto Guimarães, Arthêmio Valente, Arthur Valente, Augusto Francisco Lacerda,

Carlos Carvalho, Carlos Oliveira Teixeira, Fernando Kock, Hebert Filgueiras, Joaquim Espinheiro Costa Pinto, Joaquim Rodrigues Chaves, Jorge Wilcox, Juvenal Teixeira, Leobino Cavalcante, Octavio Castro Rabelo, Pedro Gonçalves Almeida e Quintino Fontes Ferreira.

A reunião de fundação aconteceu na casa dos irmãos Arthêmio e Arthur Valente. Muito foi discutido até se chegar ao nome dado ao clube. Por causa da rivalidade com os ingleses, motivo da fundação, nomes como Club de Cricket Bahiano e Club de Cricket Brasileiro foram cogitados. Mas, prevaleceu a idéia dada por Arthêmio, de que o clube deveria se chamar “Victória”, já que a maioria de seus fundadores morava no Corredor da Victória, desde então reduto da alta sociedade baiana.

A vontade dos fundadores da nova equipe de afirmar o nacionalismo era tão grande que as cores escolhidas para o clube inicialmente foram o verde e o amarelo. O vermelho e preto no uniforme só foi implantado anos depois, com a chegada a Salvador de Cesar Godinho Spínola.

– O Vitória realizou alguns treinamentos de verde e amarelo, mas a falta de material esportivo suficiente nestas cores fez com que o clube vestisse preto e branco, até que a

influência do Flamengo do Rio na seção de regatas transformou as cores no vermelho e preto – afirma o jornalista Paulo Leandro em sua dissertação de mestrado O jornalista e o cartola.

Rivalizando com o Internacional, clube formado basicamente por ingleses, o Vitória fez sucesso no cricket. Mas, o cenário mudou em outubro de 1901. Depois de alguns anos estudando na Inglaterra, o baiano José Ferreira Júnior, mais conhecido como Zuza Ferreira, retornou à sua terra natal. Em sua bagagem, trouxe consigo as primeiras bolas de couro, bombas e agulhas para encher o novo objeto que iria conquistar os baianos.

O novo esporte, o futebol, logo caiu nas graças do povo. No entanto, a falta de conhecimento sobre as regras tornou a prática um verdadeiro problema de ordem pública. As queixas de moradores e comerciantes levaram a Intendência Municipal a tomar uma atitude drástica. Em nota publicada em 1º de agosto de 1902, ficou definido, a pedido da Secretaria de Polícia, que a “diversão” só poderia ser praticada no Campo dos Mártires, no Distrito de Nazaré, na Quinta da Barra, no Distrito da Vitória, na Fonte do Boi, no Distrito de Brotas, no Largo do Barbalho, no Distrito de Santo Antonio, e no Largo do Papagaio, no Distrito da Penha.

O novo esporte foi logo incorporado pelo Club de Cricket Victoria. A prática do futebol, atletismo, natação e remo fez com que o clube, em 1902, mudasse seu nome para Sport Club Victoria. Foi nessa época, mas longe dos gramados, que o clube ganhou o apelido que carrega até hoje.

– Naquele primeiro ano de prática do remo, o Vitória, que dispunha dos barcos Tupy e Tabajara, conseguiu um feito inesquecível. Seus remadores saíram do Porto da Barra e foram até o Porto dos Tainheiros, em Itapagipe. O fato, que teve grande repercussão na época, originou o apelido de Leões da Barra para os atletas, e mais tarde para os próprios torcedores rubro-negros – contam Alexandro Ramos Ribeiro e Luciano Souza Santos no livro Barradão – alegria, emoção e Vitória.

Apesar dessas novas modalidades, foi o futebol quem recebeu mais atenção no início do século XX. No mesmo ano em que mudou de nome, a agremiação já realizava alguns jogos-treino. Mas, efetivamente, a Seção de Futebol foi criada somente em 1903, por Álvaro Tarquínio.

Essa diferença de quatro anos entre a fundação e a real dedicação ao futebol tira do Vitória o título de clube de futebol mais antigo do Brasil em atividade. Como não foi

criado para o esporte, o Vitória fica atrás do Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900 e que disputa a 2ª Divisão do Campeonato Gaúcho. Há indícios, porém, da existência de um clube mais antigo, o São Paulo Athletic Club, criado em 13 de maio de 1888, dia da abolição da escravatura, mas que não existe mais.

Naquela época, jogar futebol ainda era considerado uma atividade de luxo. Apenas os jovens da alta sociedade tinham este privilégio. Os convites para as partidas eram feitos através de ofícios com uma linguagem extremamente erudita, assemelhando-se a convites para festas pomposas.

– Como o esporte não mobilizava uma opinião pública favorável, em razão dos problemas com vidraças quebradas e prejuízo de propriedades, a adesão dos jovens baianos do Corredor da Vitória se tornou um fator preponderante para afirmação do futebol e sua aceitação na sociedade baiana. De um lado, o futebol era vigiado e restrito a algumas áreas da cidade, por determinação da Intendência Municipal. De outro, servia de tema de encontro da juventude baiana, que tentava se afirmar diante da colônia inglesa, bastante influente na época e que havia adotado o cricket como esporte exclusivo, rejeitando a presença dos chamados ‘nativos’ nos jogos realizados em suas chácaras. As festas motivadas pelo futebol ajudaram a quebrar a dificuldade inicial do

novo esporte em se estabelecer como principal modalidade praticada na cidade – resalta Paulo Leandro na dissertação.

A primeira partida de futebol, que se tem registro, realizada pelo Victoria foi em 22 de maio de 1901. O clube baiano enfrentou um combinado de tripulantes de navios ingleses atracados no porto de Salvador, chamado de International Sport Club. O jogo foi vencido pelos brasileiros por 3 a 2. Dois anos depois, uma nova partida, esta também dita como a primeira da equipe. Já com o nome de Vitória e o uniforme vermelho e preto, o time enfrentou o São Paulo Bahia Football Clube na inauguração do Campo de Mártires (atual Campo da Pólvora). O jogo contra os paulistas que moravam em Salvador foi vencido por 2 a 0.

Com o avanço da prática do esporte por toda a cidade, inclusive com a criação de campos improvisados nas ruas, surgiu a necessidade de uma organização. Foi assim que, para aproveitar esse crescimento e fortalecer o futebol, o São Paulo Clube sugeriu a criação de uma liga. Os demais clubes logo aceitaram e, no dia 15 de novembro de 1905, no bairro da Mouraria, o Bahiano de Remo, o Internacional de Cricket e o Sport Club Victoria, além do time da colônia paulista, fundaram a Liga Bahiana de Desportos Terrestres.

Antes mesmo da criação da liga, já havia sido disputado o I Campeonato Baiano de Futebol. Foi na competição que o Vitória disputou sua primeira partida oficial. No dia 9 de abril de 1905 o rubro-negro enfrentou o Internacional. A inexperiência da jovem equipe falou mais alto e o resultado foi um 3 a 1 para o adversário, que se tornaria o primeiro campeão baiano de futebol.

A primeira conquista só veio três anos depois. No IV Campeonato Baiano, o Vitória conseguiu a façanha de se manter invicto durante a competição e tornou-se campeão com sete triunfos e apenas um empate. No ano seguinte, mais comemorações. O rubro-negro repetiu a campanha de 1908 e, pela segunda vez na história, a Bahia viu um time ser bicampeão estadual de futebol. A primeira equipe a conseguir o feito foi o São Salvador, nos campeonatos de 1906 e 1907.

As conquistas davam a impressão de que o Vitória passaria a dominar o cenário futebolístico baiano. Os dois títulos invictos mostravam a força do “Leão da Barra” no esporte. Mas, questões sociais e econômicas afastaram a equipe do futebol, prenderam-na no amadorismo e fizeram com que o clube amargasse seu maior jejum de títulos: 44 anos sem uma única conquista.

Em 1913, quando novos times foram criados no Estado, o Vitória decidiu se afastar da Liga Bahiana de Desportos Terrestres e criar a Liga Brasileira de Sports Terrestres com outras equipes. O motivo do afastamento foi simples: as agremiações recém-criadas eram mais populares e isto não agradou em nada àquelas equipes formadas pela elite da sociedade baiana, como o Esporte Clube Vitória.

Foi por causa desta questão social que o rubro-negro ficou de fora dos gramados por sete anos. O time só voltou a disputar a competição estadual em 1920. A essa altura, a Liga Brasileira de Sports Terrestres já havia mudado de nome para Liga Bahiana de Desportos Terrestres – hoje Federação Bahiana de Futebol. O principal palco dos jogos em Salvador passou a ser o Estádio Arthur Rodrigues de Moraes, mais conhecido como Campo da Graça.

Além do período de 1913 a 1920, o Vitória também não disputou as competições de futebol de 1930, 1931 e 1937. Foram dez anos longe dos gramados oficiais no período em que o esporte era tratado e administrado de forma amadora. Atitude que rendeu títulos e o crescimento da torcida de seus principais rivais. Ypiranga, Galícia e, principalmente o Bahia, tiraram bastante proveito desse período.

A alegria do torcedor rubro-negro só voltou em 1953. Com Luiz Martins Catharino Gordilho na presidência do clube, enfim foi implantado um departamento autônomo e profissional de futebol. Mudança de pensamento que rapidamente deu resultados dentro de campo.

Depois de 44 anos sem comemorar qualquer conquista, a torcida do Vitória voltou a sorrir. O título de 53 foi decidido somente no ano seguinte. Na final, contra o extinto Botafogo, na Fonte Nova, o Leão da Barra venceu por 3 a 0. Os gols de Juvenal (duas vezes) e Tombinho garantiram a quebra do maior jejum da história do clube e reacenderam a paixão no torcedor.

– Tão emocionante foi esse tento que a torcida rubro-negra vibrou de forma incomum, que um fan do clube da Barra acabou por desmaiar, somente vindo a se restabelecer muitos minutos depois [...] Meia hora antes do embate terminar e os fans do Vitória, inclusive fantasiados e mascarados, começaram a convergir para a pista. – noticiou o jornal A Tarde na edição do dia 22 de março de 1954.

Na década de 50, o Vitória voltou a levantar o troféu estadual por mais duas vezes. Em 55 e 57, as finais foram com o maior rival, o Bahia. Nas duas decisões, o rubro-



negro levou a melhor e mostrou que a fase do amadorismo havia passado e que, aos poucos, o time estava crescendo, juntamente com a legião de torcedores.

Apesar da decisão da diretoria de investir na profissionalização do futebol, e na luta em ganhar espaço político junto à federação baiana, o Vitória enfrentou muita resistência. A fase mais complicada para o clube, neste período de reafirmação, foi nos anos de 1964 e 1965. Na conquista do bicampeonato estadual, o Leão da Barra foi completamente boicotado pela imprensa baiana.

O problema aconteceu porque um radialista foi espancado dentro de um ônibus. Como ele estava denunciando a possível irregularidade de um jogador do clube, o atentado foi logo atribuído ao presidente Ney Ferreira e ao diretor de Esportes Henrique Cardoso. Por este motivo, nenhum dos veículos de comunicação existente à época noticiava nada referente ao Esporte Clube Vitória.

O único canal de informação para o torcedor rubro-negro nesta época de “greve” da imprensa soteropolitana foi o Esporte Jornal. A publicação foi criada em 1965 por Luiz Eugênio Tarquínio – sobrinho de Álvaro Tarquínio, fundador da seção de futebol no clube –, em parceria com Carlos Alberto Jesuíno e Ruy Simões.

Foi através do Esporte Jornal que a torcida acompanhou a conquista do bicampeonato estadual. Em tom irônico, a publicação fez referências à repercussão da conquista rubro-negra fora de Salvador. Manchetes como “Imprensa do País ressalta feito do Bicampeão Brasileiro” tentavam mostrar a importância dos títulos conquistados diante do Bahia e do Botafogo.

– Nenhum veículo impresso, exceto o Esporte Jornal, noticiou o título do Vitória, em um fato raro no mundo, em se tratando de um grande clube, capaz de mobilizar multidões e gerar um mercado rentável – afirma Paulo Leandro.

Depois desta prova de fogo com a imprensa baiana, a cúpula rubro-negra decidiu que era a hora de tentar a popularização do time. Desde que foi fundado, por jovens da alta sociedade baiana no final do século XIX, o Vitória sempre foi considerado um time de elite. Suas ações, como a decisão de se afastar da disputa do Campeonato Baiano

por causa da presença de clubes mais populares, causavam antipatia junto a boa parte da população.

Mas, com um departamento bem estruturado e forte, a direção entendeu que era chegada a hora de conquistar novos torcedores.

– Não adianta ter um bom patrimônio ou ganhar títulos, sem que haja o respaldo de um grande quadro associativo – reclamou Alexi Portela, presidente do clube em 1976, em texto na Revista Super Vitória 76.

Na verdade, a campanha para a popularização do clube começou anos antes. Com o comando de Raimundo Rocha Pires, em 1972, o Vitória conquistou o Campeonato Baiano após sete anos de jejum e iniciou sua cruzada em busca de novos torcedores.

No entanto, foi realmente sob o comando de Alexi Portela que o rubro-negro conseguiu conquistar o coração da população mais carente. Prova do feito foi o sucesso da campanha Super Vitória 76. A venda de um carnê promocional, com direito a revista, brindes e sorteio de automóveis e motos, ganhou grande apoio da mídia. O resultado não poderia ser melhor: foram cem mil carnês vendidos em apenas 18 dias.

Com um departamento de futebol bem estruturado, o time voltando a conquistar títulos em campo e a torcida crescendo em todo o Estado, o Vitória deu mais uma prova do profissionalismo e da visão de futuro de sua diretoria. O primeiro passo foi dado ainda em 1972 quando o clube comprou a chácara do médico Paiva Lima, na Estrada Velha do Aeroporto.

O espaço inicial de 100 mil metros quadrados aumentou com uma doação da prefeitura. Na gestão de Clériston Andrade no Palácio Thomé de Souza, o rubro-negro foi beneficiado com mais 126 mil metros quadrados. Foi nesse terreno, às margens da Estrada Velha do Aeroporto, que o presidente Alexi Portela iniciou a construção da Toca do Leão.

A idéia inicial era de construir, além da concentração para juvenis, um parque socio-esportivo para os rubro-negros. Mas, as obras não se adiantaram muito entre a década de 70 e o início da década de 80, apesar do sonho mantido entre dirigentes e torcedores.

– O Vitória está partindo para a construção do seu estádio dentro de um cronograma de trabalho que existe e está sendo colocado em prática. Acredito que muito

em breve poderemos dar ao torcedor do Vitória grandes notícias. Por enquanto fica apenas na expectativa para não gorar – afirmou o presidente Raimundo Rocha Pires, em 1979, para o caderno especial do jornal Tribuna da Bahia em comemoração aos 80 anos de fundação do clube.

Com o passar dos anos e a troca na administração, a Toca do Leão foi sendo abandonada. A recuperação do espaço se deu com a doação de torcedores. Blocos, cimento, areia, azulejos e outros materiais de construção foram cedidos ao clube por rubro-negros ilustres ou não. O principal objetivo nessa época era fazer com que o time de futebol parasse de treinar em campos emprestados, como o Estádio de Pituacu, a Vila Canária (centro de treinamentos do Ypiranga), o Parque Santiago (estádio do Galícia) e a colônia de férias do Sesc, em Piatã.

Mas, apesar da ajuda para recuperar a Toca do Leão, o maior desejo de todo rubro-negro era poder ter seu estádio próprio. A obra chegou a ser cogitada, na década de 40, no bairro do Chame-Chame, mas não foi adiante. O projeto voltou à tona depois da construção da Toca do Leão.

Os arquitetos Ivan Smarcevscki e Fernando Peixoto projetaram um complexo esportivo com lago, piscina olímpica, ginásio coberto, sede social, posto de gasolina, restaurante, hotel, parque infantil e um estádio com capacidade para 30 mil pessoas.

– A idéia era transferir os antigos associados do clube social de Amaralina para a Toca do Leão, agregando a diversão em família nos fins de semana com as partidas de futebol do Vitória, sem esquecer da elite soteropolitana, que freqüentava clubes sociais, onde se praticava o futebol society e o tênis – afirmam Alexandre Ramos Ribeiro e Luciano Souza Santos.

Houve ainda outra proposta para o estádio rubro-negro. Com a assinatura dos arquitetos Lev Smarcevscki e de seu filho, Ivan, a praça esportiva teria capacidade para 80 mil torcedores. Para isso, seriam aproveitadas as encostas para a instalação das arquibancadas, além do fechamento completo do estádio e da construção de um anel superior.

A realização do sonho da torcida em ter sua “casa própria” só foi possível graças à união de rubro-negros influentes. Ex-presidentes, conselheiros, torcedores ilustres e

políticos ajudaram da maneira que podiam. Grande parte do material usado para a construção foi doada por estas pessoas.

Além do auxílio dos torcedores, o Vitória contou também com a ajuda do governo do Estado. A parceria se iniciou na gestão de Antônio Carlos Magalhães e se concretizou com João Durval no cargo de governador. A ligação com o poder estadual aumentou ainda mais com a eleição do deputado José Alves Rocha para a presidência do clube. Assim, o Vitória conseguiu a liberação de máquinas e de recursos estaduais, através da Superintendência de Desportos do Estado da Bahia (Sudesb).

O torcedor também teve papel decisivo na construção do estádio. Diversas campanhas foram criadas para que o rubro-negro contribuísse mensalmente para a construção do Complexo Esportivo. Até mesmo um novo hino, de autoria do compositor Walter Queiroz Júnior e que é usado até os dias de hoje, foi criado para angariar recursos com a venda de discos.

Com alguns atrasos no prazo estabelecido para a conclusão das obras, o Estádio Manoel Barradas foi inaugurado em uma terça-feira, no dia 11 de novembro de 1986, semana de eleições estaduais. Porém, mesmo com todo o esforço para a construção, o

Barradão se viu abandonado até 1990, quando Ademar Pinheiro Lemos Júnior assumiu a presidência do clube.

Mais uma vez com a ajuda do governo do Estado, com os governadores Nilo Coelho e ACM, o estádio passou por algumas reformas. Sua reinauguração foi uma arma usada por Paulo Roberto de Souza Carneiro para chamar a torcida no momento em que a equipe foi rebaixada para a 2ª Divisão do Campeonato Brasileiro, em 1991.

Apesar de já ter o estádio reformado, o maior feito do Vitória em toda a história do futebol na equipe foi realizado tendo a Fonte Nova como mando de campo. Dois anos após ser rebaixado para a Segunda Divisão, onde conquistou o vice-campeonato, o rubro-negro, ainda comandado por Paulo Carneiro, lançou de vez seu nome no cenário nacional.

Com uma equipe formada basicamente por jogadores revelados na Toca do Leão, o Vitória mostrou, àquela época, que já era grande. Superando times como Flamengo, Santos e Corinthians, chegou à decisão da 1ª Divisão do Campeonato Brasileiro de 1993. A juventude baiana, no entanto, não conseguiu superar o Palmeiras.



O time de Edmundo, Evair, Roberto Carlos, Edilson, César Sampaio, Mazinho, dentre outros, venceu as duas partidas contra o Vitória. Na Fonte Nova revestida de vermelho e preto, 1 a 0 para os paulistas. A decisão, em São Paulo, foi vencida mais uma vez pelo Palmeiras. O resultado de 2 a 0 sofrido em campo, abalou a torcida baiana, mas pode ser entendido como pontapé inicial para o crescimento do Leão da Barra nas últimas duas décadas.

Logo após o inédito vice-campeonato nacional, o Vitória conseguiu mais uma conquista, que iria mudar de vez o cenário do futebol baiano. No dia seguinte à derrota para o Palmeiras, em reunião com o então governador, Antônio Carlos Magalhães, o presidente rubro-negro, Paulo Carneiro, queixou-se da falta de iluminação do Barradão. Torcedor assumido do Vitória, ACM não pestanejou e, através da Sudesb, cedeu ao clube um sistema de iluminação artificial com quatro torres com quarenta refletores cada uma.

Com a possibilidade de sediar jogos noturnos, o Barradão passou a ser, verdadeiramente a casa rubro-negra. A partir daí, o Vitória

passou a dominar os campeonatos estaduais. O rubro-negro conquistou o título baiano por 11 vezes em 14 campeonatos disputados com o uso efetivo do estádio, sendo que em um deles, no ano de 1999, o título foi dividido com o Bahia. O crescimento dentro de campo e estrutural, com a gestão de Paulo Carneiro, influenciou também fora das quatro linhas.

O sucesso nos gramados fez com que a torcida do Vitória passasse a expressar ainda mais seu amor ao clube. A “Batucada dos Leões da Barra” foi a precursora de todo o movimento, com atletas e amigos torcendo pelo Vitória em qualquer que fosse o esporte. Daí veio a orquestra de Britinho e Seus Stukas, que comandava a festa nas arquibancadas.

Mas ninguém superou a fama do apaixonado Osvaldo Hugo Sacramento, o Barão de Mococoff. Com seu tradicional grito, quando alongava o máximo possível o nome do clube, principalmente na vogal “o”, organizou as comemorações e coreografias da torcida rubro-negra, até ser sucedido por Natal Silvani.

Com o crescimento da equipe, as lideranças isoladas passaram a ser substituídas por grupos de torcedores. Torcidas como Vanguarda Rubro-Negra, Dragões da Fiel e

Vitorça foram criadas, mas não resistiram ao tempo. E foi exatamente de um desses grupos que se criou o mais conhecido grito de guerra da torcida rubro-negra.

Na disputa do Campeonato Brasileiro de 1981, o Vitória perdia por 1 a 0 para o Grêmio. Na tentativa de reanimar os jogadores e contagiar o restante da torcida, a Vitorça iniciou o grito de “Leeeããoooo, Leeãããoooo”. Em campo, os jogadores responderam imediatamente e a equipe chegou ao empate. Então, o estádio todo passou também a gritar.

O problema foi que a torcida comum não entendeu muito bem o que a Vitorça estava cantando. E aí foi entoado o grito de “Neeeeegoo, Neeeeegoo”. Para não competir e confundir ainda mais a cabeça do torcedor, a organizada aderiu na mesma hora ao novo canto, que hoje é a representação mais comum de amor ao Esporte Clube Vitória.

Com a implantação e o uso efetivo do Estádio Manoel Barradas, novos torcedores-símbolos surgiram. Alvinho Barriga-Mole e Rosicleide Aquino são os maiores representantes da paixão rubro-negra nas últimas décadas. Eles, juntamente com toda a torcida do Vitória, travaram uma grande batalha para que o time e o estádio pudessem ser respeitados por todos.

Desde problemas com o trânsito até a violência e o mau cheiro causado pelo lixo de Canabrava, tudo era motivo para minimizar o clube e seu estádio. Mas, acostumados a enfrentar a resistência desde a sua fundação, quando se confrontaram com os ingleses, os rubro-negros souberam driblar todo o preconceito.

Com a presidência de Paulo Carneiro, a equipe se estruturou, cresceu economicamente e passou a ter voz no cenário nacional. Revelou grandes jogadores como Dida, Alex Alves, Vampeta e conquistou o coração da maioria das crianças nascidas após a década de 90.

Prova disso é que o Vitória apareceu pela primeira vez em uma pesquisa realizada pelo Datafolha, que tinha como intenção medir a quantidade de torcedores dos times brasileiros. Em mais de 20 anos de estudo, foi apenas em 2008 que o rubro-negro baiano apareceu com 1% da preferência nacional. Mesma porcentagem que o Bahia manteve durante todo esse período.

A luta para fazer valer o mando de campo do Barradão foi o principal motivo de união dos torcedores rubro-negros. E a batalha valeu a pena. O estádio foi transforma-

do em um verdadeiro alçapão. Foi lá que o Vitória conquistou a hegemonia do futebol estadual.

O medo de seu principal rival, o Bahia, em jogar a final do Campeonato Baiano de 1999 é a principal prova de que o torcedor e a diretoria do Vitória souberam transformar o Barradão na principal arma da equipe. Hoje, a torcida rubro-negra pode dizer a plenos pulmões que o Leão da Barra encontrou sua toca. E lá, no Estádio Manoel Barradas, na Toca do Leão, quem manda e desmanda é a nação vermelha e preta.

DO INFERNO AO PARAÍSO

Apesar da honra conquistada com a utilização do Barradão, os torcedores mais antigos do Vitória não conseguem esquecer as tristezas do passado. Os títulos e a hegemonia estadual conquistados desde a década de 90, não apagaram da memória de alguns rubro-negros todo o sofrimento provocado pelo maior rival, o Bahia. Mas, é exatamente deste ponto que eles tiram força para comemorar o crescimento da equipe.

Quem viveu esses dois períodos do Vitória, hoje se considera no paraíso. Como é o caso do funcionário público aposentado Álvaro Ribeiro dos Santos, de 75 anos. Muitos sequer o conhecem pelo nome, mas sim pelo apelido dado pelos radialistas França Teixeira e Marco Aurélio.

– Nessa época, eu pesava 105 quilos. Por causa de minha barriga, que era enorme, eles inventaram isso e me chamaram de Alvinho Barriga Mole. Fiquei conhecido no Brasil todo assim – conta.

Alvinho ficou conhecido pela torcida rubro-negra na década de 80. Primeiro por causa do duelo de buzinas nas arquibancadas da Fonte Nova com Lourinho, torcedor símbolo do Bahia e grande amigo do funcionário público.

– Antigamente não tinha esse negócio de torcida organizada não. Era eu e Lourinho. Eu de um lado e ele do outro, cada um com sua buzina. Era uma figura comigo. Quando era BA-Vi, a gente brigava, mas, quando saía, a gente se encontrava para comer água – relembra sorrindo.

Além da zoada provocada pela buzina e que lhe rendeu uma viagem para Manaus em uma disputa com Lourinho promovida por França Teixeira, Alvinho ficou ainda

mais conhecido pela maneira como comemora as conquistas do Vitória. A cada objetivo conquistado, a cena se repete. Vestido com a camisa do clube e com uma imagem de Padre Cícero na mão, Alvinho atravessa ajoelhado todo o gramado do Barradão.

– Enquanto eu for vivo, pra comemorar qualquer coisa, eu comemoro com meu santo que é promessa. Toda vez entro lá com meu “Padim Ciço”. Chego lá e Mário Silva (supervisor do Vitória) manda liberar minha entrada – revela Alvinho.

Mas, quem pensa que a ligação de Alvinho com o Vitória pára pela promessa e festa nas arquibancadas se engana. Com 75 anos de Vitória, como gosta de falar, ele acompanhou toda a época de sofrimento do clube, quando o Bahia detinha a hegemonia estadual, e participou de perto do crescimento do Leão da Barra.

Casado e pai de três filhos (duas mulheres e um homem), Alvinho afirma que o amor pelo Vitória nunca atrapalhou o casamento. Muito pelo contrário. Segundo ele, a esposa sempre aceitou a paixão pelo rubro-negro e colaborou com a equipe.

– Já viajei muito com o Vitória e nunca teve problema nenhum. Minha mulher sempre liberava. Às vezes quando o Vitória chegava do interior, os jogadores não tinham o que comer e ela fazia comida na hora para os jogadores – comenta Alvinho.

Torcedor que nunca abandonou o clube, ele relembra que em um determinado período, o Vitória possuía apenas um jogo de camisas para treinar e jogar. Ao término de cada treinamento, Dona Tíndia, hoje cozinheira da equipe, lavava o uniforme e ele, acompanhado de outros torcedores, torciam as camisas para ajudar a secar.

Além dos problemas internos, Alvinho tinha outro pesadelo como torcedor do Vitória: o Bahia. Segundo ele, cada clássico era certeza de nova derrota e provocações dos amigos tricolores.

– Sofri muito, tive muitas decepções, principalmente quando o Vitória ia jogar na Fonte Nova contra o Bahia, já era carta marcada. Osório Vilas Boas e Paulo Maracajá (dirigentes do Bahia) compravam os juizes, já vinha tudo no bolso. Eles iam buscar no aeroporto – acusa.

Dentre a lista de decepções causadas pelo maior rival, duas situações não saem da cabeça de Alvinho. As duas foram em decisões de Campeonato Baiano. A primeira foi quando Piolho, mesmo machucado, entrou em campo e marcou o gol do título para o Bahia. Já a segunda é mais recente. Em 1994, um Ba-Vi decidia o campeonato na Fonte Nova. O tricolor precisava apenas de um empate, mas foi o rubro-negro quem abriu

o placar ainda no primeiro tempo e segurou até praticamente o final do jogo. Quando a torcida já comemorava o título, Raudnei aproveitou uma oportunidade única aos 46 minutos do segundo tempo, empatou a partida e garantiu o bicampeonato para o Bahia.

– Eu nunca pensei de o Vitória estar assim, chegar ao que chegou. O Vitória treinava em Periperi, o Vitória treinava na Vila Militar, o Vitória ia jogar no 19º BC, para ver agora o que o Vitória tem hoje. O Vitória cresceu muito, graças a Deus. Nunca pensei de o Vitória crescer tanto em minha vida – suspira Alvinho, lembrando o período que antecedeu a construção da Toca do Leão e do Estádio Manoel Barradas.

Quem também acompanhou de perto todo esse período do rubro-negro, mas preferiu não participar tão ativamente quanto Alvinho foi Rosicleide Aquino. Com seus 58 anos, Rosicleide ficou famosa por ser considerada a “Rainha do Barradão”. A cada jogo, uma nova fantasia. Pintada com o vermelho e preto, Rosicleide ia ao estádio sempre acompanhada das filhas e sobrinhas.

Filha de uma família tricolor, ela decidiu ser a ovelha rubro-negra da casa. Desobedeceu as ordens dos pais e, mesmo quando ia acompanhada por eles para a Fonte



Nova, dava um jeito de escapar e poder torcer tranqüilamente por seu clube do coração.

– Foi para desafiar mesmo. Só porque minha família toda era Bahia eu tinha de torcer para o Bahia? Eu disse não. Vou ser Vitória. Muitos anos minha família indo para a Fonte Nova para ver o Bahia e eu fugia, ia para o lado do Vitória. Minha mãe dizia “onde você estava que demorou?”. E eu na torcida do Vitória – conta sorrindo.

E Rosicleide não parou de desafiar. Depois que saiu de casa, pôde acompanhar o Vitória com maior tranqüilidade. Nas arquibancadas, decidiu inovar. Deixou de lado a sandália, o short e a camiseta. Passou a ir aos jogos com roupas feitas especialmente para as partidas, sempre nas cores vermelha e preta. Uma coroa e a figura de um leão eram marcas registradas.

– Eu que lancei a cara pintada. Todo jogo ia para lá com o rosto todo pintado. Depois que o pessoal fez para tirar Collor (Fernando

Collor, ex-presidente do Brasil) da presidência. Mas quem lançou isso aí fui eu – reivindica.

A paixão pelo futebol era tanta que todos os quatro filhos praticamente nasceram na Fonte Nova. A rubro-negra conta que o trabalho de parto sempre se iniciava nos jogos do Vitória. Do estádio, saía correndo, acompanhada de amigos, para o hospital.

Loucura pelo clube ela já fez muitas. Uma que gosta de relembrar e conta com orgulho foi a odisséia para acompanhar um julgamento do Vitória no Rio de Janeiro. O clube seria punido por causa de uma partida contra o Fluminense e corria o risco de perder os pontos conquistados.

Diante da ameaça, Rosicleide não pensou duas vezes. Sem contar nada a ninguém, comprou suas passagens e foi para o Rio de Janeiro. Só que ela não contava com a violência na capital carioca. Chegando lá, foi assaltada, perdeu os documentos, dinheiro e a passagem de volta. Desesperada, ligou para a jornalista baiana Isaura Maria em busca de uma solução. Mas, quem realmente deu uma alternativa para ela foi o marido, que apesar do amor, não suportava o Vitória.

– Quando eu falei com ele, ele virou e me disse “Volte andando e venha contando os postes” – afirma.

O retorno a Salvador só foi possível com a ajuda da Polícia Federal. Em casa, não se contentou em acompanhar de longe o julgamento. Fez uma sessão de drama, afirmou que o marido estava fazendo aquilo porque não gostava dela, que iria abandoná-lo e voltar a viver com os pais. A pressão foi tão grande que ele decidiu comprar novas passagens e, com o argumento de que “onde a galinha vai, os pintos vão atrás”, falou para Rosicleide levar com ela todos os filhos.

Feliz da vida retornou ao Rio de Janeiro. Hospedada no Hotel Itagibá, na Cinelândia, não pensou duas vezes na hora de deixar os filhos com uma funcionária do hotel, sendo que nem a conhecia direito. O risco de acontecer um problema maior com as crianças foi simplesmente ignorado, tamanha era a vontade de ver de perto o julgamento do Vitória.

Por pouco, mesmo com todo o esforço, Rosicleide não ficou de fora da sessão. Como não poderia deixar de ser, foi ao Tribunal fantasiada, com o mesmo “uniforme” que costumava ir aos estádios. Precavida, se informou sobre tudo o que era necessário para

chegar à sala. No entanto, a parafernália espantou o porteiro, que logo adiantou que daquele jeito ela não poderia subir.

– Eu disse, é, não vou subir não? Tudo bem. Aí ele foi pendurar a chave para dar a alguém, aí eu peguei o elevador e me mandei. Eu entrei correndo, a polícia atrás de mim e eu gritando socorro, me acuda. Eu já sabia que era no quinto andar, já tinha perguntado. Aí Mário Freitas (radialista baiano), na época disse “não, ela é funcionária, ela vai puxar os fios aqui, eu que chamei para ela me ajudar, venha aqui Rose, comece a puxar o fio”. Isso para não me tirarem de lá, sabe. Até o juiz que estava presente, os advogados, disseram “que mulher é essa rapaz?” – relembra sorridente.

O esforço foi recompensado. Com 5 votos a 1, o Vitória foi absolvido e não saiu prejudicado na situação. A loucura rendeu os mais diversos elogios, até mesmo entre os dirigentes do Vitória e de equipes rivais.

Se fora de casa as atitudes eram dignas de elogios de alguns e matérias em jornais, dentro de casa a situação era bem diferente. O marido não suportava ouvir falar do Vitória, já os filhos, mesmo acompanhando a mãe nos jogos, também enfeitados, diziam ter vergonha em alguns momentos.

– O povo falava “essa mulher é louca”. Eu saía na rua e ninguém entendia. Até meus filhos tinham vergonha. Diziam “minha mãe, no colégio todo mundo está dizendo que eu sou filho daquela maluca, daquela mulher maluca do Vitória” – revela.

A paixão pelo Vitória a levou a situações extremas em diversas oportunidades. O amor cego fez com que perdesse a razão em alguns momentos e a levou a três enfartos. O primeiro deles em uma discussão no meio da rua com um torcedor do Bahia.

Rosicleide conta que estava passando pelo bairro do Dois de Julho, no Centro de Salvador, quando um camelô, do outro lado da rua gritou que ela iria morrer e não veria o Vitória ser campeão brasileiro de futebol.

– Na mesma hora eu atravessei a rua e fui dizer a ele algumas verdades, desaforos. Aí enfartei na hora. Tive parada cardíaca na hora. Fui levada para o Hospital Aliança e fiquei internada lá por 13 dias na UTI. Quase que eu ia por causa dessa – conta aliviada.

Os outros dois problemas foram nas arquibancadas do Barradão. A sorte, segunda ela, é que alguns amigos ficam ao seu lado para qualquer emergência. No último mal-estar que teve, Rosicleide estava se arrumando para receber uma homenagem concedida pela União dos Torcedores do Vitória (UTV).

Mesmo depois de fazer uma roupa especial para a ocasião, ela teve de ser levada às pressas para o Hospital Santa Izabel, em Nazaré. Quando estava internada, impossibilitada de ir ao evento, descobriu mais uma peça do destino.

– Foi nesse dia que eu descobri que o doutor Márcio Leite, o cardiologista que me acompanhou durante todo esse tempo, é torcedor do Bahia. Deve ter sido por isso que ele não me deixou ir para a festa – brinca.

Mesmo com os problemas de saúde e contra a vontade do marido, Rosicleide não abandonou o Vitória nem no pior momento da história do clube. Em 2005, quando a equipe caiu para a Série C do Campeonato Brasileiro, ela afirmou já saber da tragédia que se aproximava. Segundo ela, o ex-presidente Paulo Carneiro deixou a equipe cair como uma retaliação pela derrota deles nas urnas.

As provocações de que o Vitória iria acabar com aquela queda não convenceram a torcedora. O problema no coração e o de saúde do marido não foram obstáculos para Rosicleide decidir acompanhar a saga na última divisão do futebol brasileiro. E aproveitou a oportunidade para fazer um trato e realizar o antigo desejo do marido, que era afastá-la do Vitória.

– Eu disse “Vou acompanhar o Vitória na Terceira”. E ele: “Você vai acompanhar o Vitória? O Vitória já caiu, o Vitória acabou”. Todo mundo quando me via na rua dizia que o Vitória tinha acabado, que tinha que fazer outro time. Aí eu virei para meu marido e disse: “Olhe, vou fazer um acerto com você. Eu vou acompanhar o Vitória, todos os jogos, aqui dentro e lá fora, eu vou acompanhar tudo e prometo que jamais eu vou voltar para o Vitória. A gente vai viajar”. Ele sempre me dizia que se a gente quisesse uma casa fora da Bahia que a gente ia, ele queria me tirar do Vitória. Aí eu disse, é, tudo bem, está acertado. Eu aceito, mas só quando o Vitória voltar para a Primeira. Mas ele não gostou muito não e respondeu logo: “Eu não aceito isso, quando é que vai acontecer? O Vitória já acabou, foi para a Segunda, foi para a Terceira, agora se tiver Quarta ele vai para a Quarta” – relembra.

Trato feito, era hora de colocá-lo em prática. O Brasil sofria com o “apagão aéreo”, mas Rosicleide não se importou de dormir dias e noites em aeroportos de todo o País. Passou semanas fora de casa, sem sequer dar uma notícia para os familiares. Valia de tudo para acompanhar o Vitória na Série C do Brasileiro.

No jogo que garantiu o retorno para a Segunda Divisão, Rosicleide teve o privilégio de acompanhar tudo bem de perto, mas por um incidente. Com o grande número de



torcedores que foi para a partida, uma pequena confusão se formou no Barradão e ela teve um ferimento na perna direita, marca que carrega até hoje, três anos depois.

Machucada e com a pressão elevada, Rosicleide não aceitou o pedido dos médicos que estavam no Barradão de levá-la para um hospital e decidiu ficar à beira do gramado até o apito final. Somente com a vaga garantida na Série B de 2007 foi que a rubro-negra permitiu que fosse levada ao Hospital Geral do Estado para a realização de exames.

– Eu virei manchete rapidinho. Estava toda enfeitada e os médicos de lá do HGE queriam tirar fotos comigo. Eles tiraram os pacientes que estavam em estado grave para não ficar perto de mim. As pessoas que estavam lá com outros pacientes ficaram revoltadas. “Ah quer dizer que a mulher pode isso e nossa família aqui, como é que vai ficar?” – revela.

Aproveitando o retorno do problema de saúde, o marido tentou antecipar a realização do acordo. A proposta de morar fora da Bahia foi repetida por diversas vezes. Mas, confiante, Rosicleide deixou a paixão pelo Vitória falar mais alto e bateu pé firme de que só sairia do Estado e deixaria o clube de lado no dia em que ele voltasse para a Série A do Campeonato Brasileiro.

O que não demorou muito para acontecer. No retorno para a Segunda Divisão, em 2007, o Vitória garantiu a vaga entre os quatro primeiros colocados e conquistou o acesso para a Primeira Divisão. O ano seria para ficar marcado como um dos mais felizes da vida de Rosicleide, o trato com o marido estava cumprido e os dois poderiam enfim viver sem a “interferência” do rubro-negro baiano.

No entanto, Rosicleide não gosta nem de lembrar daquele ano. O que era para ficar marcado positivamente acabou em tragédia com seu marido.

– Lembro que cheguei aqui na rua comemorando, feliz da vida. Fui dormir fazendo festa, mas...(pausa)...no outro dia, quando acordo, o baque. No dia 13 de novembro o Vitória subiu para a Primeira. No dia 14 ele se matou – conta emocionada, segurando as lágrimas nos olhos.

O suicídio abalou a família. Os jogos finais da Série B ficaram em segundo plano. Em busca de recuperação, Rosicleide e os filhos decidiram passar alguns dias em uma casa em Arembepe, município no Litoral Norte da Bahia.

– Eu sofri muito, foi muita pancada, foi uma pancada terrível. Depois que meu marido morreu muitas coisas aconteceram. Fiquei muito abatida. Foi muito duro, não foi fácil não. Meu marido me amava demais. Amava os filhos, era um bom pai. Foi difícil para mim, uma morte trágica. Se eu não tivesse Deus eu não estaria aqui hoje, eu tinha morrido também. Porque foi muito duro, você chegar assim, no outro dia... eu estava tão feliz, tão alegre, poxa...Mas é como dizem, o choro pode durar uma noite, mas a alegria virá pela manhã – profetiza.

A morte do marido foi decisiva para Rosicleide decidir se afastar das arquibancadas do Barradão. A paixão pelo clube cedeu espaço para um novo amor, este procurado para aliviar o sofrimento causado pela perda.

– Eu era fanática, na verdade. O termo era esse. Mas depois eu conheci Jesus e foi ele quem me controlou. Hoje estou mais maneira – confirma.

Os dois amores agora dividem o coração de Rosicleide. Mesmo sem ir ao estádio durante um bom período, a casa continua decorada com as cores vermelha e preta. Desde a moldura do espelho da sala até as cores que cobrem o sofá, passando por diversos leões como enfeites. Enquanto isso, um CD, que repete o nome de Jesus a cada estrofe, não pára de ser repetido no som da casa.

Mas, com o Vitória de volta ao paraíso, Rosicleide não poderia ficar muito tempo longe do Barradão. Aos poucos, ela consegue superar os problemas da vida e volta ao estádio. Mais abatida e menos festeira que antigamente, tudo bem, mas com o mesmo amor pelo Esporte Clube Vitória.

Amor compartilhado com Alvinho Barriga Mole, um dos tantos amigos conquistados pela paixão rubro-negra. Os tempos agora são outros. A torcida não é mais tão romântica quanto antigamente, mas o fortalecimento do Vitória faz com que nenhum dos dois tenha saudades do passado.

– Tenho e não tenho. Porque a gente fazia aquele negócio todo e o Vitória só fazia perder para o Bahia. Ultimamente o Vitória só me dá alegria. O Vitória hoje tem um campo, tem um estádio, hoje o Vitória tem concentração, de luxo, que naquele tempo

não tinha nada disso. Hoje é só alegria. Antes, quando o Vitória ganhava o Bahia parecia que era coisa de outro mundo. Hoje não, em um Ba-Vi eu já vou sabendo que vai ganhar do Bahia – fala feliz da vida Alvinho Barriga Mole.

Um dos símbolos dessa nova era na Toca do Leão é um Fusca 96. Todo enfeitado com adesivos relacionados ao Vitória, não sobra nem espaço para ver o vermelho original do carro. Seu dono, o funcionário público Melcíades Marinho Pereira, de 58 anos, ficou rapidamente conhecido como o Lôro do Fusca.

Ele conta que já enfeitou o carro com 5.800 adesivos, por dentro e por fora. A paixão pelo Vitória gera até mesmo problemas na família. A mulher dele, única tricolor da casa, se recusa a entrar no veículo. Já os filhos e toda a torcida rubro-negra não estão nem aí. Querem é que Lôro enfeite ainda mais o Fusca, que as 80 bandeiras colocadas no carro em dia de jogo cresçam e confirmem a força do Vitória e de sua torcida nessa nova era do futebol baiano.

SÚDITOS DE SUA MAJESTADE O LEÃO

Se a reinauguração do Estádio Manoel Barradas, o Barradão, em 25 de agosto de 1991, e a plena viabilização da praça esportiva com a implantação de iluminação artificial em 1994, doada pelo governo da Bahia depois do vice-campeonato brasileiro, permitiram ao Vitória uma nova era nos gramados, fora dele, nas arquibancadas, a mudança demorou um pouco mais para acontecer.

Tradicionalmente formada pela elite da sociedade baiana, a torcida do Vitória nunca teve o costume de freqüentar assiduamente o Barradão. E quando o fazia, vibração era o que menos se via no estádio. Nem mesmo as conquistas da nova era – onze campeonatos estaduais e três campeonatos do Nordeste – foram capazes de mudar essa mentalidade.

A decepção por não conseguir mudar o comportamento do torcedor do Vitória atingiu até mesmo o ex-presidente Paulo Roberto de Souza Carneiro. Ele, responsável pela reforma no Barradão, reestruturação e crescimento do Vitória no cenário nacional,

sempre foi conhecido por não dar muita importância ao maior patrimônio do clube: a torcida.

No entanto, Paulo Carneiro não resistiu e no prefácio do livro Barradão – alegria, emoção e Vitória, externou seu sentimento.

– Infelizmente, não conseguimos, através do Barradão, entusiasmar o nosso torcedor, para que ele ali registrasse sua permanente presença, assistindo os jogos do Vitória. Uma coisa estranha, pois foi no Estádio Manoel Barradas que conseguimos resultados que não existiam na vida do clube. Por lá, atuaram os maiores craques do futebol baiano na história contemporânea, incluindo o principal deles, indiscutivelmente, o tetracampeão mundial Bebeto, que em muito ajudou naquela memorável campanha de 1997, marco da profissionalização do Vitória.

Coincidência ou não, foi exatamente no ano citado pelo dirigente que nasceu a grande responsável pela mudança nas arquibancadas do Barradão. Inconformados com a frieza do rubro-negro e sentindo falta de vibração nas arquibancadas, os jovens Fábio Menezes, Rubem Marques Filho, Flávio Sá e Marcus Anunciação decidiram se unir e criaram a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, carinhosamente chamada de TUI.

– Um dos maiores focos nisso tudo era mudar o comportamento da torcida do Vitória. Era uma torcida muito calada, muito crítica, que incentivava muito pouco o time. Não era uma torcida que vivia o time, não existia uma torcida dessa, que vivia o Vitória intensamente, 24 horas. A gente respirava o Vitória. Então a gente tentou fazer daquilo ali uma relação que tentasse mudar um pouco a imagem do torcedor, que era um torcedor muito calado, muito crítico. E aí a gente chegou aos pouquinhos e foi conquistando o torcedor – conta o empresário Fábio Menezes, que presidiu a torcida por dez anos.

Mas, além da frieza do torcedor do Vitória, Fábio, Rubem, Flávio e Marcus tinham também uma outra preocupação quando criaram Os Imbatíveis, em 20 de outubro de 1997. Nenhum deles agüentava mais a liberdade que tinha a torcida do Bahia, tanto no Barradão quanto na Fonte Nova. “Eles faziam o que queriam, derrubavam alambrado no Barradão, davam volta olímpica na Fonte Nova, faziam o que queriam nessa época. E a gente não ia aceitar que o torcedor do Bahia continuasse fazendo o que fazia antes. Aí pronto, começou a mudar a cara”, revela o ex-presidente da torcida.

Até então, a maior referência do Vitória nas arquibancadas era a Leões da Fiel. Torcida criada em 27 de fevereiro de 1984 por Carlisson Raimundo Pereira da Silva, se orgulhava de ser a mais antiga do clube. Reconhecimento confirmado em 1993, ano

do vice-campeonato brasileiro do Vitória e da eleição, pela Revista Placar, de melhor torcida do Brasil. Apesar de toda a história, a Leões da Fiel se caracterizava muito mais como um grupo de torcedores e amigos que assistiam juntos aos jogos do Vitória.

– Eles eram uma faixa e um monte de gente atrás – opina Menezes.

Para não cair nesse lado do amadorismo, os fundadores de Os Imbatíveis se prepararam para serem grandes. Com 11 anos de fundação, a TUI já é há um bom tempo a maior torcida organizada do Vitória. Com aproximadamente três mil associados, é referência nas arquibancadas do Barradão. Localizada atrás do gol “da Paralela”, é ela que comanda os gritos de incentivo e protesto na Toca do Leão.

Aos poucos, Os Imbatíveis vem conseguindo suprir a ausência de uma torcida organizada vibrante nas arquibancadas. “O torcedor do Vitória não tem esse costume de ficar cantando. É um torcedor mais calmo, mas do lado de Os Imbatíveis a gente já mudou isso. É pelo histórico mesmo, de não ter uma torcida organizada que puxasse, que chamasse o torcedor. Faltava isso...e não está faltando. Hoje temos uma torcida organizada que o time bem ou mal, ganhando ou perdendo, ela vai ‘tá’ ali apoiando”, afirma o diretor-secretário da torcida, Fernando Ferreira, de 21 anos.

O crescimento não veio somente nas arquibancadas. Fora do estádio, Os Imbatíveis também lidera as outras torcidas rubro-negras e serve de exemplo a ser seguido. Hoje, possui uma sede própria, um prédio de dois andares localizado no bairro de Nazaré, um corpo administrativo remunerado, mais de 40 bandeiras, bandeirões, faixas, diversos padrões e uma bateria composta por 14 pessoas.

E para administrar e coordenar todo o grupo, a diretoria da torcida achou por bem dividi-la em “Comandos”. Seriam espécies de subdivisões feitas de acordo com os bairros dos associados, com líderes hierarquicamente submissos aos diretores centrais da torcida. Hoje são 23 Comandos espalhados por Salvador. Dentre outras funções, esses líderes servem para organizar os torcedores para os jogos e repassar as ordens da torcida, já que nem todos podem ir pessoalmente à sede social. Alguns desses Comandos chegam a ser maiores até mesmo que outras torcidas organizadas do clube.

A divisão, ao contrário do que muitos poderiam imaginar, serve para agregar e fortalecer ainda mais a torcida. Pelo menos é assim que pensam seus componentes.

– Deixa mais unida a torcida, pois a gente reconhece quem faz parte do Comando, a gente identifica. Qualquer problema que houver com a torcida fora das quatro linhas,

fora do campo, no dia-a-dia, a gente tem como reconhecer esse cidadão, pelo fato de ele participar do Comando. Quem não participa do Comando não sabe como é a torcida organizada, não conhece nossa cultura e dificulta um pouco nosso trabalho – lembra Fernando.

Trabalho facilitado também para o lado social. Com o pensamento voltado para a caridade, a TUI realiza anualmente algumas campanhas de voluntariado. Os Comandos ficam encarregados de conseguir doações como brinquedos e alimentos. O Natal e o Dia das Crianças foram as datas escolhidas para as primeiras atividades. Com a estrutura montada com a nova sede, a diretoria tem como objetivo realizar um projeto social a cada dois meses, totalizando seis por ano.

Com esse destaque, é a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis quem lidera as outras organizadas nas reuniões com a atual diretoria do clube. Confiança adquirida com o passar dos anos e graças à nova administração no Esporte Clube Vitória e no Vitória S/A. Além da TUI, a Camisa 12 do Vitória, a Viloucura e a Comando Rubro-Negro agradecem ao diálogo aberto com a chegada de Alexi Portela e Jorge Sampaio ao clube.



De acordo com os torcedores, foi quando Jorge Sampaio, ex-empresário da axé music, assumiu o Vitória S/A, que a torcida passou a ser ouvida dentro do clube. Os portões da Toca do Leão se abriram para que o torcedor rubro-negro pudesse opinar, debater e sugerir mudanças na estrutura da equipe. Relacionamento iniciado no começo de 2006 e que se firmou com a campanha da equipe na Série C do Campeonato Brasileiro daquele ano.

O Vitória não estava bem na competição. Disputada em três quadrangulares e um octogonal, a Série C garantiria quatro vagas na Segunda Divisão de 2007. O Vitória vinha com uma campanha irregular, passando de fase sempre no sufoco. Até que, no penúltimo quadrangular, o rubro-negro ocupava a lanterna do Grupo 26 com apenas um ponto conquistado em dois jogos. Estava atrás do líder Treze da Paraíba, da Tuna Luso do Pará e do Ríver do Piauí, o primeiro com quatro e os outros dois com três pontos.

Vendo a possibilidade de permanecer no porão do futebol nacional por mais um ano, Jorginho Sampaio foi inteligente. Chamou to-

das as torcidas organizadas para uma conversa na Toca do Leão. Problemas expostos, soluções sugeridas e o pacto foi firmado. A torcida passou a apoiar o time qualquer que fosse a situação em campo, sempre pensando no objetivo final.

O Vitória arrancou no grupo e garantiu a classificação para o octogonal final. O pacto entre clube e organizadas se repetiu ainda em 2006, no retorno à Série A, na conquista do Campeonato Baiano de 2008 e, por último, na luta por uma vaga na Taça Libertadores da América, já na disputa da 1ª Divisão.

– Na realidade, quando o grupo que eu faço parte assumiu o Vitória, a gente procurou trazer de volta a torcida, a gente entendia que a torcida estava escorraçada do Barradão. A antiga direção dizia que não importava a torcida, o que, na minha opinião, é um grande erro, porque eu afirmo: a renda de bilheteria, a renda que a torcida proporciona é importantíssima para a vida do clube. E a presença do torcedor no estádio, isso é incomparável, nem pode se discutir isso – conta Jorge Sampaio.

Nesse período, o Barradão se transformou. As arquibancadas lotadas a cada partida, o vermelho e preto vestido com orgulho pelo torcedor, o hino entoado no estádio mos-

traram que, enfim, o antigo desejo de Paulo Carneiro foi realizado. Momento também bem aproveitado pelas torcidas organizadas.

Primeiro, elas conseguiram crescer substancialmente.

– Teve uma avalanche, a torcida pegou um ânimo muito grande na Série C, em 2006. Além disso, em 2004 tivemos um bom crescimento, mas de 2006 para cá... – explica Fernando Ferreira.

Mas, o que teria provocado essa mudança repentina na torcida, que se aproximou do clube exatamente no pior momento de sua história?

– O principal motivo foi a mudança da diretoria do Vitória. Porque o conceito de administrar o clube mudou. Muita gente não ia com a cara do antigo presidente. Esse foi o fator principal, a mudança da diretoria do Vitória – opina o diretor da maior torcida organizada do clube.

Além da expansão no número de integrantes e em materiais, as organizadas aproveitaram também o início da “Era Jorginho” de outra maneira. A diretoria do clube passou a facilitar a liberação de ingressos para essas organizadas. Apesar de não doá-

los, o Vitória permite que a torcida compre ao preço normal, mas com uma facilidade maior. E aí, cabe a cada torcida ter a criatividade para se beneficiar com a ação.

Os Imbatíveis, por exemplo, revende os ingressos para os torcedores. Associados da torcida pagam o preço de bilheteria. Já o torcedor comum, que quer a comodidade, paga um pouco mais caro, normalmente R\$ 2 a mais. A ajuda do clube acontece também nos jogos fora de Salvador. Como nenhuma das torcidas organizadas do Vitória tem ainda estrutura e condições financeiras para acompanhar o time em todas as partidas fora de casa, o Vitória faz o que pode. Normalmente, a diretoria do clube consegue ingressos e repassa para a torcida, que viaja à sua custa.

A confiança e a liberdade que Jorginho Sampaio tem com as organizadas são tamanhas que o presidente permitiu a realização de um torneio de torcedores no Centro de Treinamentos do clube. Através da União das Torcidas do Vitória (UTV), os torcedores organizaram um torneio, somente para rubro-negros, com a cobertura da assessoria de imprensa do Vitória e o total apoio logístico do clube. Tudo isso realizado nos campos de treinamento, com a final no grande palco rubro-negro: o Barradão.

Mas, nem sempre foi assim. Os mais antigos recordam que antes do mar de rosas atual, a torcida do Vitória sofreu muito.

– O antigo presidente Paulo Carneiro era uma pessoa bastante radical. Nós passamos muitas dificuldades nesse período por conta da distância que ele colocava entre o clube e a torcida – relembra Fábio Menezes.

O ex-presidente, Paulo Carneiro, confirmou o tratamento dado às torcidas organizadas. No entanto, o dirigente fez questão de afirmar que em nenhum momento dispensou a presença da torcida do Vitória no Barradão.

– Eu nunca gostei de torcidas organizadas. Eu sou contra torcida organizada.

Apesar de não ter uma simpatia muito grande com as torcidas organizadas do Vitória, Paulo Carneiro tem de agradecer o que as organizadas fizeram por ele. O papel da torcida nas arquibancadas foi de suma importância na carreira política do dirigente.

Para enfrentar as urnas pela primeira vez, na candidatura a uma vaga na Câmara Municipal de Salvador, Carneiro pediu e contou com a ajuda das torcidas organizadas. Todas aceitaram apoiá-lo e ainda participaram da campanha como cabo eleitoral.

– Teve um assessor dele que sentou com a gente, deu o preço...todas as torcidas aceitaram. Todas fecharam com ele...teve trabalho lá e ele ganhou – se recorda o presidente da Viloucura.

O apoio das torcidas organizadas foi confirmado por Paulo Carneiro, hoje empresário em Feira de Santana. Mas, o dirigente, que cogita a possibilidade de voltar ao futebol, mas não no Vitória, não credita seu sucesso nas urnas somente ao apoio das organizadas.

– Quem me elegeu foi a torcida do Vitória. Não foi a torcida organizada. Porque você acha que se eu tive 30 mil votos foi da torcida organizada? Claro que não. Agora, as torcidas organizadas me apoiavam porque eles entendiam que a minha presença na política era importante para o Vitória. Eu não trabalhava para a educação, para a saúde. Eu trabalhava para o Vitória. Nada mais natural que me apoiassem – confirma, lembrando que teve cerca de seis a sete mil votos, apesar de o Tribunal Regional Eleitoral não ter disponibilizado os dados das eleições municipais de 1992.

Mesmo com a ajuda nas eleições, Paulo Carneiro decidiu minimizar o poder das torcidas. Os ingressos que eram cedidos, prática de administrações passadas, começaram a ficar escassos.

– O chefe de torcida organizada faz daquilo um negócio para ganhar dinheiro. Eles querem ingresso de graça dos clubes e eu não dava ou limitava. Eles queriam ingresso de graça. Sabe o que eles faziam com o ingresso? Eles vendiam na porta do estádio. A relação de torcida organizada com o futebol, na minha opinião, é uma grande deformação social que tem, no futebol, com a sociedade. Eu sou contra a torcida organizada – opina.

O corte aos benefícios veio seguido de uma jogada para sufocar as organizadas: ingressos a R\$ 20 e nada de meia-entrada. A jogada foi para impedir que os torcedores pudessem freqüentar assiduamente o Barradão e as menores organizadas acabassem de vez.

– Ele tentou fazer isso com o Bahia, com Marcelo Guimarães (presidente do Bahia na época). Dizia ele que era Marcelo que estava atrás dele. E na verdade era ele quem

tentava fazer isso. Marcelo Guimarães foi atrás dele, fez isso na Fonte Nova, o público caiu, aí Marcelo Guimarães voltou de novo e ele ficou na mão – relembra Sílvio.

A mudança radical na questão dos ingressos foi só uma das táticas usadas por Paulo Carneiro para acabar com parte das torcidas organizadas. Com o Vitória caindo de produção em campo, seguido do rebaixamento para a Série B do Brasileiro em 2004, a pressão aumentava contra a diretoria. Nas arquibancadas, cada faixa de torcida virada de cabeça para baixo era um problema a mais para o presidente.

Na época, eram oito as torcidas organizadas do Vitória. O clube era representado pela Leões da Fiel, Os Imbatíveis, Fúria, Rei Leão, Viloucura, Mancha Rubro-Negra, 10º Comando e a Máfia. Com a pressão vinda das arquibancadas, diferentes grupos para controlar e satisfazer, Paulo Carneiro chamou todas para uma reunião e propôs a redução radical para apenas quatro torcidas.

– E quem não tivesse nas quatro, que se fundisse, porque eu não permitia bandeira, não permitia faixa...para eu poder exercer um controle maior sobre elas.

A idéia foi contestada por alguns e aceita por outros.

– Eu até entendi o ponto de vista dele, porque muitas torcidas eram criadas, mas não faziam por merecer ser torcida organizada. Então, foi feita uma associação na época, onde eram quatro torcidas e aí a idéia era formar as quatro. Até porque o Vitória ter mais de quatro torcidas não era necessário – opina Fábio Menezes, que como presidente de Os Imbatíveis participou dos encontros e discussões no clube.

A associação citada por ele era a Tov (Torcidas Organizadas do Vitória), formada por Fúria, Rei Leão, Viloucura, Mancha Rubro-Negra, 10º Comando e Máfia, que teria a incumbência de se juntar em apenas duas torcidas. As outras duas já tinham sido escolhidas por Paulo Carneiro. A tradição pesou a favor da Leões da Fiel, enquanto a força na arquibancada e o fato de ser a maior do clube ficaram a favor de Os Imbatíveis.

O problema aconteceu para juntar as outras duas torcidas. Uma parte da Viloucura, comandada pelo ex-presidente André Luís, aceitou a união. Em conjunto com a Mancha Rubro-Negra, criaram a Jovem Rubro-Negra, que ao lado do Comando Vermelho e Preto (junção da Fúria, Rei Leão e 10º Comando), Leões da Fiel e Os Imbatíveis, permaneceram com certo apoio do presidente.



Na criação das novas torcidas, alguns fatores pesaram contra. Além de ideologias e faixas etárias diferentes, tinha a questão do nome. O mais complicado foi com relação à Jovem Rubro-Negra. A idéia inicial era utilizar o nome de Força Jovem. Mas, um problema, lá no Rio de Janeiro, fez os torcedores mudarem de idéia.

– Eu falei: ‘Rapaz, quem viaja muito sou eu. Eu sei muito bem a rivalidade. Como é que o Vitória vai ter uma torcida com o nome Força Jovem, onde é inimiga do Flamengo?’ Vasco é Força Jovem. Eu vou botar uma torcida do Vitória com o nome Força Jovem? Eu não vou – lembra Sílvio Silva.

Sem aceitar a união, Sílvio foi o único que resistiu às pressões de Paulo Carneiro. Não deu o braço a torcer e manteve a Viloucura mesmo contra a vontade do presidente do clube. A decisão se mostrou certa nos dias de hoje, já que as outras torcidas não resistiram à união, mas fez com que o presidente da organizada passasse por maus bocados.

Sem a ajuda da diretoria do clube e com o ingresso a R\$20, Sílvio Silva teve de recorrer ao programa Vitória Mania. Nesse projeto, o torcedor garantia antecipadamente o ingresso para os jogos do Vitória no Barradão, além de pagar um valor reduzido. Com essa oportunidade, ele não pensou duas vezes. Fez o programa para todos seus associados, pagou do seu próprio bolso e cobrou dos beneficiados aos poucos.

– Foi bom porque além de pagar só R\$ 7,50, a gente ainda ajudava o Vitória – diz.

A desobediência não agradou em nada a Paulo Carneiro. A torcida passou a ser perseguida nas arquibancadas do Barradão. A faixa da Viloucura era procurada em todo o estádio pelas seguranças do clube. A solução encontrada por Sílvio foi pedir ajuda a Os Imbatíveis. Ele conta que chegou ao ponto de ter de segurar, no meio da arquibancada, a faixa da torcida só para não ceder aos caprichos do dirigente.

Já Paulo Carneiro nega que a decisão tenha sido contra Sílvio, mas uma medida contra qualquer torcedor que opusesse ao que a diretoria do clube queria no momento.

– Ele não foi perseguido. Ele é mentiroso. Simplesmente definimos que iam ter quatro torcidas no estádio, ele queria ser a quinta e eu não deixava. Foi decidido. Se fosse Joaquim, não teria acesso. Só que eles adoram se passar por vítima.

Mas, a maior decepção para o presidente da Viloucura ainda estaria por vir. No centenário do Vitória, o clube preparou uma série de comemorações. Jogadores, dirigentes, jornalistas e as torcidas organizadas foram convidadas para todos os festejos. Menos uma organizada: a Viloucura. No entanto, o que poderia marcar a vida de Sílvio como uma grande decepção, deu a ele força para manter a torcida.

Isso porque, no dia da comemoração oficial, Vitória e Corinthians se enfrentaram em São Paulo.

– Quem tava lá? Só a Viloucura. Botaram um telão lá na sede, sede de praia, todo mundo comendo, bebendo, tudo do bom e do melhor lá. E todas as torcidas vendo só a Viloucura lá no vídeo – conta, orgulhoso, o presidente da torcida.

No retorno a Salvador, a alegria e o entusiasmo de ter demonstrado o amor ao clube e o reconhecimento daqueles que não souberam bater de frente com Paulo Carneiro.

– Aí eu tive esse suporte, esse aval pra poder chegar na Rádio Excelsior, na imprensa e dizer: ‘Fui lá em São Paulo, coloquei a faixa na área do visitante e não teve problema nenhum. Aqui, no Barradão, o tempo todo os caras me perseguindo, me perseguindo, me perseguindo. Então é melhor deixar de torcer para o Vitória. Se na minha casa me

tratam mal, eu vou ficar torcendo pro clube?”. Mas eu sempre disse uma coisa a ele (Paulo Carneiro): ‘Você passa e eu fico. Eu sou torcedor e você é empregado do clube’ – lembra.

A persistência de Sílvio Silva valeu a pena. Com a saída de Paulo Carneiro e a entrada de Jorginho Sampaio, a Viloucura voltou a ser aceita tranquilamente no Barradão. Em mais uma conversa com a diretoria, quando Jorginho quis saber em qual lugar a torcida ficaria, a Leões da Fiel aceitou ceder um espaço ao seu lado. O desejo era de poder no futuro unir as duas torcidas. Mas Silva sempre deixou claro que a amizade entre os integrantes da torcida e o pensamento, voltado exclusivamente para o Vitória, dificilmente deixariam com que a Viloucura se juntasse a outra organizada.

Já sem a pressão e perseguição da diretoria, quem decidiu se unir foi a Leões da Fiel, em queda há muito anos, e a Torcida Jovem Rubro-Negra (formada por parte da Viloucura e pela Mancha Rubro-Negra). Assim, o sonho de Paulo Carneiro de ver apenas quatro torcidas organizadas nas arquibancadas do Barradão se realizou. Mas, sem perseguição, sem violência e pela simples vontade dos torcedores. Os Imbatíveis, Viloucura, Camisa 12 do Vitória e Comando Rubro-Negro estão cada dia mais fortes e, ao lado da diretoria, lutando e vibrando por um Vitória melhor.

VIOLÊNCIA ORGANIZADA

Tarde de sábado, 6 de setembro de 2008. Adelmare dos Santos Júnior, de 20 anos, se arrumava para assistir mais um jogo de seu time do coração. O Bahia estava em São Paulo onde iria enfrentar o Grêmio Barueri, ainda com chances de sair naquele ano da Série B do Campeonato Brasileiro. Com alguns amigos da Torcida Organizada Bamor, esperava a partida começar nas proximidades da Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia, no bairro de Nazaré.

Quando se preparava para se dirigir a um bar da região, onde assistiria o jogo, o grupo de tricolores foi surpreendido. Integrantes da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI), do Vitória, chegaram subitamente em um carro. Identificados apenas como Bethoven, Fernando e Chico, desceram do veículo para iniciar mais uma briga entre as duas torcidas. No meio da confusão, um dos torcedores do Vitória sacou uma arma e disparou. O tiro acertou o pescoço de Adelmare.

A agressão foi noticiada quase um mês depois pelo jornal Correio da Bahia, hoje apenas Correio. No dia 2 de outubro, a publicação estampava o seguinte título na pági-

na 38, na editoria de Esporte: “Guerra que não tem fim”. Um box intitulado “Selvageria em cores” resumia o conteúdo da matéria.

– Azul, vermelho e branco ou preto e vermelho. Cuidado ao se vestir com as cores do seu clube do coração. A briga entre criminosos infiltrados em torcidas organizadas de Bahia e Vitória faz mais uma vítima que corre o risco de ficar paraplégica .

Por ironia, o crime foi cometido quase em frente ao Ministério Público da Bahia. Lá, os promotores Nivaldo Aquino e José Renato lutam há anos para combater a violência nos estádios. A ameaça de extinguir todas as torcidas organizadas do Estado não é mais novidade. Mesmo assim, as brigas continuam e têm as imediações do órgão estadual como seu principal palco.

– Nós moramos em uma cidade tão bela e os torcedores se preocupam com dois times tão ruins. Daqui a uns dias nós estaremos iguais a São Paulo – disse o padrao da vítima, Dorival Pereira Maciel, ao Correio.

Os torcedores que praticaram o ato de violência confessaram o crime. O caso foi registrado, e investigado, pela 1ª Delegacia de Polícia da Bahia, localizada na Ladeira dos Barris. O presidente de Os Imbatíveis reconheceu que os três acusados faziam parte



da torcida, mas fez uma ressalva na matéria que foi publicada pelo jornal baiano.

– Jamais nós apoiaríamos uma atitude dessas. Nosso único objetivo é fazer festa e apoiar o Vitória. Eu procurei todos eles que me confessaram tudo o que tinha acontecido. Eu incentivei eles a se entregarem. Tinha que dar uma resposta à população. Já que fizeram isso, vão ter de ser julgados e, se condenados, vão ter de pagar pelo crime que cometeram – afirmou Gabriel Oliveira.

Com essas palavras, o líder da torcida recrimina a ação de seus componentes. Mas, dias antes de ter concedido a entrevista, mais precisamente no dia 14 de setembro, quando o Vitória enfrentou o Coritiba no Barradão, a torcida organizada tirava um sarro da Bator:

– Uh, é putaria a Bagay sem bateria! – gritavam os torcedores durante a partida.

A provocação aumentou quando integrantes da torcida do Coritiba chegaram ao estádio acompanhados de torcedores da organizada do Bahia. Para entender o caso, bastava uma lida no site oficial da Bamor. Pela Internet, a torcida do Bahia responsabilizava Os Imbatíveis pelo roubo dos instrumentos de percussão. De acordo com o texto, o material foi roubado três dias antes da partida, também um sábado à tarde. O texto dizia que os assaltantes usavam a camisa dos Imbatíveis e, armados, levaram os instrumentos em dois carros usados no assalto.

Estes fatos ocorridos em uma diferença de apenas cinco dias são conseqüências de agressões mútuas que começaram dois anos antes. Até então, a torcida baiana era conhecida como uma das mais amistosas do País. As cenas de violências vistas pela televisão, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro chocavam tricolores e rubro-negros, que nunca imaginariam viver em seu Estado situação parecida.

Os crimes cometidos fora do estádio, sem qualquer ligação com os clássicos reforçam a tese de grande parte das pessoas envolvidas com torcidas organizadas. Para elas, o que está acontecendo é a infiltração de gangues de rua, tanto na Bamor quanto na TUI.

– Briga de torcida organizada é muito relativo. Às vezes o pessoal traz a violência dos bairros, violência das ruas para a torcida organizada para, de alguma forma, esconder a violência que existe. Então é complicado, porque vem crescendo a violência, não é? E não é a torcida organizada no estádio e sim a violência na cidade em si. O avanço está demais, confronto toda hora com a polícia, o pessoal está se envolvendo em muita coisa errada, é um problema da sociedade – opinou um dos diretores da Torcida Os Imbatíveis, Fernando Ferreira.

Apesar de o presidente da Bamor, Jorge Santana, afirmar que a violência na Bahia começou com a fundação de Os Imbatíveis, hoje tida como uma das torcidas mais violentas do Nordeste, a “guerra” entre os dois lados só estourou em 2006 e com uma atitude de supostos integrantes da torcida do Bahia.

Depois de uma partida entre Vitória e Cruzeiro, realizada no dia 12 de abril, no Barradão, pela Copa do Brasil daquele ano, os integrantes da TUI, Hermílio Ribeiro Júnior e Raiuga Eugênio de Souza, sofreram uma emboscada no bairro de Pernambués. Os dois foram esfaqueados por integrantes da Bamor, que levaram consigo uma bandeira da TUI (roubo que entre as organizadas tem valor de troféu) e um rádio.

Mesmo ferido, Eugênio conseguiu fugir dos agressores. Júnior, ficou internado por dez dias no Hospital Roberto Santos, não resistiu aos ferimentos e faleceu, sendo enterrado no dia 23 de abril no cemitério da Quinta dos Lázaros. Com a agressão e a morte do torcedor rubro-negro confirmada, iniciou-se uma disputa, principalmente pela internet, entre as torcidas.

Fotologs e sites de relacionamentos passaram a ser usados para reivindicar a autoria do crime e para promessas de vinganças. Um dos exemplos foi o fotolog do 12º Comando da TUI, onde a morte de Hermílio foi comentada com frequência. Além do tom provocativo, os textos tinham outra coisa em comum: os erros gramaticais.

– Aaaaah mané não mexe comigo q a chapa eskenta agora tu vai chorar no inferno o bonde eh neurotico sem kô eh noix porra bamor 9º dst o terror do hermilio (sic) – escreveu um suposto integrante da Bamor.

A resposta vinha logo abaixo:

– Vou pegar um por um rebanho de desgraça começou a verdadeira guerra tah ligadu,e naum pesse que e bricadeira naum falow,vou na casa de um por um e vou matar todos! (sic).

A partir daí, as ameaças pela internet só fizeram aumentar. Flogs, sites de relacionamento, fotologs, tudo era usado para demonstrar superioridade e intimidar os torcedores rivais. Passou a ser comum fotos de integrantes da Bamor e da TUI com armas em punho e com camisas, faixas e bandeiras das torcidas adversárias, apresentadas sempre como prêmio e em tom de deboche.

Com o discurso de que não tinham como fiscalizar o que supostos integrantes estavam fazendo na rede mundial de computadores, os líderes das torcidas organizadas sequer buscavam maneiras para evitar os conflitos. Até mesmo estudantes marcavam, através desses sites, brigas em plena luz do dia.

O Ministério Público passou a agir com mais eficácia. Na semana que antecedia cada clássico Ba-Vi, reuniões com os líderes das principais torcidas organizadas, representantes dos clubes, da Federação Bahiana de Futebol (FBF) e da imprensa eram realizadas. Verdadeiras estratégias de guerra foram elaboradas para evitar que a vingança prometida por integrantes de Os Imbatíveis viesse mesmo a acontecer.

Mas, todo o cuidado não conseguiu evitar a tragédia do dia 11 de fevereiro de 2007. Quase um ano depois da primeira morte registrada no Estado por briga de torcidas

organizadas, o Ba-Vi realizado no Barradão, pelo Campeonato Baiano daquele ano, entrou para a história. Não pelo resultado em campo, mas pelas duas vidas que foram tiradas de maneira estupidamente violenta.

Minutos antes de a bola rolar, o presidente da FBF, Ednaldo Rodrigues, representantes do Ministério Público, da Polícia Militar e das torcidas Bamor e Os Imbatíveis realizaram um ato em prol da paz no centro do gramado. Atitude digna de elogios, já que buscava recuperar o clima de cordialidade existente entre as torcidas de Bahia e Vitória.

Manifestação que foi ofuscada pela covardia praticada por integrantes das duas torcidas. Pouco antes do ato em campo, quando chegava ao Barradão, a Bamor provocou um verdadeiro arrastão na frente do Estádio. Na confusão, o pedreiro Luiz Carlos Vítor Pereira, de 41 anos, foi agredido com um soco no rosto, bateu a cabeça ao cair e não resistiu aos ferimentos.

De acordo com o pedreiro Jorge Heleno de Jesus Santos, de 23 anos, que acompanhava a vítima no momento da agressão, ele sequer era integrante da TUI. Casado e

pai de uma menina, então com quatro anos de idade, Pereira era o responsável pela renda da casa, já que sua mulher é deficiente física e não tem condições de trabalhar.

Mesmo com a morte do torcedor do Vitória, confirmada quase uma hora depois, o ato em prol da paz e o jogo foram realizados tranqüilamente. Dentro do estádio, mais confusão. Bombas foram arremessadas em direção ao espaço destinado para a torcida do Bahia. Apesar das explosões, nenhum torcedor tricolor ficou ferido.

Não contentes com o ato, que não deixou nenhum ferido, quatro integrantes de Os Imbatíveis seguiram o ônibus da Bamor ao final da partida em um Palio vermelho. O destino da caravana da torcida era a região do Iguatemi. Mas, por comodidade, três torcedores pediram para descer do veículo antes do ponto final, na BR-324, próximo ao supermercado Makro, região onde moravam.

Foi nesse momento que os homens que ocupavam o Palio decidiram agir. Antes esperaram as viaturas que faziam a escolta do ônibus da Bamor se afastarem. Sem o perigo da força policial, os quatro desceram do carro e ameaçaram os torcedores do Bahia de morte. Dois deles conseguiram fugir, mas o aposentado Pedro Sales Silva, de 43 anos, não teve a mesma sorte. Um problema na perna impediu que ele corresse.

A vingança da TUI foi concretizada depois de pouco mais de três horas do arrastão da Bamor. Mesmo não sendo integrante da torcida do Bahia, como os dois outros amigos que o acompanhavam, o aposentado foi apedrejado até a morte. Também casado, Sales tinha dois filhos. Um menino, então com 17 anos, e uma menina de nove anos.

O único jornal da capital baiana a divulgar as duas mortes no dia seguinte ao clássico foi a Tribuna da Bahia. “Empate em campo, sangue e morte marcam o Ba-Vi”, dizia a manchete da edição do dia 12 de fevereiro de 2007, quando se pensava ainda que um dos óbitos tivesse sido por ataque cardíaco. Mas, no dia seguinte, com a confirmação dos homicídios, o jornal fez uma alusão ao placar da partida em campo: “1 a 1 também no Ba-Vi da barbárie”.

– De nada adiantaram as reuniões, os pactos, as ações politicamente corretas junto aos torcedores. Tudo fachada, tudo mentira. Entre eles, algumas autênticas gangues armadas com bombas caseiras, armas, paus e porretes, alguns disfarçados em mestros de bandeiras, a troca de ameaças, juras de morte e marcação de confrontos para duelos com o objetivo de tirar a vida do “inimigo”, quando do outro lado deveria estar apenas um torcedor que ama o futebol, o seu time do coração, e que tem nos jogos, a ida aos estádios apenas como uma opção de lazer – diz um trecho de uma reportagem

da Tribuna da Bahia, do dia 12 de fevereiro de 2007, sob o título de “Crônica de uma tragédia anunciada”.

Realmente anunciada. Bastava um pouco de atenção à Internet, principal meio de propagação das mensagens de violência entre os torcedores:

– No dia 7 de fevereiro, um torcedor usando o apelido de sangaotob2dst (TOB é a sigla para a Torcida Organizada Bamor e o 2dst é o 2º Distrito, divisão da torcida) desafiou: “aei a bamor vai invadir o 2º como sempre presente e claro bombas na cara dos tuigays e nos mané”...Outro torcedor, identificado pelo apelido de barromeu bamor prevê a tragédia que se aproximava no final de semana: “Dia 11 vem ai invasão ao lixão mais uma vez 15 buzu dessa ves caseira e muitos rojão. Será que morre outro deles? Dessa vez acabamos com essa torcida de merda que já não existe e a bamor mane a maior do norte nordeste se prepara tuigayzada o dia ta chegando – completa a reportagem citando um fotolog como o local das ameaças.

Pouco depois do ocorrido, na madrugada seguinte ao jogo, um torcedor usou o site de relacionamentos do Orkut para comemorar o feito. Em uma comunidade denominada TUI x Bamor, o suposto integrante da torcida do Bahia afirmou:

– ô ô ô Morreu mais um em salvador. Aew galera + um pra nossa coleção...tuigay espancado ate a morte...é nois powa...sem esquecer a destruição que o 4dst feis desgraça...Deu de Machado nos tuigay e um esta enternado...+ pra lá do que pra cá...é a bamor Mané...”(sic).

Enquanto os responsáveis pela tragédia utilizavam a internet para comemorar e demonstrar uma suposta superioridade, os familiares das vítimas sofriam com a perda do parente. Por coincidência, os dois torcedores foram enterrados no mesmo cemitério, quase no mesmo horário. A imprensa, que chegou à Quinta dos Lázaros sabendo apenas do sepultamento de Luiz Carlos Pereira, se surpreendeu com a revolta e a dor dos familiares de Pedro Sales.

A diferença entre um enterro e o outro foi pequena. Menos de dez minutos separaram o adeus ao pedreiro do adeus ao aposentado. Se torciam por times rivais, os dois acabaram unidos pela violência de suas torcidas. Assassinados brutalmente sem qualquer motivo. Deixando em suas famílias a certeza da impunidade aos autores do crime, apesar de os dois homicídios terem sido investigados pela polícia.

Recriminada pela sociedade, a guerra entre as duas torcidas continuou assustando os verdadeiros torcedores. A cada clássico, novas provocações são trocadas através da Internet. O Ministério Público e a Polícia Militar passaram a fazer operações mais rigorosas. No entanto, a atenção e o cuidado, que muitas vezes envolveram cavalarias e até mesmo o uso de helicópteros, ficaram restritos aos dias de jogo entre Bahia e Vitória.

Os últimos acontecimentos, causados pelo Os Imbatíveis, mostram que a violência entre as organizadas ultrapassou os limites do esporte. Mesmo com as três mortes nos últimos três anos, o roubo da bateria da Bamor e a briga no bairro de Nazaré, quando um torcedor do Bahia foi atingido por um tiro, correndo o risco de ficar paraplégico, os integrantes das organizadas acreditam que o índice de violência no Estado ainda é pequeno.

– Um dos índices mais baixos de violência é aqui em Salvador. Das grandes torcidas organizadas o mais baixo é aqui em Salvador. A polícia aqui faz um grande trabalho. O índice de violência é pequeno. Você vê acontecendo muitas brigas em bairro, mas não no estádio. A diretoria não tem como ter controle...sendo que o jogo é na Fonte Nova, a gente tem que tomar conta da torcida aqui e um fato vai acontecer lá na Barra, não

dá. Já saiu do estádio a gente não tem controle – afirmou o diretor da TUI Fernando Ferreira.

Contrário a todo o discurso usado pelos representantes das torcidas, o ex-presidente do Vitória, Paulo Carneiro, credita toda a violência nos estádios a essas organizações.

– Você tem de concordar comigo, de que a torcida organizada é sinônimo de violência nos estádios. Você conhece algum caso de violência nos estádios sem torcida organizada? Eu sou contra torcida organizada. A relação de torcida organizada com o futebol, na minha opinião, é uma grande deformação social que tem, no futebol, com a sociedade. Eu sou contra a torcida organizada.

Outro problema, que para alguns serve de justificativa para o aumento dos incidentes, é o possível envolvimento das torcidas organizadas com facções criminosas. O atual presidente de Os Imbatíveis, Gabriel Oliveira, nega qualquer envolvimento dos torcedores rubro-negros, mas a possibilidade de o tráfico estar envolvido não é afastada.

– Por exemplo, o rapaz tem um problema no bairro dele já com esse outro. Um rapaz torce pro Bahia e o outro torce pros Imbatíveis. Um entra nos Imbatíveis e o outro entra na Bamor e eles se matam. Aí é torcida organizada. Mas não bota como uma

gangue de traficantes, um assalto. Porque a torcida aqui qualquer um pode se associar. Você pode chegar aqui, ser o pior bandido e se associar na torcida. E, às vezes, até se esconder atrás da torcida. E hoje nós temos gente de todo o tipo dentro da torcida. Desde o cara mais pobre, que não tem o que comer, até o mais rico – ressalta Fernando Ferreira.

Discurso reforçado por um depoimento de Paulo Carneiro. Além de confirmar a existência de atos ilícitos nas arquibancadas dos estádios, o ex-presidente do Vitória critica também a maneira como tudo acontece, ao ar livre, sem o menor respeito com os outros torcedores que estão no local.

– É uma violência...você leva uma mãe, uma senhora de idade e os caras estão lá... inclusive com militância de drogas. Tem uma torcida organizada lá que eu sei, que meu filho tava...Eu não tenho nada contra, eu sou Vitória. Meu filho, Leonardo, 21 anos hoje, freqüentava Os Imbatíveis. E lá tinha circulação de drogas à vontade, ele me dizia.

O crescimento desordenado desses grupos, que permite a entrada de qualquer pessoa nas torcidas organizadas vem sendo combatido dentro dos próprios grupos. Cada

torcida busca maneiras para cadastrar seus associados e filtrar seus componentes. Mesmo assim, nem sempre o trabalho consegue minimizar os problemas.

– Se infiltra muita gente que não tem nada a ver, torcedores clandestinos, que não são cadastrados, e aí eles vão formando os bondes, vão formando comandos...aí pronto, vai se juntando e aproveita realmente para roubar, pra bater e pra matar. Isso é em qualquer torcida. Não é só nos Imbatíveis e nem neles lá. É em qualquer torcida – revelou o puxador das músicas de Os Imbatíveis, Lucas Lima, mais conhecido como Chapolin.

Além dos torcedores sem cadastro, Os Imbatíveis tem de enfrentar também a pirataria. Muitas camisetas da torcida são fabricadas clandestinamente e vendidas na porta dos estádios. Como qualquer pessoa pode comprar a camiseta, os diretores da torcida acreditam que muitas ações são praticadas por pessoas que sequer fazem parte realmente da organizada, mas por estarem vestidos com os respectivos uniformes, a sociedade acaba ligando uma coisa a outra. Por isso, no entendimento deles, a fama negativa somente para a TUI.

Por causa dessa desculpa, o Ministério Público do Estado tentou, no começo de 2008, numerar todas as camisas oficiais das torcidas organizadas. Assim, cada torcedor teria um número próprio para sua camisa. Ou seja, a justificativa da falsificação não poderia mais ser usada, já que com o número estampado nas costas de cada uniforme, ficaria mais fácil a identificação do associado.

Depois de muito debate, a proposta não entrou em vigor. As torcidas organizadas justificaram que seria muito difícil ter de numerar todos seus associados. Com a negativa, entendida pelos promotores, se propôs então a extinção das divisões, os distritos e comandos.

A proposta vem sendo estudada, mas as torcidas já começaram a se mover. Os Imbatíveis, por exemplo, proibiu a confecção de camisas por seus Comandos. Além disso, a torcida cadastrou todos os seus associados, privando aqueles que não pagam a mensalidade de alguns direitos, como entrar na sede e participar das festas promovidas pela torcida.

Mesmo assim, os diretores afirmam que muitas pessoas “participam” da torcida sem estarem cadastradas. Para eles, essa heterogeneidade com o grande número de simpatizantes nos estádios faz com que a violência perdure.

– Eu concordo que existe sim violência, como ocorre em qualquer lugar. A gente movimenta muitas pessoas, e aonde tem muitas pessoas, tem pessoas de boa e de má índole. Não que a gente trabalhe isso. A gente não trabalha para ser uma torcida violenta, mas acontece que tem pessoas violentas como existe em qualquer lugar. A gente não tem preconceito com quem é violento e quem não é. Nós só queremos que essas pessoas que usam da violência não queimem nosso filme. Se ocorrer o uso da violência, nós afastamos essas pessoas – comenta o presidente da TUI.

Apesar de publicamente combater a violência, muitas letras de músicas cantadas nos estádios e atitudes da torcida demonstram o contrário. Por isso, os órgãos oficiais estão em busca de novas maneiras para eliminar os ditos maus elementos e permitir que o torcedor baiano possa voltar a torcer com tranqüilidade.

– Mas, pelo visto, as duas torcidas são rivais e a violência, sempre vai ter violência. Minha concepção é essa, não adianta. A nossa ideologia não é essa, mas é como eu es-

tou dizendo a você. Pô, tem um jogo do Bahia, se eu passar todo vestido de Imbatíveis, é claro que se eles me verem, eles vão querer me pegar. Então, a mesma coisa, tem um jogo do Vitória, eles vestidos lá, de palhaço, os caras vão querer pegar eles também – revela Chapolin.

APELO AO DIVINO

A Bahia é conhecida nacionalmente por ser um celeiro cultural e religioso para o Brasil. O baiano é acostumado a conviver com as diversas religiões. O catolicismo e as religiões de matriz africana se misturam em situações corriqueiras, sem que o povo sequer perceba as influências. Com o futebol, não poderia ser diferente.

No Estado, a paixão pelos clubes é cercada por muita fé. Elas vão desde a superstição de alguns torcedores com a cueca da sorte até o presidente devoto que faz questão de levar a equipe à Igreja do Bonfim para a benção antes e depois de cada competição disputada.



Por mais que se diga livre de qualquer crença, todo torcedor já se pegou em um momento supersticioso. Afinal, quem nunca tachou um conhecido que quando vai ao estádio e o time perde de “pé frio”? Quem nunca voltou para casa para trocar a camisa por aquela que deu sorte no último jogo? Quem nunca se pegou procurando o lugar que assistiu a última partida porque o time ganhou?

São pequenos detalhes, mas que demonstram a fé do torcedor. Muitos, realmente, não acreditam que nada disso fará diferença. Como Neném Prancha. Torcedor apaixonado pelo Botafogo do Rio de Janeiro, Antônio Franco de Oliveira foi roupeiro e depois treinador do juvenil da equipe carioca. O apelido surgiu por ter mãos grandes, de 23 centímetros, e o tamanho do pé, pois usava calçados 44.

Neném Prancha nasceu em 16 de junho de 1906 e faleceu em 16 de janeiro de 1976. Ficou conhecido em todo o País como o “filósofo da bola”. Entre outras frases que se perpetuaram no futebol brasilei-

ro, ele disse que “se macumba ganhasse jogo, o Campeonato Baiano sempre terminaria empatado”.

Para garantir, pelo menos o empate no final do campeonato, muitos torcedores e dirigentes do Vitória já realizaram os famosos “trabalhos”. Alvinho Barriga Mole, por exemplo, conta que na gestão de Rocha Pires na presidência do clube, não foram poucas as vezes que os dois saíram de Salvador em direção a Cachoeira, cidade do Recôncavo Baiano, para se consultar com um pai-de-santo local.

A cada partida decisiva a cena se repetia. Alvinho e Rocha Pires iam um dia antes para Cachoeira, almoçavam por lá mesmo e se consultavam com o pai-de-santo. O religioso já passou as mais variadas receitas. Banhos de folha, bodes, carneiros, tudo foi usado e colocado em encruzilhadas de Salvador.

As determinações eram cumpridas à risca, o que não aconteceu com os resultados.

– Que nada rapaz. Uma vez ou outra que dava certo. Negócio de ebó é só brincadeira. Todos os jogos do Vitória, todo Ba-Vi, Rocha Pires ia para Cachoeira fazer promessa lá. Ele como presidente fazia aquilo por amor – conta Alvinho Barriga Mole.

As estripulias para cumprir as ordens do pai-de-santo, já renderam muitas gozações. Em um Ba-Vi disputado na Fonte Nova, Alvinho ficou incumbido de levar um bode para o estádio. A determinação foi passada com a certeza de que obedecendo, o pedido seria atendido.

Ele então não pensou duas vezes. Arrumou um bode, amarrou uma corda no pescoço e o levou para o estádio. Só que o Bahia não fazia parte do acordo. Resultado, o Vitória perdeu mais um clássico e, no dia seguinte, o extinto Jornal da Bahia estampou: “O bode de Alvinho deu bode”.

Além dos trabalhos para o sucesso do time, alguns torcedores do Vitória fazem também para que o Bahia não alcance seus objetivos. Foi assim em 2004, no ano em que o tricolor desperdiçou a oportunidade de voltar para a Série A do Brasileiro ao perder para o Brasiliense, no último jogo da competição, em plena Fonte Nova.

Muita gente não sabe, mas naquele dia, um fotógrafo de um jornal baiano, que pediu para não ser identificado, preparou um pequeno trabalho para impedir que o Bahia vencesse o time do Distrito Federal. Torcedor apaixonado pelo Vitória, ele não hesitou. Para não deixar o tricolor subir, valia de tudo.

– Levei dois bonecos cheios de alfinetes. Um era o goleiro, pra ele não pegar a bola, e o outro era o zagueiro, pra dar pênalti, e um balaiozinho. Levei arruda, levei um monte de coisa lá – revela rindo.

Com tudo arrumado em uma bolsa, o fotógrafo chegou mais cedo à Fonte Nova e correu para uma das traves para depositar o trabalho. Sem que ninguém percebesse, deixou tudo em um canto. O material só foi percebido por uma emissora de televisão e pelo árbitro da partida, que retirou tudo de lá. Para não levantar suspeitas, o fotógrafo ainda fez algumas fotos do trabalho para entregar no jornal.

– O juiz tirou, mas eu fui lá e coloquei de novo. Se tivessem me visto na hora não iria ter problema nenhum, eu falava que foi alguém que pediu para colocar aqui – afirma.

Ele faz questão de dizer que o que fez não é macumba. Ao ser perguntado o que seria, respondeu de bate – pronto:

– Eu sou um fenômeno. Tudo que eu quero eu consigo – brinca.

Além do trabalho para não deixar o Bahia subir, ele revela ter feito outros, como por exemplo, um para o Vitória voltar à Série B do Campeonato Brasileiro em 2006.

Neste, nada de bonecos. Apenas arruda, alho e um terço, colocados em uma das áreas do Barradão um dia antes da partida decisiva.

Apesar de todos os trabalhos que já realizou, o fotógrafo se diz católico, mas afirma que frequenta todas as religiões. Para ele, o seu ato não é decisivo em uma partida, mas pode ajudar ou atrapalhar, como no caso do Bahia.

– O trabalho que você faz, não é do candomblé. É um pensamento positivo que você faz. Por exemplo, você quer conseguir uma coisa, se você colocar na sua cabeça que você vai conseguir, você consegue. Só depende de você. Primeiramente Deus e você – justifica.

Já para Rosicleide Aquino, somente Deus pode mudar o destino das coisas. Ela diz não acreditar na eficiência desses trabalhos. No entanto, revela ter sido chamada por alguns dirigentes da equipe e afirma que já contribuiu para Carlinhos, fundador da torcida Leões da Fiel, realizar um ebó.

– Quando eu não era de Jesus, algumas pessoas já me chamaram mesmo. Até gente lá do Vitória, que até já faleceu, não sei se eu devo citar nomes, pessoas lá, importantes já me chamaram. Uma vez mesmo, foi Carlinhos da Leões da Fiel. Nós fomos lá em

Itapuã e o Vitória tomou uma balaiada. Eu disse logo: “Quero meu dinheiro de volta”. Ele me pediu o dinheiro, foi fazer e tomou foi 3 a 0. Isso aí é tudo enganação – diz Rosicleide.

Quem também não leva muito a sério a realização de trabalhos é Lôro do Fusca. Ele diz respeitar as pessoas que o fazem, mas nunca fez nenhum. No entanto, tem suas superstições e costuma acreditar nelas.

– Tem vezes que eu digo que o Vitória vai ganhar tranquilo, quando tem vezes que eu coloco na cabeça: o Vitória vai perder, que eu também nem vou no Barradão, porque já sei que não vai dar certo – comenta.

Em uma dessas vezes, ele saiu de casa com o Fusca todo enfeitado. Demorou horas para deixar o carro pronto com todas as bandeiras que merecia. Mas, de repente veio algo na cabeça dizendo que não era para ele ir, que seria uma decepção. Lôro então não pestanejou. Para não dizer que fez uma viagem perdida, deu algumas voltas com o carro e foi para casa. Atitude certa, já que naquele dia o Vitória perdeu.

No meio de todas essas crenças, o presidente do Vitória precisa saber lidar com as mais variadas opiniões e tomar cuidado para não atacar nenhuma delas. Por diversas

vezes o Barradão já foi utilizado como palco de eventos religiosos, tanto evangélicos quanto católicos. Mas, a maior ligação do clube é mesmo com a Igreja Católica.

O clube tem, inclusive, um santuário de Nossa Senhora da Vitória dentro do Barradão. Além das visitas constantes à Igreja do Senhor do Bonfim, a diretoria realiza esporadicamente missas na Toca do Leão. Bênçãos que são concedidas pelo monsenhor Gaspar Sadoc e pelo frei Paulo, da Pituba.

A proximidade com os católicos não tira de Jorge Sampaio o caráter conciliador e amigo de todos. Ele faz questão de abraçar a todos os tipos de crenças e ajudas ao Vitória.

– Eu respeito todo tipo de crença e como bom baiano gosto de toda manifestação de massa, de toda manifestação religiosa. Gosto do sincretismo da Bahia, enfim, algumas atividades já aconteceram aqui no Barradão para proteger, para dar uma limpeza no campo de jogo. Acolhemos aqui como um clube de futebol aberto e de vanguarda, mas a minha formação é católica e nós também temos uma estreita relação com a Igreja.

SENTA QUE É DE MENTA

Se em campo o crescimento e fortalecimento fizeram com que o Vitória mudasse o quadro do futebol baiano e a torcida passou a se orgulhar ainda mais do vermelho e preto, fora dele houve também uma grande mudança. Antes motivo de chacota por todos os torcedores do Bahia, os rubro-negros puderam reverter o quadro das provocações.

As derrotas constantes até o início da década de 90 ao principal adversário, o Bahia, exigiam dos torcedores do Vitória uma paciência acima do normal. As provocações vinham de toda a parte e os rubro-negros precisavam saber como aturá-las.

– O Vitória perdeu um Ba-Vi uma vez, e me desenharam nessa parede aqui. Eu com uma barrigona assim, chorando. Já pensou? O cara pintou rapaz. Agora eu procurei esse cara e até hoje eu não sei, mas tem gente que sabe – conta Alvinho Barriga Mole, apontando o muro ao lado do prédio onde mora no bairro do Rio Vermelho.

Muitas vezes, a gozação acontecia até mesmo quando a disputa não era entre os dois principais clubes do Estado. Alvinho lembra, por exemplo, que viajou para uma partida entre Vitória e Cruzeiro, em Belo Horizonte. Naquele jogo, o Vitória levou a pior e

perdeu por 6 a 0, com quatro gols de Dadá Maravilha, atacante que já teve passagem pelo Bahia.

– Quando eu subia aqui na rua, eles ficavam gritando “Seis Cruzeiros” (em referência à moeda da época). Rapaz, eu pedia a morte – lamenta.

E não eram somente os torcedores do Bahia que incomodavam não. Na disputa do título do Campeonato Brasileiro de 1993, quando o Vitória decidiu com o Palmeiras, os baianos, em geral, tiveram de suportar as provocações e o preconceito dos torcedores palmeirenses. Mas, na hora certa, a torcedora símbolo Rosicleide Aquino soube dar a resposta.

– Eles diziam assim em 93: “Baianos imundos, sua mãe é empregada de Edmundo”. Aí o pessoal da TV Bahia indagava “Rose, você não vai responder não?”. Eu virei e respondi: “Porcos, imundos, quem tem Alex não precisa de Edmundo”. Eles piraram – relembra risonha.

Por causa dessa resposta, Rosicleide foi cassada por integrantes da Torcida Mancha Verde, do Palmeiras. Ela conta que foi salva por uma simples coincidência. O sobrenome Aquino era o mesmo do então presidente da torcida organizada paulista, Rogério

Aquino. Como os dois têm descendentes em Ilhéus, no interior da Bahia, o líder da Mancha Verde acreditou estar diante de uma familiar e perdoou a “ousadia” da torcedora.

A forra rubro-negra só veio mesmo com o decorrer da década de 90. O Bahia deixou de ser carrasco e passou a ser freguês. O azul, vermelho e branco não eram mais vistos com tanto medo. O título baiano passou a ser constante na Toca do Leão. Aí, não teve outro jeito. Reprimidos durante anos por causa da superioridade do rival, os torcedores do Vitória enfim puderam explorar toda a sua criatividade.

As gozações são as mais variadas possíveis. Os rebaixamentos do Bahia, a hegemonia do Vitória e o longo jejum de títulos do “time de Itinga”, como gostam de chamar os rubro-negros em referência à localização do Centro de Treinamentos do Fazendão, no Alto de Itinga, culminaram com um apelido que pegou rapidamente entre os torcedores rubro-negros: Jahia.

– Essa geração nova é uma geração que é vencedora, mas a minha geração, eu que tenho 50 anos, a minha geração sofreu muito, perdeu muito e isso, obviamente, se in-

verteu nos últimos 20 anos e a garotada aí de 20 até 30 anos é totalmente vencedora – comemora o presidente do Vitória S/A, Jorge Sampaio.

Outro ponto bastante usado pelos torcedores do Vitória para deixar os tricolores de cabeça inchada é a falta de um estádio próprio. As provocações aumentaram em 2008, quando o Bahia ficou literalmente sem-teto, já que a Fonte Nova estava interditada desde a tragédia do dia 25 de novembro, quando sete pessoas morreram, e a reforma do Estádio Roberto Santos, conhecido popularmente como Pituvaçu, não ficou pronta no prazo estabelecido pelo governo.

Mesmo assim, o diretor de futebol do Bahia, Ruy Accioly, não se conteve quando o tricolor derrotou o Vitória, em pleno Barradão, por 4 a 1, no quadrangular final do Campeonato Baiano de 2008. Logo após a partida, Accioly afirmou nos microfones das emissoras de rádio que o Barradão era o “Recreio dos Tricolores”, já que o Bahia defendia uma invencibilidade de dois anos em campo inimigo.

No momento, a diretoria rubro-negra ouviu calada. O Bahia estava melhor no Baiano, liderava a competição e acabava de ganhar um clássico com tons vexatórios. Mas, o

Vitória conseguiu se superar e, contrariando todas as expectativas, conquistou o título estadual, mantendo o jejum do rival, que já dura sete anos.

Foi aí que Jorge Sampaio extravasou a raiva com as declarações do dirigente rival. Com o título confirmado, Jorginho, como é conhecido, contou uma história de um garoto que teria encontrado no Barradão, chorando, mesmo com a conquista rubro-negra. Segundo o presidente, esse garoto lamentava a violência do pai todas as vezes que o Vitória era campeão baiano. Foi aí que o dirigente teria questionado o que o pai do menino fazia quando o time dele, o Bahia, vencia. A resposta do rubro-negro não poderia ser mais provocativa: Não sei, tenho apenas oito anos.

– A brincadeira, a gozação, que na realidade é até uma característica do Estado, característica da Bahia, de uma convivência pacífica entre as torcidas e muita brincadeira, muita gozação, eu sou totalmente a favor. Eu não gosto de brincar com adversários, respeito adversários, mas quando sou gozado, perturbado, como fui no início desse campeonato agora, eu procuro responder à altura. Ele brincou muito, o dirigente adversário, pediu por isso, e teve a resposta dele quando o Vitória foi mais uma vez campeão baiano. Mas fica no campo da gozação sadia, da brincadeira, jamais vai ser

provocada por mim, mas sempre respondida à altura quando for provocada pelo adversário – ressalta o presidente do Vitória.

Enquanto Jorge Sampaio prefere manter a paz entre as duas equipes, sem provocar os dirigentes do Bahia, os torcedores do Vitória querem é aumentar cada vez mais o leque de gozações. Quem faz isso muito bem é Lôro do Fusca. Criativo, ele aproveitou a fama do atacante Índio, responsável pelos triunfos do Vitória nos Ba-Vis de 2007, e adaptou a comemoração do jogador para o carro.

Cada vez que colocava a bola na rede do Bahia, Índio se dirigia para a torcida e imitava o gesto dos nativos brasileiros ao atirar uma flecha nas presas. Rapidamente, Lôro adaptou um arco e uma flecha para ornamentar a parte exterior do veículo. Provocação sadia, que segundo ele, é vista com bons olhos até mesmo pelos torcedores rivais.

Apesar de comemorar a fase superior de sua equipe, Alvinho Barriga Mole lamenta o fato de não ter tantas condições assim para descontar as provocações sofridas durante boa parte de sua vida.

– O torcedor do Bahia me provocava muito e eu não tinha nem o que falar na época, porque o Vitória só vivia perdendo. Mas agora, é só alegria. Estamos por cima, mas,

infelizmente, minha idade e minha saúde não me permitem ficar por aí provocando. Deixo isso para os meninos novos e para Os Imbatíveis, que é quem faz a festa no Barradão e provoca muito bem – comenta.

Um dos responsáveis pela festa citada por Alvinho é Lucas dos Santos Lima, de 28 anos, conhecido por todos de Os Imbatíveis como Chapolin. Há 16 anos fazendo parte da torcida, desde quando ainda era chamada de Torcida Jovem, Chapolin orgulha-se de na última década comandar a massa rubro-negra no Barradão.

Como puxador de Os Imbatíveis, Chapolin diz que ficou mais conhecido e respeitado entre os torcedores. Para ele, todo o esforço para animar a torcida, que muitas vezes o faz ficar sem voz no dia seguinte, é recompensado quando o time vai bem e os integrantes da organizada respondem da maneira que ele quer.

As músicas têm origens diversas. A maioria é de composição do próprio puxador. No entanto, ele afirma que qualquer outro torcedor do Vitória, mesmo que não seja associado a Os Imbatíveis pode sugerir e apresentar composições. Normalmente, os ritmos preferidos são o samba, o funk e o maracatu. Cada letra tem o momento certo para ser usada.

– Eu sempre faço as músicas conforme o time. Se o time está atacando, a gente puxa uma música para incentivar o time atacando ou também quando o time está perdendo tem a música de incentivo e tem também as músicas provocativas quando a torcida é rival – revela.

A inspiração é dividida com o outro puxador: Beira-Mar. Amigos e companheiros de torcida, os apelidos da dupla são por causa da lealdade, comparada com a de dois traficantes do Rio de Janeiro. Mas, Chapolin faz questão de ressaltar que as coincidências param por aí.

Os dois se revezam em cima de um barril colocado no meio das arquibancadas do Barradão. Cada um tem o direito de comandar o show nos dois tempos da partida. Trabalho dividido e cooperado antes, durante e depois dos jogos. Atividade que agrega também os músicos da bateria, que têm ensaio uma vez por semana para poder deixar tudo afinado e sincronizado.

– A cada dia que passa a gente vai criando novas músicas aí vai cantando, a galera vai pegando. Às vezes, quando a música é bem grande, a gente distribui os folhetos

antes, uma hora antes de começar o jogo a gente já sai passando na arquibancada, já vai ensaiando – comenta.

As músicas passaram a surgir com maior frequência depois da recuperação que a equipe teve depois das duas quedas seguidas. As novas composições acompanharam a onda nacional, que começou no Rio de Janeiro, com letras voltadas mais para o clube do que para a autopromoção das torcidas organizadas.

Antigamente, o mais freqüente nos estádios eram as torcidas cantando para elas mesmas. Letras que falavam apenas de violência, do nome da organizada e denegrindo as torcidas dos times adversários. No entanto, o pensamento mudou e como sempre acontece quando o assunto é torcida, foi copiado no Brasil inteiro, mas preservando as peculiaridades de cada região.

– Tem música que uma torcida canta, outra torcida canta, mas quando é música própria mesmo da torcida, só aquela torcida que utiliza, porque senão fica uma coisa assim meio sem lógica, porque a televisão mostra uma torcida cantando uma coisa. Então aquela música é oficial daquela torcida. Então a gente não pode cantar aquilo que é oficial daquela torcida – ressalta Chapolin.

Copiando ou adaptando, o importante foi que as letras passaram a ser mais leves e decoradas por crianças e adultos.

– É importante, não é? Porque aí os jogadores vão ver que a gente está sempre com eles e isso ajuda bastante ao clube ir para cima pra vencer, não é? Mas as músicas de provocação às outras torcidas sempre é bom também, naquele motivo de quando a gente está vencendo, não é? Provocar a torcida sempre é bom – pondera.

Provocação muito bem feita durante o quadrangular final do Campeonato Baiano de 2008. Quando venceu o primeiro Ba-Vi da fase decisiva, no Barradão, a torcida do Bahia aproveitou a oportunidade e lançou a música da banda Aviões do Forró “Chupa que é de uva” para comemorar o resultado e dar uma leve cutucada em relação ao título da Copa da Uva, conquistado pelo Vitória.

Durante toda a semana, os rubro-negros tiveram de agüentar calados os versos sendo repetidos a todo instante, em qualquer lugar. Mas, os torcedores do Vitória souberam dar a volta por cima. Logo depois de o Aviões do Forró ter lançado a música, a banda Cavaleiros do Forró fez uma resposta, com o título e versos de “Senta que é de

menta”. Utilizando o mesmo método, Os Imbatíveis foi à forra no domingo seguinte, quando o Vitória derrotou o Bahia no Estádio Jóia da Princesa, em Feira de Santana.

– A gente trabalha muito em cima das provocações. Se eles estão em vantagem e criaram uma provocação para nós, o que é que a gente faz? Nós também criamos uma resposta para caso a gente dê a volta por cima, já estarmos cientes do que vamos fazer. Fora aquelas músicas que a gente já tem, que é relativa de provocação, que quando a gente grita, quando a gente canta, incomodam bastante eles – diz Chapolin.

No entanto, essas provocações muitas vezes são feitas em um jogo qualquer. Não é difícil estar no Barradão e ouvir Os Imbatíveis cantando músicas com xingamentos à Bamor.

– Eu sou um puxador que sempre faço a vontade de meus componentes. Eu sou do povo. Se o povo quer funk, a gente vai cantar funk, se quer samba, a gente vai cantar samba, se quer axé, o que for, a gente vai cantar também. Eu estou sempre com o povo. Então, são músicas que, às vezes, eu até evito cantar, porque não é jogo, não é clássico, então eu acho que não tem nada a ver com o nosso objetivo ali, que é estar empurrando



o Vitória. Mas, às vezes, é bom porque eles gostam de cantar. E é como eu digo, eu faço sempre a vontade de meus componentes – justifica.

Na maioria das vezes, os pedidos dos torcedores são sempre atendidos. E olha que não são poucos aqueles que querem dar um conselho, uma opinião ao puxador. Dicas e sugestões vindas somente das arquibancadas. Segundo Chapolin, os jogadores não costumam interferir neste lado lúdico da torcida. Aos atletas fica somente a responsabilidade de fazer o papel dentro de campo para que o trabalho dos puxadores não tenha de ser dobrado.

– Depende muito do Vitória. Se o Vitória estiver bem no campo, a gente está cantando, mas se estiver uma merda, ruim no jogo, alguma coisa assim, a torcida dá mais aquela segurada. Então isso já é mais trabalho para a gente. Porque a gente tem de procurar as músicas que a galera mais gosta pra ficar empurrando, empurrando, empurrando até o Vitória conseguir fazer o gol – resume Chapolin.

A ESPERANÇA SUL-AMERICANA

O orgulho do torcedor do Vitória nunca esteve tão alto. A volta por cima depois das quedas consecutivas para as Séries B e C do Campeonato Brasileiro e a confirmação da hegemonia estadual fizeram com que o vermelho e preto passassem a serem cores constantes nas ruas de Salvador. Mudança no comportamento e na postura que fizeram com que novos torcedores fossem conquistados.

A emoção pelo crescimento do time é comum a todos os rubro-negros. Exemplo disso é Alvinho Barriga Mole, que fala com extrema satisfação da atual situação da equipe. Condição, aliás, invejada por muitos times brasileiros. Em apenas três anos, o Vitória saiu da última divisão do futebol nacional para disputar uma competição internacional, a Copa Sul-Americana.

A campanha surpreendente no início do Brasileiro fez com que muitos torcedores sonhassem com uma vaga na Taça Libertadores da América e, até mesmo, com o título nacional. No entanto, de forma inexplicável, o time caiu drasticamente de rendimento

na segunda fase e passou a brigar pelas últimas vagas para a Copa Sul-Americana de 2009.

Decepção sim, mas nada que tire o orgulho do torcedor rubro-negro. Ele passou a vestir com maior frequência as cores de seu time do coração. A vergonha de tempos atrás foi substituída pelo orgulho de hoje em dia. Uma verdadeira onda vermelha e preta tomou conta das novas gerações e faz com que a cada dia novos torcedores surjam e diminua-se, assim, a vantagem numérica em relação ao Bahia.

Os tempos, definitivamente, são outros. Se sofria até a efetivação do Barradão, o torcedor do Vitória agora tem motivos de sobra para comemorar. O futuro da equipe parece promissor. Com a possibilidade de disputar uma competição internacional em 2009, as previsões são de dias cada vez melhores.

No entanto, a diretoria ainda luta para fazer com que a torcida seja verdadeiramente fiel ao clube. O apoio dado nas Séries C e B do Brasileiro foi surpreendente. Barradão lotado a cada partida e o torcedor empurrando o time do primeiro ao último minuto. O que não se repetiu na 1ª Divisão, principalmente com a queda de rendimento da equipe na etapa final.

Motivo de queixa da diretoria e de preocupação em planos e estratégias para fazer com que o torcedor continue presente às arquibancadas do Estádio Manoel Barradas, o Barradão.

– Tivemos uma média acima de 15 mil na Série C, tivemos uma média de 19 mil na Série B e agora é que nós estamos tendo uma média abaixo da que eu esperava. É uma média de 15 mil, 16 mil agora na Série A e eu realmente estou triste com essa média. Esperava muito mais da torcida do Vitória na Série A – lamenta o presidente Jorge Sampaio.

SOBRE ESSE LIVRO

Ba-Vi: uma paixão sem limites

Raphael Carneiro

ISBN 978-85-62069-21-5

Publicado pela [Editora Plus](#) em outubro de 2009.

Versão eletrônica

Editor-geral: Eduardo Melo

Capa: Leandro Carvalho

Versão impressa

Capa: Leandro Carvalho

Fotos: Francisco Galvão e Romildo de Jesus

Coordenação editorial: Carina Flexor

Orientação: Cleidiana Ramos

Revisão: Eliezer Bonfim

SOBRE A EDITORA PLUS

A Editora Plus, ou *Projeto para o Livre Uso do Saber*, tem como objetivo publicar livros inéditos e gratuitos, exclusivamente em formato eletrônico, sem custo algum para autores e leitores. Também desenvolvemos projetos educacionais nessa área. É a primeira editora do Brasil a publicar livros para celular, e a primeira a publicar no standard internacional .ePub. Para conhecer mais sobre nosso trabalho e outros livros publicados, visite editoraplus.org.

O que você pode fazer com esse livro

A você é dado direito de distribuir esse livro, tanto faz se for em meio impresso ou eletrônico. Você pode copiar e passar adiante para todo mundo. Esse livro não pode ser alterado de nenhuma forma, e você não pode cobrar nada por ele.

Download

Esse livro foi publicado em 4 formatos diferentes (ePub, PDF, Mobi e Java) e pode ser baixado gratuitamente no site editoraplus.org. Versão 1.0.

Copyright

O copyright desse trabalho pertence aos autores, únicos responsáveis pelo conteúdo apresentado aqui. Pedidos ou permissões de uso devem ser dirigidos diretamente aos autores. Essa obra é licenciada sob a chancela da Creative Commons Uso Atribuído - Não Comercial - Não derivativo. Para ver uma cópia dessa licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/br/>